

LETTERIO SANTORO



Pablo Picasso, Don Quixote, 1965

CRÔNICA DOS ACONTECIMENTOS ESCOLARES

Capa: Quadro de Dom Quixote, de Pablo Picasso,
reproduzido da internet.

BIBLIOTECA APEG
GARÇA – Junho de 2015

EPÍGRAFES

“...madruga o estudante sobre o livro, que tantas madrugadas custou ao seu Autor, quantas são as letras, muitas vezes riscadas, de que está composto...”

*(Pe. Antônio Vieira, Sermões, vol. V,
in Sermão da Ressurreição de Cristo Senhor Nosso)*

“A participação dos alunos na condução dos negócios da escola é o melhor exercício para a futura participação dos cidadãos na vida política do país.”

Letterio Santoro, in Crônica dos Acontecimentos Escolares)

“A abelha é pequena entre os seres que voam,
mas o que ela produz é o que há de mais doce.”

(Eclo 11, 3)

“.....
que acreditó su ventura
morir cuerdo e vivir loco.”

(Dom Quixote, II, cap. 74)

“Mestre não é aquele que tudo sabe, mas o que de repente aprende.”

(Guimarães Rosa, in Grande Sertão: Veredas)

DEDICATÓRIA

**Aos eternos Companheiros
do CFP Brasília Machado Neto, do SENAC/SP,
com os quais vivemos juntos parte da aventura da vida.**

ORIGEM DO NOME DO ROMANCE

Era na década dos anos 1970, no tempo de escolas Senac, no bairro da Liberdade, na Capital paulista, onde eu era Orientador Educacional. Naquela época havia um informativo chamado Jornal do Senac para o qual colaboravam alunos, pessoal administrativo e técnicos como eu.

Todos aguardavam nas escolas a chegada mensal do Jornal do Senac, pois nos permitia ter uma visão estadual da Instituição. Nele cheguei a publicar pequenos contos, e por alguns números mantive até uma coluna denominada Crônica dos Acontecimentos Escolares, onde contava para os leitores de todas as escolas Senac da Capital e do Interior o que acontecia em nossa “Brasílio Machado Neto”.

Guardo com ciúme os recortes dessas páginas, relíquias de uma idade tranquila, bem sucedida, produtiva nos escritos, a retratar os acontecimentos de meu local de trabalho. Gostei tanto do nome da coluna e da experiência no Jornal do Senac que resolvi dar aquele mesmo nome de Crônica dos Acontecimentos Escolares ao meu romance que trata do que sucede numa escola ao longo de um ano.

A escola, na verdade, como se verá no livro, é o mundo com suas venturas, desventuras e aventuras na vida do indivíduo e da comunidade. Os acontecimentos da escola Senac descritos mensalmente no Jornal do Senac eram uma coisa; os acontecimentos escolares do romance são outra coisa. Aqueles eram ingênuos; estes são existenciais.

Na verdade, ao desenvolver a trama da história, sirvo-me da metáfora da escola, de cujos acontecimentos participei com entusiasmo para descrever o desconcerto do mundo e da vida de que ninguém consegue escapar.

Ao reler estas páginas escritas trinta anos atrás, arranquei do romance o que excedia, o que se repetia, permanecendo, porém, a essência completa de meus sentimentos de então. E percebo agora, ao publicar este romance escrito com paixão, quanto esta Crônica dos Acontecimentos Escolares está acima daquela crônica a denominar a coluna do Jornal do Senac. De igual só têm o nome. Porque a coluna do Jornal, cujos recortes guardo ciosamente, já caducou com os anos; e a do romance, por retratar a condição humana, permanecerá talvez por mais algum tempo!

PREFÁCIO

Contou-me certo amigo de Faculdade que, nos tempos de internato, havia no colégio um cargo meio desconhecido e muito interessante: o Cronista oficial. Era indicado para o cargo quem mais se destacasse em redação, que tivesse boa letra e alguma seriedade. Cabia ao Cronista escrever, de modo agradável e com espírito, a crônica dos acontecimentos escolares. Dizia das grandes festas e solenidades; dos dias tristes e difíceis; das excursões, das palestras, das mudanças, enfim da vida cotidiana do internato. E para que escrevia o Cronista? Para que a posteridade conhecesse os fastos e nefastos do passado, e daí tirasse algumas conclusões.

Perguntei a meu amigo se ele chegou a ler algum caderno de Cronista de seu tempo ou de outros tempos. E ele simplesmente me respondeu que não. Fiquei triste com sua resposta. Juro que fiquei. Quantos casos interessantes haveria por aquelas inumeráveis páginas, quantas descrições lindas de festas ou passeios vividos por uma comunidade ensimesmada. No entanto, tudo se perdeu! Todo um esforço ininterrupto de anos, toda uma série de escribas numa busca diária e torturada da perfeição atirados ao leu, comidos das traças, esquecidos para sempre. Se os Cronistas de meu amigo foram assim menosprezados, imagino qual será o fim destas pobres páginas, desta crônica dos acontecimentos escolares vivida pelo autor. A finalidade da obra é a mesma dos anônimos e excelentes Cronistas do internato. Ainda que o fim venha a ser o mesmo, imponho-me este exercício, e ousou oferecê-lo à posteridade, a exemplo do ímpar poeta latino Ovídio Nasão, este opúsculo que me saiu do coração.

- ÍNDICE -

Índice dinâmico = possui link. Basta escolher determinado mês e clicar em cima do mesmo para ser redirecionado a escolha correspondente.

FEVEREIRO

MARÇO

ABRIL

MAIO

JUNHO

JULHO

AGOSTO

SETEMBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

FEVEREIRO

Fevereiro, 01. De volta das férias, em novo trabalho. O assunto aqui na escola hoje: viagens, aventuras, comidas. Os colegas nem perceberam minha promoção. De administrativo passei a professor. Esforcei-me, estudei, insisti e... consegui. Se vê que as ideias e os sentimentos do pessoal ainda vagueiam por estradas, países e hotéis. Também o diretor não avisou de nada. De qualquer modo, começo de cabeça erguida, mas temeroso.

Fevereiro, 05. Gostei dessa primeira semana. Senti a reação dos companheiros, senti a reação dos alunos. Me lembro dos tempos de colégio, de nossa reação quando aparecia um professor novo. Alguns o acolhiam bem, outros o desafiavam para testá-lo. Foi o que notei nos meus alunos ao entrar em classe. Ou foi apenas uma recordação do passado?

Fevereiro, 06. A reação dos professores à novidade de minha promoção também foi desigual. Uns me acolheram com satisfação; outros, com um sorriso dúbio pelo menos. Coisas da vida! O diretor me apresentou a todos. Já então - enquanto ele falava - adivinhei nos olhares dos companheiros o que me esperaria. Foi no segundo dia. Comentei minhas conclusões com a Maria Luíza com quem trabalhei na Secretaria. Ela confirmou meus pressentimentos.

Fevereiro, 08. Curiosa evolução a minha aqui nesta escola: comecei como aluno, continuei como auxiliar de secretaria, e agora sou professor. As memórias destes três planos se cruzam a todo momento. Convivo ainda com alguns amigos que fiz no colégio: o Chico, o Biju, a Cida, o Maloca, a Lurdinha...Saio com eles ainda em fins de semana, e recordo com eles os bons tempos de escola. Cada qual se foi para um canto a trabalhar. Eu fiquei. Que saudade das disputas esportivas, das excursões, dos intervalos de recreio, dos bailes de formatura! Como profissional tenho outra visão desta mesma escola: conheço-a um pouco por dentro. Conheci nestes anos de Secretaria bons companheiros também. Que me espera agora que ingresso no mundo dos professores? Há de haver surpresas por certo. Sou curioso. Gosto de desafios. Como será que é o professor entre os

colegas? De fora, sempre me deu a impressão de que as aparências sisudas escondiam alguma coisa!

Fevereiro, 12. Pedi aos alunos que escrevessem diário. Exercício. Exercito-me também como bom professor de Português. Foi um professor de Português que me animou a escrever - o Pasqualino. Eu sempre me lembro dele quando escrevo diário. De uma palavra sua me adveio o gosto de ler e escrever. Gosto que não nasceu comigo, mas foi adquirido com o exercício. Só aprende a escrever (como tudo mais) quem escreve. Não disse nada de novo com isso, creio!

Fevereiro, 15. Momentos mais agradáveis das quatro horas do trabalho da noite: o intervalo do café. O que se ri durante os quinze minutos! Rimo-nos das brincadeiras dos alunos, das exigências da Secretaria, das piadas desbocadas da Ieda. Até a dona Izabel, pudica e comedida, ri que ri. Maria Clara sorri com uma graça ímpar entre as companheiras. Ah, aquela covinha na bochecha! Ela é mais para ouvir do que para contar.

Fevereiro, 16. Alguns alunos descobriram que eu vim da Secretaria. Tentam uma atitude mais liberal. Não posso ser muito duro e ao mesmo tempo não posso perder as rédeas. Lembro-me de um caso em que os meninas do secretariado não aceitavam bem uma antiga colega delas dando-lhes aula. Chegaram a um acordo e hoje é uma ótima professora. Conseguirei o mesmo? É curioso como não se acredita em quem começa: os alunos pensam-se cobaias, os professores acham-nos intrusos.

Fevereiro, 17. Tem professor que já começou a contagem regressiva para as férias de julho. Pensei que só os alunos fizessem isso! Ainda bem que é brincadeira. Nos meus tempos de Administração, no curso técnico, com saudades dos bons dias de férias e diante da perspectiva de um deserto de aulas maçantes, sonhávamos com as próximas. O professor não sentiria ele também, à vista de uma classe de jovens agitados e desatentos, uma perspectiva de deserto? Tudo é novo para mim. Como seria, porém, para a velha dona Isabel?

Fevereiro, 19. Se o apoio a meu novo trabalho não é geral, preciso reconhecer que o companheiro José Vicente foi dos primeiros a me animar. José Vicente, com seu jeito afetado e maneiroso, é um ser contraditório. E mais: aborrece a contraditoriedade sem conseguir escapar dela. Feito o pobre gigante Adamastor, de Camões, que sonha estar possuindo uma ninfa quando na verdade se percebe um monte de dura rocha. "O que mais me aflige, companheiro - confia ele - é os outros considerarem artificial um comportamento que me é natural!" Porque há certos colegas que simplesmente o consideram pernóstico. Mas não é. Ao contrário, José Vicente é o nosso Poeta. E o poeta, a meu ver, é o que há de mais contrário ao pernóstico. O pernóstico é afetado; o poeta é espontâneo.

À primeira vista, de fato, nosso responsável pelos serviços gráficos, serve-se de uma linguagem que parece empolada. O sol da convivência, porém, vai afastando dos olhos da gente a névoa espalhada e que nos sugeria figuras extravagantes. Ao lado do companheiro se percebe a inconsistência da opinião. E hoje, esquecido da linguagem barroca, vejo apenas o poeta, o homem apaixonado pela beleza. Não só. Atrás do poeta, que se esconde atrás do "pernóstico", é possível discernir o homem de humor. Como se este quisesse inconscientemente se vingar do falso homem que aparece. Mais uma vez aparece aí o homem contraditório. Isto é, atrás da fachada orgulhosa de José Vicente, esconde-se o menino José Vicente que faz fiu-fiu a ele mesmo. E aos outros naturalmente. Como neste epigrama composto por ele sobre a volta do Diretor depois de enfermo: "Na escola se comentava/com certa leviandade/que o diretor desse vez/se passava à eternidade./-Então supunham que eu fosse/(dizia o velho ao voltar)!/Quando ruim era doce;/amargo é que vou ficar!"

Fevereiro, 20. Gosto de ouvir casos dos professores. Hoje a turma se matou de rir com o caso de pânico ocorrido tempos atrás aqui na escola. Um orientador educacional propôs aos funcionários um abaixo-assinado contra a decisão autocrática do diretor de mudar de Banco para o pagamento do salário. "Sem consulta aos interessados, não se pode agir assim!" - pregava o orientador pelos corredores, enquanto colhia as assinaturas. E todos iam assinando. De repente um professor subiu

esbaforido os escadas, arrancou da mão do orientador a lista com seu nome, rabiscou com fúria e muita tinta o próprio nome e, diante do olhar espantado de todos, respirou aliviado. A explicação veio logo depois, quando outra colega entrou correndo, fez o mesmo gesto com a própria assinatura e confessou: - “Tá doido, seu! Estão falando lá embaixo que quem assinar essa lista será demitido!” O pior aconteceu depois. Mesmo sem o nome deles na lista que acabou sem ser entregue, os dois foram dispensados no fim do ano. O medo se voltou contra eles!

Fevereiro, 25. Carnaval. Para fugir da cidade grande e da poluição fomos acampar. À beira-mar, com muito sol, banhos, alimentação frugal, caipirinhas e muito papo. Papo principalmente à noite, entre uma música e outra ao violão. Era um grupo de amigos: três professores e dois administrativos. Expressei minhas surpresas em trabalhar como professor. O grupo é coeso aos olhos dos alunos, mas é dividido entre si. Então aproveitei para falar de Maria Clara. Nova na turma, mas cheia de graça. Seus modos ensinam mais educação artística que suas palavras! Aí soube também do ciúme que minha promoção provocou em alguns. Ri-me disso.

Fevereiro, 28. Casamento de colega. A Dedé é secretária do Serviço de Orientação. Estava noiva já, quando de repente se apaixonou de um companheiro novo - alto, forte, sonhador, meio desajeitado, mas feroso. Teoria da Dedé: a gente só se deve casar com quem se apaixonou. Pelo visto a coisa foi séria mesmo, pois ela abandonou o noivo e se enrabichou com o Tonhão, conquistador feliz! Era de vê-los aos dois apaixonados: vira e mexe estavam juntos, saíam juntos à hora do almoço. Hoje se casam enfim. Boa sorte, Dedé e Tonhão!

MARÇO

Março, 01. Descobri uma nova maneira de escrever contos. Até pouco tempo atrás aproveitava meus intervalos de almoço e me esbaforia inteiro para produzir uma historieta. E o que acontecia? Acontecia de não completar o trabalho iniciado. E a historieta ficava inacabada, dado que no dia seguinte desenvolvia um outro tema numa outra folha. Até que um dia me cansei e parei de escrever. Cansei-me do método. Arrependido, procurei depois outro método. E o que achei agora me agrada por demais. Tomo uma folha de papel sulfite, meto-a na máquina, e desenvolvo por quanto tempo for necessário o conto que me propus. Aí sim. Sem pressa, com gosto, solta a imaginação, tomo o barco e me mando pelos mares afora. Não há mais pressa, sou senhor da situação. Antes o tempo me aguilhoava e eu acabava caindo. Concluo dessa experiência que o sossego é indispensável para a criação. Nunca criei como agora!

Março, 03. É múltipla a visão que se tem de uma escola. O aluno tem uma visão segundo a qual a escola é um lugar onde se ministram cursos e onde se faz novos amigos. Já o corpo técnico-administrativo cuida que a escola é o lugar onde se tentam experiências pedagógicas novas, onde se aplicam teorias de filosofia da educação. Para o corpo docente a escola é um emprego do qual se vive. Cheio de emoções, mas emprego.

Pena que essa múltipla visão não seja vivenciada por todos. Normalmente o aluno têm a visão do aluno, a equipe técnico-administrativa, a sua, e os professores, a sua. Sorte a minha de ter tido a oportunidade de passar de uma visão para a outra. A visão se desmistifica. Agora sim tenho uma visão completa da escola. Minha experiência é rica.

Março, 05. Sou filiado ao Sindicato dos Professores. Não quero ser apenas um contribuinte do Sindicato. Penso em atuar, frequentar, aproveitar o que tem de bom e dar sugestões para aperfeiçoar a organização dos trabalhadores. Até o ano passado não me importava muito com o Sindicato. Ao receber um panfleto da chapa de oposição que disputará as eleições em junho, me interessei em avançar contra minha ignorância nesse campo. Se professor é trabalhador, então tenho de lutar pelas reivindicações da categoria.

Março, 09. Passei algumas horas de meu fim de semana debruçado sobre um poema que um aluno meu dedicou a uma aluna de outra classe. Diz ele que se inspirou em algumas fotos duvidosas da moça em poses bem sensuais. Não vi as fotos, mas a descrição do rapaz foi muito viva. E o poema conseguiu, a meu ver, mostrar os dois lados, os dois ângulos sob cujo prisma se contempla uma mulher: ou a graça cotidiana, leve, sutil do ser humano com que se convive, ou a sensualidade, o mistério, o carnal, o erótico que, às vezes, nos seus momentos de fêmea, ela ostensivamente manifesta. E a dúvida de meu aluno poeta consiste apenas em se saber qual dos dois ângulos predomina na aluna que o excitou. A jovem Luci, com seus dezoito anos, seu jeito de pantera, seus longos cabelos loiros, tem sempre no seu rastro a cobiça de um homem. E o Paulo está enfeitiçado por ela. Espero que continue escrevendo.

Março, 12. Gostei de uma observação de nosso Orientador Educacional: "Até os quarenta anos tolera-se que a gente acabe por fazer tudo que nos mandam. Depois dos quarenta, está na hora de começar a pensar e agir por própria conta." É uma conclusão dele, em cima da experiência de vida dele. Eu acho até que quanto mais cedo a gente puder pensar e agir com a própria cabeça, melhor. De qualquer maneira, gosto de jeito do nosso Orientador Educacional porque parece que não tem medo de ninguém. É independente.

Março, 16. A Má, que é professora de Psicologia e muito amiga minha, apareceu em lágrimas hoje no trabalho. Motivo: brigou com o namorado. O rapaz a tortura com seu ciúme doentio. Minha amiga não aceita o que considera o cerceamento de sua liberdade. Jurou ela que nunca mais haveria de voltar aos braços do namorado. Nós a consolamos no momento, mas não acredito muito que ela fique sem ele. Outras vezes ela havia jurado e... Mas mulher é um bicho estranho e de repente pode ser verdade o que prometeu.

Março, 18. A turma do 3º colegial pretende preparar a festa de formatura e para tanto tem de organizar a Comissão. Lá se foi uma aula de Português para os primeiros debates. Surpreendi-me com o repentino surgimento de lideranças que eu desconhecia: alunos meio apagados que de um momento para outro se impõem à classe com a palavra e a organização. Me lembrei com saudade da Comissão de Formatura de nossa turma. Turminha brava: o Biju com seu afinco, o Chico, a Rose, a Ivone com seu entusiasmo. Colaborei de algum modo também, vendendo ingressos do baile, ajudando na distribuição do chope nos bailes preparatórios. E nossa formatura com a colação de grau, a Missa e o baile foi inesquecível!

Março, 2ª quinzena. Já se sabe dos resultados da eleição para a diretoria do Grêmio: a CHAPA REVOLUÇÃO venceu a CHAPA RENOVAÇÃO. Um pleito bem disputado, com um eleitorado optando, em maioria, para as ideias de conscientização e organização dos estudantes. O diretor Romão favorecia a vitória da CHAPA RENOVAÇÃO com sua plataforma moderada onde tanto as ideias quanto os componentes eram demais flexíveis. Contra essa preferência do Diretor, havia a preferência de nosso Orientador pelos compromissos da CHAPA REVOLUÇÃO com os estudantes. E o que se viu na semana passada foi um confronto das duas tendências, o choque das duas forças, como águas de dois rios que se encontrassem numa pororoca política monumental. A campanha poluiu o ambiente de cartazes. E o recreio, e os corredores agitaram-se muito mais. A apuração foi emocionante. Cada voto era aplaudido com estardalhaço. Como aprecio essas manifestações de vida da comunidade estudantil!

Desde a escola, com o exercício do voto, eles aprendem a combinar seus interesses com os interesses do bem comum. As classes torcem por seus candidatos. Os amigos, pelos amigos. Nem todos pensam do mesmo jeito. Mas todos têm de estar representados. Daí a luta pela representatividade. Os vencedores serão a nova diretoria do Grêmio. A nova diretoria será a porta-voz dos alunos durante o ano. Os alunos precisam ser ouvidos em suas reclamações, em suas reivindicações. “– Afinal, diz nosso Orientador, a escola existe em função deles. Para que existe o governo senão para servir ao bem comum?” No entanto, tanto na

escola como no país, tem-se a nítida impressão de que a escola e o país é que existem em função do governo. A participação dos alunos na condução dos negócios da escola é o melhor exercício para a futura participação dos cidadãos na vida política do país.

Quem está contente com vitória são os componentes da CHAPA REVOLUÇÃO. O Paulo era um menino simples, estudante comum que até fins do ginásio não se sobressaía aos colegas. Afirmou-se nos primeiros tempos do colegial e surge no último ano como líder maior. “– Dá gosto ver esses meninos saindo da mediania para a liderança!” - confessa o Orientador. Porque também os outros, mesmo não sendo expressões de inteligência, são exemplos de alunos que participam. O Regino, a Marília, a Terezinha – um escrevendo, outro cantando, outro organizando – todos participam da vida da escola. Parabéns à moçada. E que a CHAPA REVOLUÇÃO consiga aplicar suas ideias mesmo com o Romão como Diretor.

Março, 22. Acordei hoje pensando em Maria Clara. A professora me fascina os olhos e me toca o coração. A meiguice de seu espírito se expressa no seu rosto bem feito e suave, guardado no nicho precioso de seus cabelos. Que doçura de gestos tão naturalmente medidos! A voz, meu Deus, a voz de Maria Clara mais parece uma melodia aos ouvidos. E hoje, quando a vi com as duas mãos nos bolsos do avental cor de rosa, extasiei-me em contemplá-la. Sorri-lhe quando me atirou a flor preciosa de seu sorriso. E conversamos antes das aulas sobre educação artística. Que vontade de lhe dizer que era ela a obra de arte mais perfeita que qualquer aluno gostaria de apreciar. Não falei porque sou tímido ainda com ela.

Março, 24. Os alunos começam a se preocupar com os exames. Coisa chata, os exames! Algum dia a escola conseguirá se libertar desse horror que são os exames? É claro que não serão os dirigentes da educação que se irão empenhar nisso. Gerações e gerações de crianças e jovens traumatizados com os exames, como se eles fossem o ponto mais importante da escola. Mas parece ser. Não seria uma obra de subversão que todo professor, feito um guerrilheiro do conhecimento, teria de levar adiante enfrentando em sua sala de aula esse terror burocrático-pedagógico? Em silêncio nós é que temos de nos libertar dele. Vou

conversar com nosso Orientador Educacional sobre isso. Ele tem umas ideias meio revolucionárias.

Março, 26. Papo agradabilíssimo com a professora Bete. A Bete é uma mulher do tipo mignon, de grandes olhos vivos, que adora a Matemática por sua coerência interna. Hoje sentei-me perto dela e fomos falando feito dois amigos a passear pela praia em manhã de sol. De uma pergunta que lhe fiz sobre um filme nacional começamos a discorrer sobre o oportunista e da inconsistência da erudição de que ele se vale. Gesticulando com graça, como para sublinhar as palavras, ela se empolgou na descrição do oportunista como o indivíduo que está sempre perto dos que estão acima dele, que esconde sempre um objetivo por detrás do que aparece, que se mostra sempre em dia com as últimas novidades (pois isso o põe sempre na crista e o favorece!), apelando para a erudição com miras a sobressair no grupo. E a Bete, que eu admiro por sua inteligência e argúcia, falou com entusiasmo do oportunismo que ela percebe numa companheira nossa. Foi amiga dela, tempos atrás, por acreditar na época no absoluto valor da erudição. Amadureceu e chegou à conclusão de que foi enleada por falsa perspectiva. Mudou.

Março, 30. Soube da separação de Aninha. O marido simplesmente abandonou a casa. Não se davam mais. Aninha tentou, por gostar dele, cativá-lo de vários modos. Pensava também no menino. Mas o rapaz abandonou mulher, filho, casa, numa tentativa de total afastamento. Aninha vinha sofrendo muito ultimamente. Mais um amor infeliz. Recordei a festa de casamento, anos atrás, com churrasco, música e dança. Aninha estudou nesta escola comigo. Ela já estava grávida quando casou. O casamento foi um erro. Foi um casamento forçado. Quem sofre mais em tudo isso é o pobre filho inocente. Por que esse contraste da vida que de uma intensa paixão se passe depressa para o aborrecimento doloroso? Coragem, Aninha!

ABRIL

Abril, 01. É possível imaginar um levante de alunos na escola? Pois foi o que aconteceu hoje de manhã aqui. Por toda parte - nas paredes, na grande árvore do recreio, no muro - cartazes com os dizeres: "Queremos o sangue do Romão!". Logo cedo, alguns alunos se puseram e pregar os cartazes, enquanto outros, liderados pelo Tuta da 7ª série, gritavam em piquete o slogan da rebelião: "Queremos o sangue do Romão!". Foi uma agitação fora do normal com a plateia aplaudindo os revoltosos e ao mesmo tempo temendo as represálias do Diretor.

Porque o nome odiado por todos os alunos naquela hora era justamente o nome do Diretor. Todos vimos quando o Diretor lá do alto olhou com curioso desprezo para os alunos que se agitavam lá embaixo. Era a própria imagem da soberba. E ao mesmo tempo do autoritarismo. Não sei o que aconteceria se ele descesse até os alunos. Possivelmente nada. Não só não desceu, quanto convocou o pobre Tuta na sua sala. O bedel o trouxe. À medida que o Tuta subia para o Diretor, os gritos dos piquetes iam enfraquecendo.

O Diretor Romão quis saber das razões da revolta. Foi a proibição do fumo nas dependências da escola, de uma hora para outra. Além, é claro, das diferentes manifestações autoritárias do mesmo. O pior foi depois. Nosso Diretor deixou propositalmente aberta a porta de sua sala para que todos presenciassem a abominável cena que a escola haveria de comentar e ficaria para a memória. Ali, depois de ouvir as razões, ele obrigou o menino a ajoelhar-se e pedir desculpas. O pobre Tuta tentou resistir a princípio, mas, no fim, ameaçado de expulsão, cedeu e se ajoelhou aos pés de Romão, pedindo desculpas. Todos comentaram o fato. À boca pequena, os alunos comentavam a fraqueza do companheiro. Ele não devia obedecer! Mas ao discutir o caso em classe, todos concluíram que fariam o mesmo nas mesmas condições. À noite, ainda se podiam ver, perdurados da grande árvore, cartazes com os dizeres: "Queremos o sangue do Romão!".

Abril, 04. A Cira, professora de Geografia, parece estar namorando com um rapaz da Aeronáutica. Fiquei muito satisfeito com a novidade. A Cira é uma mulher meiga, sossegada, que gosta da vida doméstica ao lado

da mãe. Já é coroa, mas oferece ainda à nossa vista um corpo alto, bem feito, com resto das graças de sua juventude longínqua. Dedicou-se inteiramente à sua disciplina, sempre com atlas, tipos de pedras e curiosidades na mão. Na sala dos professores ela hoje, quase com receio, pronunciou o nome do Ilustre namorado: o Costa. Por aí se vê que nunca é tarde para amar.

Abril, 07. O Paulo, que escreveu um poema a uma colega, foi o melhor aluno de Português nas provas do bimestre. O rapaz escreve muito bem, com naturalidade e graça. No tema livre, ele descreveu o primeiro encontro de uma menina linda com um rapaz por quem se apaixonou. Como mudaram os tempos. Eu não teria jamais a coragem, nos tempos de colégio, de contar com o realismo e o romantismo do Paulo uma cena de amor. E hoje esses moços contam e escrevem as coisas mais íntimas com uma espontaneidade assustadora. Mas o rapaz escreve bem. Como professor gostaria que todos os alunos fossem como esse aluno. Quem não quer?

Abril, 08. Muito sem jeito embora, convidei Maria Clara para sair comigo no domingo. Não é que ele aceitou mesmo? Surpreendi-me na hora. Olhei bem nos olhos dela - aqueles olhos doces e atentos - e fiz o convite. Os olhos dela, como se não tivessem sido pegos de surpresa, sorriram com seu rosto, seu corpo, toda ela. Maria Clara... Parece mais um anjo que uma mulher. Mas não seria um anjo em forma de mulher? Sim, porque não é apenas o espírito, nem tão somente o corpo que me atrai nela. É ela inteira. Suspirei de satisfação com sua resposta. E suspiro agora de ansiedade por vê-la no domingo. Maria Clara, minha querida amiga!

Abril, 11. A professora de Psicologia, ainda bem, está completamente mudada. É uma mulher alegre, vibrante, disposta. O amor faz muito bem a ela (aliás, a todo mundo!). Segundo contou na sala, começou a amar. Brinquei com ela se era o antigo namorado, homem ciumento que, apesar de tudo, ainda lhe vai ao encalço. Mas não. É um desconhecido. “Uma coisa de louco!” - conclui ela. Me admiro da facilidade

que certas pessoas têm de arranjar namorado logo. A Má consegue. E confirmou o juramento de nunca mais voltar para o outro, o ciumento.

Abril, 14. Tem horas que eu penso que a Zezé é ruim mesmo. Trabalhei alguns anos com ela e é claro que esconde pontos positivos. É um pé de boi para serviço. Defende o pessoal da secretaria que ele prepara à sua maneira. Mas, há certas horas em que a decepção com ela é grande. Meu Deus, custa chegar para o professor, ou para o servente, ou para quem quer que seja e mostrar o erro e apontar a falha, e a sós conseguir a emenda, a mudança, e o progresso do outro? Não. Zezé teve o prazer de chegar ao Diretor e contar tintim por tintim o ocorrido. Fez hoje o que antes já havia feito. É quando Romão grita com todos, esculacha com o professor, manda uma turma inteira ficar de castigo. Será que a Zezé não percebe uma coisa tão pequena nas relações humanas? Ou não teria ela dentro do coração uma pitada de sadismo?

Abri1, 17. Nosso Orientador Educacional anda conversando com a gente sobre a campanha do Sindicato dos Professores. Ele defende a chapa de oposição à atual Diretoria que simplesmente esqueceu os sindicalizados. A chapa, segundo ele, é composta por professores combativos que ele conhece. Propôs até uma reunião nossa com elementos da chapa para discutir as propostas. Faço questão de participar com eles. O que mais aprecio em nosso orientador é essa louca vontade de ser coerente consigo mesmo. Acredito nele: porque respeita a opinião alheia e discute tudo, inclusive suas ideias. Ele sonha com uma classe de professores de alto nível e bem remunerados que nos permitam rever os valores da sociedade.

Abril, 20. Reuni um grupinho de companheiros em casa para comemorar o aniversário. Gente com quem mais me ligo no dia-a-dia. É claro que Maria Clara esteve presente. Entre um gole e outro, falamos naturalmente de alguns companheiros da escola. De uma, falou-se mais. "- Mas alguém há de gostar dela, pô!" "– Pode ser, só que ao primeiro papo..." "– O que acontece?" "- O rapaz desiste!" "- Mas ela até que tem um corpo..." "- Sim, ela é boa até. Mas não dá para se aguentar uma mulher daquela."

Falou-se de outra que um amigo comparou a um tonel de vinagre. "- Por que?" - perguntei. "- Porque ela no dia-a-dia, com qualquer um, é tão amarga!" Minha querida Maria Clara, em sua delicadeza, não deu opinião sobre as colegas. Apenas ouvia, e sorria alguma vez.

Abril, 23. Festa de Tiradentes com Hino Nacional e tudo. Os alunos apreciam mais as festas que as aulas, é claro. Ou não é claro possivelmente. Pois as aulas é que deveriam ser diferentes e tão atrativas quanto as festas. Permito-me divagar: as aulas deveriam ser uma festa. Porque, no fundo, as festas que os alunos apresentam no palco iluminado não passam de excelentes aulas onde eles ensinam mais que nós nas salas de aula. Não seria porque, afinal de contas, o aluno é que precisa ficar no palco e o professor na plateia para opinar sobre seu trabalho e aperfeiçoá-lo? Na verdade os alunos conseguem coisas estupendas nessas festas cívicas. Agora compreendo um pouco nosso Orientador que atribui muito do desinteresse do aluno à ação muita vez autocrática do professor. Até aqui pensei que ele dizia isso para menosprezar-nos. Mas não é!

Abril, 26. Fico espantado de como um grupinho de professores apela para o misticismo na solução de problemas aparentemente insolúveis. Não são problemas profissionais não. São problemas comuns da vida. Uma não consegue namorado e frequenta quiromantes famosas na esperança de um dia, quiçá... Outra é desquitada, já com filhos criados, perdida na solidão, à procura de um sentido na vida, de uma explicação para o absurdo. Um companheiro, ingênuo e bom, solteirão inveterado, entregou-se a leituras de uma literatura meio abstrusa onde se imbuí de vagas ideias panteístas, de pensamentos positivos, segundo os quais se penso numa coisa boa ela acontece.

Em compensação se eu penso pensamentos negativos eles ocorrem de tanto pensar neles. Um aspecto em comum têm esses professores: o individualismo das ideias. Gira e roda, estão sempre em volta de si mesmos. Não conseguem sair de si e atirar-se, por exemplo, à participação, ao serviço dos outros. Eles não são egoístas, mas procuram a salvação dentro de si. E a felicidade, segundo nosso Orientador, está fora

de nós, na busca da felicidade dos outros. Enfim, cada qual pensa à sua maneira.

Abri1, 28. Soube hoje que uma mãe de aluna veio conversar com o Orientador. Assunto: uma carta. A filha recebeu uma carta de um aluno onde este se permite lúbricas fantasias com a coleguinha de catorze anos. O mais curioso de tudo é que o rapaz assina a carta e a remeteu para o endereço correto. A preocupação da mãe é que o pai teria vindo para matar o sonhador apaixonado se ele tivesse aberto a missiva. Felizmente foi a própria menina que, espantada também ela com o conteúdo pornográfico das palavras, mostrou-a à mãe.

Cheguei a ler os sentimentos que o rapaz exprimia por ela. Conta ele que gostou dela porque gosta de menininhas de catorze anos. Pede que não mostre a carta aos pais, mas que venha ao encontro marcado por ele a fim de se amarem doidamente num motel. Enquanto eu lia surpreso, o Orientador se ria a mais não poder. Porque ele conhecia o rapaz que assinou aquela revelação de amor. “É um pobre coitado, o Akira. Um tímido, caladão, que sofre de sudorese e treme ao falar com a gente. Nunca tinha visto um caso semelhante - que um tímido agitasse assim uma família!” O Orientador prometeu à mãe e à filha que conversaria com o tímido apaixonado. Nada como a fantasia para fingir mundos e fundos que a realidade nunca permitiria concretizar. Pobre Akira que nunca terá suas menininhas. Pobres menininhas assustadas pela timidez e pela repugnância de Akira!

Abril, 29. Nosso poeta José Vicente é uma caixa de surpresas para quem lhe frequenta a intimidade. Certamente por ser uma alma vasta, escondida embora em aparências pernósticas. Ai de quem se limita a observar o gigante de gestos e palavras empolados que parece escarnecer da inteligência média dos ouvintes. Terá perdido a grata oportunidade de descobrir nas pompas desse palácio real a presença de um espírito singelo que gosta mesmo é de brincar com as criancinhas e extasiar-se com os poentes silenciosos. Para quem pelo menos lhe diz não saber quando é que ele fala sério ou brinca, José Vicente responde: “- Nem eu!” Só por essa resposta nosso companheiro mereceria ser mais bem estudado.

Gosto das definições que numa dada situação ele exprime. Quando alguém se admira de ele não utilizar folha de sulfite branca para rascunhar, responde: “- Sulfite branca é que nem mulher virgem que a gente toma com cuidado, escreve com mais cuidado ainda para não errar e não atirar fora. Já uma folha de rascunho, não. Assemelha-se a uma mulher madura que não desse muita importância ao tipo de carinho que se lhe oferecesse. Ela exige carinho, exige que se escreva com força em suas carnes experientes.” Curiosa pelo menos é a definição que um dia ele me fez de felicidade. E essa definição lhe surgiu na cabeça naturalmente, quando voltava para casa, de ônibus, depois de longa jornada de trabalho. “- A felicidade para mim”, dizia ele, “é como a mulher que entrou no ônibus, passou por mim voltada de costas, desfilou suas nádegas bem feitas, as largas costas deslumbrantes, os longos cabelos sedosos e repentinamente desceu. Não sei se é bonita ou feia. Apenas encheu-me os olhos um momento!”

Para José Vicente a mulher é uma fonte inexaurível de inspiração. Dela lhe vêm muitas imagens. Quem me lê essa observação poderia erradamente supor que nosso poeta é um mulherengo de primeira. Pois não é. Nenhum homem merece mais a confiança das mulheres de nossa escola que o José Vicente. Elas constituem para ele musas que, de um momento para outro, lhe transtornam as ideias como aos pobres navegantes dos Lusíadas as ninfas da Ilha dos Amores. Eles correm atrás delas a fim de se elevar por um breve instante da "mísera sorte, estranha condição" humanas. É sempre nesse pano de fundo que se há de compreender seus poemas. Sem esquecer a veia de humor que lhe lateja sempre na alma. Como neste poema a uma colega professora:

Verdade ovidiana

“Não há casada ou solteira,/senhora idosa ou menina/que não se julgue divina,/que um galanteio não queira!”

Abril, 30. Dias atrás passei defronte ao Mappin e vi um pregador todo inflamado a pregar a Boa Nova... a quem? A ninguém! Sim, a ninguém! Era o próprio João Batista, com os Evangelhos na mão, andando hirto e firme para a lá e para cá; o dedo em riste e ameaçador contra coisa alguma. Ninguém nos bancos próximos. Nenhum transeunte parado para ouvi-lo. Falava de Jesus Cristo e da salvação com uma convicção inexpugnável, mas

inútil. Porque o pregador naquele momento pregava ao vento. As palavras saíam-lhe em torrentes, vibrantes, do coração. Como as bolhas coloridas, inúmeras, inúmeras, inúmeras que saem de um artefato singelo nas mãos de um ambulante ali perto. Ambas evoluíam diante dos sentidos - lindas ou fortes para se perder no céu.

E pensei no professor e no seu papel, quantas vezes parecido com o papel do pregador defronte ao Mappin: fala, fala, fala e não há quem lhe escute a mensagem. Os alunos em sala de aula são como os transeuntes que escutam um pouco do lero-lero piedoso e passam adiante. Não com o físico; com as almas. Com o físico até que, dormindo ou agitados, permanecem. Mas a alma, pobrezinhos, vai-se-lhes pelas ruas da fantasia à procura de consolações. Aborrecem-se com o blablablá desinteressante de um professor que não lhes diz nada, não lhes transmite fé alguma, fala uma língua incompreensível. De que lhe valem a fúria dos gestos, os passos medidos, o dedo em riste, o livro na mão de um pregador de praça, se existe apenas o monólogo monótono de fanático enfurecido? Fosse pelo menos um fanático, já seria alguma coisa. O pior, o lamentável é os alunos terem diante de si um pregador sem fé, um homem sem convicção, um mercenário da educação.

Meu Deus, apavoro-me com a simples ideia de ser um homem assim: um fanático, ou pior ainda um mercenário! No relacionamento professor-aluno somos todos iguais. O fanático e o mercenário se consideram acima ou são indiferentes à relação dialogal. O professor não. O professor tem de partir da constatação de que um ser humano se encontra com outro ser humano, absoluto, digno de respeito como ele mesmo. E aí me lembro de Guimarães Rosa: "Mestre não é aquele que sempre ensina, mas o que de repente aprende". Quem sempre ensina não é mestre, pode ser fanático. O mestre é humilde, pois sempre anseia aprender mais. Até com os alunos. Ou principalmente com os alunos. Sonho em ser um mestre assim. Um mestre que está sempre aprendendo, que descobre mundos novos, e pensa em levar os outros por esse caminho. Como os alunos, passo longe do professor que, feito o pregador da praça sem audiência, cansa os ouvintes com nadas retumbantes e gestos grandiloquentes.

MAIO

Maio, 01. Nosso Orientador e eu participamos de ato público na Praça da Sé com centenas de trabalhadores. O professor também é um trabalhador. Com mais responsabilidade ainda que os outros trabalhadores, porque prepara novos profissionais. Participar de um ato desses, ou de uma passeata, sempre é uma aventura inesquecível. Porque de repente a alma da gente, ao contato de outras almas, pega fogo feito monte de folhas secas quando se lhes chega o fogo. Lembrei-me dos tempos de Universidade, quando saíamos às ruas gritando palavras de ordens a uma voz. Há uma diferença entre a participação daqueles tempos e a de hoje: hoje eu vou porque quero, com outro sentido e disposição. O Dia do Trabalho não é mais que um dia de luta e de reivindicação. O mundo do trabalho um dia será respeitado? Depende de nós!

Maio, 03. O Diretor é que anda meio esquisito. Parece estar sempre nervoso, irrita-se com pouca coisa, grita com alunos e professores. Fase? Problemas em casa? "Em casa em que muié manda até o galo canta fino" - diz a música popular. Comenta-se que só um tipo de gente deixa manso o nosso homem na escola: as meninas de quinze anos. Não sei se é verdade, mas é comum ver-se uma que outra menina, de minissaia, sentadinha, a conversar com ele. Mestre Romão aprecia o papo com elas e, curiosamente, não é com elas que grita. É com os rapazes. À boca pequena, e com muita reserva, se comenta que à noitinha ele apanha perto da escola uma ou outra aluna dessas. Verdade ou não é o que se diz entre nós, alunos e professores.

Maio, 05. Que delícia de silêncio na sala de casa! Não há ninguém por perto. A televisão, desligada. Será que os adoradores da TV já experimentaram desligar o aparelho por alguns minutos e sentir o prazer de um curto silêncio? Não sabem o que é bom. Pois eu usufruí o silêncio da melhor maneira. Estudando. Pus-me a estudar alguns pontos de Português para as aulas de amanhã. Bem certo estava o companheiro que me avisou: no primeiro ano quem aprende na verdade é o professor. E é mesmo. A gente aprende com os alunos. E há tanta coisa para estudar, se se quer mesmo ensinar coisas diferentes. Depois de estudar, pus-me a ler um romance que será discutido com os alunos. Não se pode discutir

superficialmente um livro que o autor demorou anos a fio para escrever. É questão de respeito. E numa análise de obra literária há muita coisa a discutir. Convenhamos que num mar de silêncio como o de agora é mais fácil estudar e ler.

Maio, 07. Descobri por que a Cira anda preocupada com o seu Costa, o aviador que gosta dela. Não era para menos. Alguns alunos, com alguma maldade, propuseram-se a dizer a ela que o Costa lhe mandava abraços e que se lembrasse dele quando ouvisse o rumor de avião passando no ar. Não é que a pobre Cira acreditou no falso recado? Segundo me contaram alunas suas, basta ouvir o ronco do avião seja em que ponto da Geografia esteja - cidades, montanhas, trópicos ou meridianos - que seu espírito abandona tudo, e sobe ao céu, e nas alturas se encontra com seu amado. "- Ouçam, ouçam!" - diz ela de repente. "- Ouçam o Costa me saudando lá do alto." E as meninas e rapazes que inventaram a história se riem a um canto da sala a mais não poder. O que é a inocente crueldade dos alunos de colégio!

Maio, 09. Ontem, de repente, o ex-marido de Aninha decidiu raptar o filho para pôr quase louca a coitada da companheira. No dia 1º de maio, Aninha convidou alguns amigos para a festa de aniversário do menino. O pai não apareceu. Estranhamos, porque de outras vezes, mesmo aborrecido, ele compareceu. Mas a vó do menino, que foi à festa, mostrou-se sensível e, na hora dos parabéns, os olhos se umedeceram de emoção. O menino sentia a ausência do pai, pois estava cabisbaixo e não quis apagar as velinhas do bolo. Mal sabíamos todos que, naquele momento, em algum lugar, o pai planejava a fuga com o menino. E a vó, que se emocionara na festa, possivelmente não chorasse pelo filho ausente e sim pela aventura de que em breve o neto participaria. Porque vó e neto fugiram para Mato Grosso, para bem longe dos olhos da pobre mãe que aqui ficou pensando no filho distante. Não sei em que condições Aninha dá suas aulas. Terá ela forças para reagir?

Maio, 10. De repente, uma carta anônima põe a escola em polvorosa. O Diretor Romão estranhou que a missiva não tivesse remetente. E leu as

palavras de um escrito rude que lhe feriam profundamente o pelo bem escovado do orgulho. Viemos a saber da carta através do Orientador a quem Romão incumbiu o esclarecimento da possível autoria. “- Exijo que você me aponte o culpado!” - disse a ele. E ele: “- Mais do que a autoria da carta, seria bom o senhor se interessar pelas possíveis causas que levaram o aluno (ou alunos?) a lhe mandar a carta.”

E assim soubemos dos termos da carta que se tornou assunto de comentário geral na escola. Chama o Diretor de "insensato e incompetente". Seu sistema de administração é "ineficiente e autocrático". "Põe as pessoas umas contra as outras." Fala do envio de cópia da carta para os donos da escola. E aí o Orientador observou: “- Foi exatamente isso (a ferida mais profunda a seu orgulho) que exigiu a procura e a identificação do criminoso! Senão, nem se importaria com os termos mais duros!”

Conta de um grupo existente dentro da escola que se dispôs a enviar a carta. O grupo está certo de que o Diretor "quer se desfazer de algumas pessoas" que estariam atrapalhando seu serviço. O que este grupo não aceita, pois se diz representante da opinião da maioria. Esperam ainda "contar tudo aos donos da escola", se forem chamados. Imagino o ódio que se apossou de Romão ao ler essa frase.

O autor apela para a união de todos contra a "falsidade e a traição" do Diretor. É uma convocação para a luta: ou se luta contra ele ou serão todos subjugados por Romão. A carta é de fato um rude golpe nas ilhargas do orgulho de nosso Diretor. Daí a despreocupação do Orientador em achar o culpado, o que é difícilimo. A justa preocupação dele é com o clima que provocou essa missiva: - “O Diretor Romão pouco se importa com o que se pensa dele e de sua administração. O que o preocupa é sua imagem pública. É uma simples questão de orgulho profissional.” Acredito nele. E compreendo a raiva de Romão. Não duvido nada de que tudo continuará como antes. Aparentemente, é claro. A ferida que essa carta provocou no mais íntimo da alma do Diretor dificilmente se cicatrizará. E a cicatriz não desaparecerá nunca.

Maio, 11. Que acontece com a Má que de sexta-feira aparece vestida com uma sensualidade toda especial? Evidentemente que vem pronta para sair com seu novo amor. E vem toda maquiada, de batom

vermelho nos lábios, o cabelo bem ajeitado, um estranho ar de felicidade. Será que ela... Na sala dos professores brincamos com ela, tiramos o sarro e ela se fez de desentendida ou explica que à noite tem um encontro especial. Esse novo namorado da professora deve mesmo ser muito particular para conseguir o que o outro, coitado, não conseguia. A companheira, do jeito que se nos apresenta, torna-se muito sensual, transforma-se mesmo sua impetuosidade, chegando eu e imaginar nela uma verdadeira... amante! Bem-aventurado o homem que a tem em seus braços, com aquelas carnes e aquele perfume!

Maio, 13. Outra menininha de catorze anos (daquelas de que até o Diretor gosta!) procurou o Orientador para esclarecer uma carta - outra! - do jovem Akira, do tímido Akira! Uma carta do mesmo estilo da anterior com o aviso sobre os pais e com o mesmo convite de alguns momentos num motel. Renova sua paixão pelas menininhas de catorze anos e aguarda. O que por certo ele não aguarda é o papo com o Orientador que ficou de conversar hoje com ele. Vai pedir uma explicação. Dá impressão que o tímido Akira não tem ideia das consequências de uma carta dessas!

Maio, 15. Maria Clara e eu começamos um namoro singelo. Ao lhe confessar meu amor numa mesa do Chá Moon, ela corou. Ai, o êxtase que me provocou seu rosto corado e seus olhos ternos pousando suavemente sobre mim! Maria Clara não existe. Mais parece uma imagem poética, uma ideia do mundo de Platão - uma das graças antigas! Acariciei-lhe a mão e deixei os olhos a contemplar a visão única de suas feições e de seu colo gentil que, naquele noite fresca, surgiam diante de mim como manhã de maio com céu azul. Confessei-lhe também a sensação que ela sempre me inspirou: uma criatura cheia de silêncio e que espalhe silêncio em derredor de si. De volta à minha casa compus-lhe um poemeto de amor, denominado Adoração: “Longe do burburinho/das paixões,/nos altos da quietude,/sozinho/diante de ti./Santuário de todas/as graças,/onde eu respiro sempre/os ares/do paraíso./Permanecer aqui,/ - sem nada - /o pensamento irmão/do sentimento/- a contemplar-te!” E sonhei com ela a noite toda.

Maio, 17. Começo a vislumbrar uma teoria a partir de análise de minha vida. Uma teoria explicativa da evolução pessoal transparecendo de uma análise da influência do Poema sobre minhas ideias. A primeira fase dessa influência foi nos meus tempos de ginásio e colégio. Tive uma educação muito rígida na adolescência e juventude. E essa rigidez se percebe, por exemplo, nos estudos literários. O Poema, nesses estudos, era analisado apenas e tão somente nos seus aspectos formais, clássicos. Desde a grandiloquente epopeia até o delicado soneto, passando pelo desusado pantum. Toda forma, viva ou morta, do Poema tradicional éramos obrigados a pesquisar e a exercitar nas aulas inesquecíveis do Pasqualino. Eu adorava o Pasqualino nas aulas de Literatura. Gostava de vê-lo com o maçudo volume da História da Literatura às mãos, explicando os autores e os gêneros literários. E particularmente o ponto do Poema me encantava. Eu me achava poeta em alguns momentos. Não confessava aos outros essa opinião pessoal porque afinal Poetas eram o Faria ou o Joel ou o Arnaldo ou o Kiro. Mas tinha minhas veleidades de compor sonetos (e não apenas como Exercício!), de cantar em verso de metro e rima os sentimentos ingênuos de minha adolescência e da primeira juventude. Analisando agora os poemas de então é que percebo como era pobre a minha poesia. Pobre e rígida. Feito uma escultura inacabada onde apenas impressionasse os sentidos a rigidez da pedra e não os traços lindos de um rosto, de um corpo, de uma figura. A rigidez sim era claríssima. Rigidez do metro: de cinco, de sete, de dez e mais sílabas. Rigidez da rima: por mais rica que fosse, a rima era obrigatória. Os versos "brancos" me davam a sensação de vazio, de ausência. Os versos sem métrica eram malvistas. Por que seria? Porque Pasqualino aborrecia os modernos, os modernistas principalmente! Quando que um Mário de Andrade, um Manuel Bandeira, um Drummond (vivos ainda alguns!) seriam estudados em classe pelo metódico Pasqualino? Uma cortina de fumaça punha à distância, muito sutilmente, as ideias revolucionárias dos homens de hoje. Olavo Bilac sim. Os românticos sim. Os árcades sim. Porque a forma do poema era visível neles. Tudo era medido, tudo era rimado. Evidentemente que os "clássicos" não eram só forma – rima e métrica. Havia neles, possivelmente, o que não havia nos meus poemas: vida, alma, sangue. É que na verdade os meus sentimentos eram amorfos ou duros ou petrificados. Eu não era eu; eu era

os outros! Eu obedecia às formas alheias, eu copiava os outros. Não fui, nessa fase, educado para a criatividade. Fui educado para a imitação. O que me tirava toda a originalidade para o poema e para a vida. A culpa não é do Pasqualino que me sonegava as múltiplas possibilidades dos modernistas. Eu é que não estava preparado ainda para a libertação.

Maio, 18. Eis um costume que me agrada nos professores da noite: comer pizza às sextas-feiras. Terminadas as aulas, dirigimo-nos a uma pizzaria e lá comemos, ouvimos músicas ou dançamos. Ah, não perco uma. Juntam-se as mesas, pede-se o chop e vai conversa. Aí sai de tudo: piadas, casos com alunos, brincadeiras, hipóteses amorosas, etc. A Má está sempre. O Diretor, de quando em quando. Ela sempre deslumbrante, como às sextas-feiras, e ele que permanece pouco tempo. Costumam sair juntos nestes casos. O professor Luiz quase sempre pede aos músicos que toquem o samba de Ataulfo Alves - A Professorinha. É lindo ver todos, já meio tomados de chope, cantando juntos no ritmo aqueles versos: "Que saudade da professorinha/que me ensinou o be-a-bá;/onde andarás Mariazinha,/meu primeiro amor, onde andarás". Neste momento, volto meus olhos para Maria Clara que, como boa professora de Educação Artística, canta com uma graça indizível sorrindo para mim! Belas noites de sextas-feiras, quem vos dera intermináveis!

Maio, 20. A vida não está fácil para ninguém, mas eu ainda acho que muitos reclamam sem precisar. Porque nem na crise aprenderam a administrar seu dinheiro. Nada como uma crise para modificar hábitos e procurar soluções novas para o orçamento doméstico. Pois não é que mesmo em crise há professores e funcionários que, mal chega o pagamento, compram a mais não poder (e pelo crediário!), fumam sem parar o mês inteiro por mais caro que esteja o cigarro, frequentam os melhores cabeleireiros, etc. Não dá mesmo. Admiro o esforço de um professor anônimo que, no jornal dos alunos, escreve em vão seus pensamentos econômicos. Sempre um ou outro leitor haverá de entendê-lo as ideias. Se essas pessoas soubessem como vivemos em casa e como vivem meus velhos pais. E nem por isso somos mais infelizes que os gastos!

Maio, 22. O jornalzinho dos alunos é aguardado com expectativa por todos - docentes e discentes. Aos professores interessa auscultar o conceito que se faz deles; aos alunos colocar com alguma franqueza o que pensam da escola. Eles redigem, eles datilografam, eles imprimem. Apenas me mostram os textos para uma pequena revisão do Português. E me sinto bem em participar de algum modo do jornalzinho dos alunos. Lembra-me os tempos de colégio com seu Grêmio Literário e o jornal "Ecos da Tribuna" que saía mensalmente, como o "Nós" do Diretório dos estudantes. O "Nós" já tem repórter como o Olho vivo e Faro fino que não perdoa falhas nem do Diretor. Tem seus escritores: cronistas como a Marília descrevendo excursões e fofocas; poetas como o Paulo que publicou o poema dedicado à colega; e não falta o editorial do Presidente. Surpreendi-me com a publicação de um conto de nosso Orientador. Tema: libertação. Sou franco: aprecio a produção literária e não permito que falem mal do jornalzinho. O trabalho que dá para os pobres organizadores...

Maio, 24. A realidade sempre desmente as ideias? Penso no caso de dona Isabel e do velho Souza que se preparam para a aposentadoria próxima. Quando começaram no magistério possivelmente pensassem como eu hoje - que nunca envelheceriam nas ideias, no espírito. Mas envelheceram. Continuam a lecionar pela lei da inércia, pelo emalo de anos de trabalho, mas espalham perto de si o sono e o bocejo. Deus meu, acabarei também eu assim? Hoje sonho que, à medida que passe o tempo, mais jovem de espírito vou ficando. Mas será que o cansaço dos anos não atira sobre o espírito o pó da decepção e do desencanto? Não sei o que será de mim. Sei, porém, que há professores idosos e até aposentados que derramam pelo mundo o perfume de juventude. Gostaria de ser como um desses. Temo só em pensar que posso acabar como a Isabel e o Souza que, entre um cochilo e outro, esboçam um sorriso amarelo diante da graça da vida.

Maio, 28. Aniversário da Teca, minha indispensável companheira no caminho de volta para casa. Vamos até o ônibus juntos num papo só. Falamos de tudo que acontece na escola, em casa, desse ou daquele colega e de pequenos casos que fazem as delícias do caminho. É uma mulher

observadora e que me merece confiança: guarda as confidências. Abrimos inteiramente em função disso. Parabéns, Teca. Eu gosto de você.

JUNHO

Junho, 01. Hoje a aluna a quem Paulo dedicou seu poema, sempre jovial e contente, apareceu na escola com ares tristes, jeito grave. Seus longos cabelos loiros e seu modo sensual não cativavam como nos outros dias. Perguntei-lhe se ia tudo bem. E ela foi logo respondendo que ia tudo mal. Imaginei mil coisas e continuei numa tentativa de obter explicação: “Mas não é nada aqui da escola, é?” E ela: “Não. É que meu pai morreu anteontem”. Diante desse argumento cessam todas as palavras. Expressei-lhe meus sentimentos e simplesmente me retirei. Admirei-me de que ela com a morte do pai ainda tivesse vindo à escola. Mas nessa situação de absurdo até que a vida da escola, com as amizades, os estudos e a companhia é de suprema utilidade. É uma libertação do círculo fechado e sufocante da morte e suas lembranças funéreas!

Junho, 02. A maior surpresa para mim na Assembleia Estadual de Trabalhadores não foi a presença de gente de inúmeros sindicatos; dos depoimentos das diversas categorias sobre a situação do País; das propostas, muita vez irrealistas, aprovadas por maioria dos trabalhadores. Não. A maior surpresa não foi também encontrar ali antigos companheiros ou mesmo companheiros de agora, interessados todos na melhoria das condições do trabalhador. Não. A maior surpresa, a que me deixou silenciosamente exultante, foi ver alunos de nossa escola participando do encontro. O Bispo, por exemplo. Ninguém dava nada pelo Bispo, moreno da periferia, que trabalhava e estudava, aluno mediano, que gostava de imitar Jorge Bem nas pequenas composições. Ao fim do Ginásio pôs na cabeça que tinha de cursar Química em escola do Estado na Cidade de Campinas. “— Mas, Bispo, você terá de deixar a família, sair do emprego, mudar de município para estudar sua Química!” - dizia-lhe o Orientador. E ele: “- E daí? Eu quero estudar Química e arco com as consequências!” Dito

e feito. Ele se foi. E se tornou um cara crítico, que discutia com a gente quando de suas visitas à nossa escola. E vejo que seu espírito cresceu, que o Bispo se tornou participante, que deseja algo mais que os muitos e possivelmente mais inteligentes colegas de seu tempo que não perceberam nem perceberão nunca. Gostaria de colaborar com meus alunos para que, à sua maneira, eles acabassem que nem o Bispo - profissionais conscientes. Para eles a escola valeu. Desse tipo de aluno a escola também se orgulha.

Junho, 05. Atenção! Atenção! Atenção! Renuncia o presidente de nossa CIPA. Com uma carta delicadamente agressiva o Martins expõe ao Diretor as verdadeiras razões de sua demissão do cargo. Diz ele que agradece a confiança nele depositada, mas que se cansou de representar empregados e empregador apenas pro forma. E aponta o conflito entre burocracia e liberdade como a razão maior e o pano de fundo que o levaram à decisão. Não consentia mais em preencher relatórios inúteis, em escrever atas de reuniões fantasmas apenas para cumprimento de formalidades do Ministério do Trabalho onde nunca ninguém haveria de lê-las. No entanto, pequenos problemas de emergência, atividades indispensáveis não eram encaminhadas dentro da escola. Se assim era, e como não lhe importava a garantia de emprego - única razão pela qual alguns disputam a diretoria da CIPA - entregava seu pedido de demissão. A decisão e a firmeza do companheiro Martins espantaram a todos. Eis um belo exemplo. Quem ficou meio assim foi o Diretor Romão.

Junho, 06. O Maloquinha, com seu jeito desengonçado de sempre, veio me visitar na escola. Desempregado desde fevereiro, passava por aqui, e subiu para rever a escola onde estudamos juntos, anos atrás. Maloca era bom de bola nos tempos de ginásio; driblava feito Garrincha! Não apresentava o mesmo rendimento nos estudos. Mas terminou o ginásio. A conversa de hoje, enquanto falávamos, girou em torno do passado, dos companheiros cada vez mais distantes e sumidos. Por onde vão aqueles bailes da comissão de formatura, aquelas excursões para a praia e para o campo, onde os casais se conheciam, namoravam e até casavam? “Para mim, a escola era minha verdadeira casa e dela gostaria de nunca ter saído!” - arrematou o Maloquinha depois de tomar com gosto um café. Essa

conclusão de meu velho companheiro me levou a outra até meio trágica: "Será que a escola nos prepara para a vida ou criminosamente nos enche de ilusões que nos torturem mais tarde?" O saudosismo do Maloquinha esconde algo infantil, de dependência que aparentemente ele não conseguiu superar. Pobre Maloca, sem emprego há seis meses, sem amigos, sem perspectivas! Será que pelo menos o futebol lhe dá alguma satisfação ainda hoje?

Junho, 09. Simples depoimento de um companheiro em reunião geral na escola: "Até um ano atrás eu era tímido, quieto, fazendo tudo apenas no meu canto. Pouco a pouco, depois, eu fui me abrindo, eu fui falando, fui saindo de mim. Onde perceber que uma palavra ajuda, eu entro. Se der certo, deu. Se errar, errou. E tudo bem." Eis a bela conclusão de um espírito que evolui. Se o Claudinho já me era simpático pelo seu jeito tímido e bom, agora começo a admirá-lo. Nada como a gente se libertar de si mesmo!

Junho, 10. Nosso caro Gugu, Assistente de Direção, por incrível que pareça, gosta de mulheres. Sim, aquele homem pacato, sempre postado ao pé do ponto, com olho vivo em quem quer que passe e chegue, o Cérbero de nosso inferno (como o chama um professor de História, porque todos têm de passar por ele aqui!), o Gugu gosta de mulheres. Divorciado, casou-se com uma divorciada que arrastou consigo alguns filhos. E agora cansado ou desavindo com ela, que mudou de Estado, corre atrás de mulheres. Característica das mulheres amadas por Gugu: são bonitas e sensuais. Tem bom gosto o nosso Assistente!

Junho, 13. Surpresa. Nossa querida Má deu de falar, quase à boca pequena, num tal de Beto, seu novo amor. É Beto para cá, Beto para lá. E parece ser um personagem muito importante, pois o tal do Beto, nas palavras da professora, vem sempre envolvido numa aura de coisa grande. Mas não diz a profissão, nem a idade. E para nos morder ainda mais a curiosidade, ela simplesmente confessa que é conhecido da gente. O antigo namorado, coitado, é visto de quando em quando a rondar a escola, por certo na esperança de avistar pelo menos a mulher amada. Numa ou outra

ligação que ele tenta por telefone, ela se mostra ríspida e seca. Agora é Beto, Beto e nada mais. Os professores estão ficando encucados em saber quem é o tal de Beto. E é com esse Beto que ela se encontra às sextas-feiras depois do expediente. Para o antigo namorado, desprezo. Para o novo, vestes lindas, pinturas e... Carinhos. Como é a vida!

Junho, 15. O humor é uma qualidade quase natural do José Vicente, nosso Poeta. Um humor espontâneo que brota límpido nas mais diversas situações. O simples fato de não se saber quando fala sério ou brinca mostra essa qualidade. É como se sempre brincasse com coisa séria, ou transformasse em coisa séria o que não passasse de brincadeira. Em tudo descobria uma ambiguidade que virava humor. Ele próprio, com seu gesto afetado e suas palavras rebuscadas, era uma expressão de humor. Era uma figura anfibológica. Como se sempre enxergasse a dupla face das coisas. E tudo, na verdade, não apresenta aos olhos do homem um duplo aspecto, um duplo sentido? É o humor que vai além das aparências. O humor, a meu ver, esconde um sentido lúdico da vida. E José Vicente manifesta esse espírito brincalhão, que é uma característica essencialmente humana.

E assim o responsável pelos recursos didáticos aproveita os poucos minutos de ócio para se vingar, com o riso, das situações trágicas. É nos seus poemas leves e satíricos que se exprime melhor o verdadeiro espírito de José Vicente. Quem olha apenas o gigante esnobe a preparar com seriedade os equipamentos perde a grande oportunidade de se encantar com seu mundo interior. Aliás quem ainda nesta escola não percebeu o lado mais autêntico do profissional José Vicente e se deixa ainda impressionar com o lado postiço que nem ele aceita em si é porque... alguma coisa não lhe anda bem.

Junho, 17. Difícil de acreditar, mas até numa escola acontece o roubo. Hoje, por exemplo, um companheiro da secretaria ficou sem os cinco mil cruzeiros que havia ganhado num sorteio. “- O Pavão misterioso voltou!” - comentava-se entre todos com espírito revoltado. "Pavão misterioso" foi o nome que se deu ao estranho personagem que de quando em vez cisma de surrupiar dinheiro dos empregados. A sucessão dos casos

permitiu chegar-se pelo menos a uma conclusão: o suposto ladrão age sempre no fim da tarde ou à noite. Se nos primeiros casos se pensava em alguém de fora, ultimamente o roubo tem acontecido de forma tão repentina que se concluiu ser gente nossa, da casa. E de caso para caso vai-se mudando de possíveis supostos ladrões. Quando se roubou o Diretor, quando sumiu dinheiro da secretaria, quando tiraram dinheiro da bolsa de companheira, e no caso de hoje, sempre se cogita de alguém, e quase se chega a confirmação, mas...falta a prova. Quando alguém apanhará a perna desse Pavão misterioso?

Junho, 19. Ah, ah, ah! Preciso rir, preciso rir. Ah, ah, ah! De repente o velho João, porteiro e bedel dessa escola, quase às portas da aposentadoria, endoideceu de vez. Pois pode se imaginar um ancião de cabelos brancos, sempre bem apresentável em seu uniforme azul, descer até os banheiros das meninas no recreio, abrir a braguilha das calças, puxar o pênis e pôr-se a agitá-lo diante da curiosidade assustada das adolescentes que sempre viram nele o bom velho bedel, sério e serviçal? Foi um deus-nos-acuda das alunas que se trocavam da educação física. E uma delas achegou-se ao Orientador e lhe contou o caso. Quem diria que o velho João iria ter uma recaída de meninão de quinze anos, tentando ainda de alguma maneira (e que maneira, hein?) atrair a atenção das meninas Inexperientes! Ah, ah, ah! Preciso rir. Viva o velho João!

Junho, 21. Aninha contente. Depois de longo afastamento do filho, raptado pelo pai, conseguiu a liminar para as visitas. E viu o menino. Foi um momento de intensa emoção, quando aconchegou ao peito o fruto de suas entranhas. O contentamento, porém, não excluiu a apreensão. De fato, o menino demonstra certa estranheza para com a mãe. Chama-a até de tia. “- Por que me chama de tia, filhinho?” - pergunta Aninha. E ele: “- Porque vovó disse que você é tia Aninha.” A pobre mãe sentiu uma punhalada no coração. Agora, com seu advogado pretende obter a guarda do filho. E pensar que o marido fez tudo isso para pressionar a coitada a pedir o divórcio! Por que não pede ele? Pelo visto quer ficar por cima da situação. Acontece que Aninha, dependente a princípio, aturdida depois, começa agora a tomar pé, a reagir, a se tornar independente. Possivelmente a

separação do marido para a Aninha foi mais importante que a convivência com ele: ele a esmagava. Agora ela se mostra superior.

Junho, 24. Festa Junina em nossa escola. Que festa! Brincadeiras de todo tipo. Todo tipo de bebida típica. Trajes caipiras em moças faceiras e em guapos mancebos, andando de cá para lá sob as bandeirolas coloridas. A Comissão de Formatura via em tudo oportunidade de ganhar dinheiro com seu correio elegante, sua cadeia onde os moços se deixavam prender pelas moças.

A Marília era a mais ativa: organizava a quadrilha, supervisionava as pescarias, controlava o dinheiro. Avistei no meio da agitação o aluno Paulo, que compôs o poema para sua colega, de braço dado com ela, andando para lá e para cá. Os dois estavam brejeiros em seu novo amor. A Cidinha, do 3º colegial, vestida de noiva vai se casar, diante de Padre Biju, com o Murilo que ela adorava no dia a dia. O Murilo sempre gostou de participar de festas e a Cidinha sempre gostou dele.

Vi também, num canto do recreio, indiferente à festa, a linda Cornélia, de calça branca apertada, mostrando as formas graciosas de um corpo único, em prolongado abraço e em prolongado beijo com o namorado. De perto deles a querida Maria Clara me apontou com um aceno de cabeça os dois apaixonados e sorriu para mim um sorriso divino. Sentido do aceno dela: que tal nos amarmos apaixonadamente assim? Os professores todos zanzavam pelo recreio a comer pipoca, beber quentão, gastando algum trocado e alegrando-se com as piadas que a leda contava com particular agrado. Ao lado do Diretor Romão que apreciava um churrasco via-se, toda eufórica e falante, a companheira Má com os cabelos particularmente bem tratados essa noite! No céu salpicado de estrelas fixas e balõezinhos móveis a lua contemplava toda aquela aventura humana com uma fria indiferença.

Junho, 28. A Chapa de Oposição ganhou as eleições sindicais. Aceitei o convite de nosso Orientador e lá nós fomos ajudar na boca de urna. O Orientador acompanhou o movimento há três anos sempre apoiando a renovação da Diretoria de nosso Sindicato. Foi ele que me animou a me filiar, ainda que não pudesse votar este ano. E foi com ele que

compreendi uma coisa: a participação e a solidariedade. Sem essas duas qualidades, serei sempre dominado e egoísta. Concluí, em papos com o Orientador, que o dominado continuará sempre dominado enquanto não se superar, não sair de si, não der a mão aos outros. Fiquei alegre de contribuir de alguma forma (entrega de panfleto na porta do Sindicato!) com a vitória de ideias novas, de novos projetos que a nova diretoria se propôs a realizar com a categoria. Viva a Chapa 02! Viva a Oposição! Vivam os novos tempos! E termino essas linhas com um pensamento de nosso Orientador: " Se eu mudo, o mundo começa e mudar comigo".

Junho, 29. Conselho de Classe. Conselho ou Juízo Final? A sala tomada de professores circunspectos, presididos pelo Diretor Romão e pelo Orientador. Este assemelhava-se a um dos anjos que levassem consigo o relato das obras boas e más das classes analisadas. Discutiu-se primeiramente os resultados gerais por Disciplina através de gráficos cujas curvas ascendentes ou descendentes apontavam para o êxito ou menosprezo dos professores. Os olhos de todos voltavam-se para os olhos e as feições do Diretor Romão que, em silêncio eloquente, aprovava ou reprovava seus auxiliares.

Depois vinham um a um os nomes dos alunos que diante dos resultados individuais eram passados em revista. Poucos eram os privilegiados que obtinham os basbaques gerais à sua inteligência. O Paulo, por exemplo, era um. Tirava dez ou tudo. Era uma inteligência deslumbrante. Havia a maioria mediana que descia do oito ao cinco, gente esforçada ou desatenta entre um ou outro preguiçoso. E finalmente os pobres esmoleres da cultura, sempre à míngua, sempre de chapéu estendido no aguardo de um conceito coletivo que lhes permitisse sair do limbo doloroso da reprovação.

Principalmente, é claro, os assíduos, os esforçadíssimos, os que se arrastavam até a escola com sono depois de um dia de trabalho. Vinham por fim os reprovados, um que outro infeliz, incapaz de acompanhar a média, pária da Inteligência, condenado ao desprezo da classe, tendo como único consolo a capacidade de driblar com a bola os companheiros todos. O Maloquinha em outros tempos estava entre esses. E com esses terminava o Juízo com a consciência de todos mais ou menos tranquila, depois das dúvidas havidas. Fim de semestre. Cai o pano do primeiro ato do drama.

JULHO

Julho, 01. Férias de meio de ano. Um mês longe de colegas, de alunos, de problemas escolares. Um mês de ócio intelectual com escritos em abundância e muitas leituras. Um mês para viagens. Um mês para me dedicar com mais amor à minha deliciosa Maria Clara. Um mês para curtir plenamente o silêncio que tanto adoro.

Julho, 02. Minha escola também é um mundo. Um mundo cheio de tipos estranhos. Para os quais também por certo eu e outros haveremos de perceber estranhíssimo. Penso na secretária do diretor Romão. É uma coroa, solteirona, com seu sessenta anos bem vividos, solitária num apartamento imenso, decepcionada com a vida, sonhando apenas com a próxima oportunidade de viajar para a Europa, enquanto pinta os lábios de batom diante do espelhinho antes de começar a datilografar as cartas. Não chega a ser rabugenta. Sua educação refinada não permite. Mas está sempre a lamuriar, nunca trabalhando com alegria, como se tivesse perdido algo que nem ela sabe o que é. Imagino o que sente nessa hora presa em seu apartamento de andar inteiro. Porque o serviço para ela é a única distração, depois de suas viagens à Europa naturalmente. Não gosta de ler nada além de suplementos de turismo ou revistas da moda.

A secretária do Diretor parece mais um fino biju colocado em precioso nicho a merecer a atenção em sala de família rica e que, de repente, se visse atirado em um canto do mundo, sem utilidade nem brilho, sonhando apenas com o esplendor do passado ou a liberdade máxima de excursionar por países desconhecidos. Dona Marta não aprecia o presente com suas aventuras variadas que nos trazem alguma felicidade. Para ela a felicidade não está aqui e agora; está longe: ou nas ilusórias glórias de outros tempos, ou nas desconhecidas terras de outros países. Porque as terras de países desconhecidos começam já a enfastiá-la. Dona Marta, nessas horas da noite, há de estar se iludindo com novelas de televisão. Sozinha no enorme apartamento.

Julho, 05. Nas férias e longe dos companheiros de trabalho, sinto-me cativado a analisar alguns tipos estranhos de nossa escola. Hoje pensei no solteirão misterioso a que me referi meses atrás, aquele colega de pendores

ao misticismo que tenta solucionar problemas concretos apelando para ideias panteístas de vago otimismo. A frase escrita sobre a sua mesa de trabalho em letras maiúsculas, para que ninguém tenha dúvida do que lê, diz quase em voz alta: "ANTES UM COVARDE VIVO QUE UM HERÓI MORTO". O Gomes é um sujeito cercado das névoas do mistério na vida particular. Não se sabe se foi ou não casado, se tem ou não tem filho, se mora ou não sozinho, se é verdade ou não o que afirma. Sempre e apenas em assuntos estritamente particulares.

Porque no que tange ao serviço ele é transparente, simples, empenhado no que lhe apetece, com visível desinteresse por tarefas de que não gosta. Gomes é já um covarde vivo. Tem medo do Diretor que, por isso mesmo, o menospreza. Tem medo de participar em sindicato com medo de ser mandado embora. Está acontecendo com ele o que ele aponta como perigoso nos outros. Diz ele que de tanto pensar em doença, a gente acaba doente. Pois ele de tanto ter medo de tudo, está tendo medo de viver. E não percebe o nosso bom e humano Gomes!

Julho, 06. Outro tipo que não consigo entender é o pequeno, magro e renitente Nandinho. É um homem com seus vinte e quatro anos, que sempre começa e desiste da Faculdade e que embirra com coisas minúsculas e inúteis. Com um acento, por exemplo. Sim, o Nandinho não aceita que uma palavra proparoxítona receba necessariamente um acento, conforme ensinam as gramáticas. Não aceita e pronto. Ou então é cismado com o Orientador que, com paciência, lhe mostra as regras da gramática. Vai ver que não gosta do Orientador que prova e não fala, preferindo ficar com a sua burrice que fala e não prova. Mas que depois de tudo isso que o Nandinho coloque o acento nas proparoxítonas, ah isso ele não faz. A não ser que a dona Raquel, a secretária da escola, o obrigue a tanto. Se ela mandar o Nandinho colocar o acento nas proparoxítonas, ele coloca, senão... E pensar que o Nandinho quer ser jornalista!

Julho, 08. Lembrei-me de ti com saudade, minha Giovanna! Hoje a tua doce imagem voluteou em minha memória com uma graça única. E senti saudades de ti, companheira, dos tempos que trabalhamos juntos, lado a lado, na secretaria. Tu eras, com a juventude de teus dezoito anos,

com a graça de teus modos, com o dinamismo de tua eficácia, o raio de sol que brilhava dia afora sobre nossas atividades. De teu rosto vivo e de teus vivos olhos brotava um entusiasmo contagiante que nos animava a todos no trabalho. A vida que se irradiava de ti compensava as aflições que outros nos provocavam inevitavelmente. Começaste a sentir na carne os beliscões da alheia inveja, descontente quiçá com teu sucesso, não suportando quiçá o peso da própria incompetência. E o cerco se foi apertando ao redor de ti. E os olhares de alguns se foram turvando, ansiosos por ver de fora e do alto sobre ti os urubus de mau agouro. Mas tu resistias confiante. Sempre viva, sempre dinâmica, com a graça de teu sorriso a brilhar sobre nós. Até que o olhar frio dos invejosos obteve enfim o que queriam. Sem nenhum argumento foste despedida. Com que impotente dor o Orientador e eu vimos as lágrimas caindo feito pérolas preciosas de teus olhos tristes, minha boa Giovanna! E lá te foste. Sem uma palavra de conforto de tantos companheiros que, cabisbaixos, aceitavam a força do destino. Só o Orientador teve a coragem de acompanhar-te até a rua. E depois, pouco a pouco, todos se foram esquecendo de ti. Ficou apenas o lampejo ocasional de uma lembrança como a de hoje. Doce Giovanna!

Julho, 11. A companheira Má telefonou-me para me desejar boa viagem. Vou participar de uma excursão e ela queria despedir-se. Aproveitou para me contar alguma coisa de sua aventura com o tal do Beto. Está perdida pelo homem. Perdida a ponto de não querer outro homem a seu lado. E confessou-me muito particularmente que... não sei se escrevo a íntima confidência feita. Pois me confessou que... anda frequentando terreiro de umbanda para conseguir (de quem, meu Deus?!) que o tal do Beto largue da esposa para viver com ela. Pedi-me absoluta reserva, mas não creio estar traindo a amiga se ponho nessa página sem leitores o ocorrido.

Não sei se rio ou se choro por ver que em nosso século, voltado para a ciência, uma professora de nível superior, orgulhosa de sua objetividade, à socapa e bem no íntimo de si apele para forças extraterrenas a fim de atingir um objetivo difícil. Imagino a pobre Má, saindo à noite, envolta em lenço escuro, de olhar desconfiado, a caminho do terreiro, onde à meia noite é sacrificado um frango, ao redor do qual uma garrafa de

pinga e algumas velas completam o ritual. Imagino ainda os sentimentos de sua alma, concentrados em pervertida piedade de falsa fé, desejando de coração que a inexistente deidade arraste para junto de si o coração do adúltero. Tudo isso, enquanto lá fora, no terreiro, à luz da lua cheia, as névoas passam levadas pelo vento sobre a oferenda propiciatória. E como foi, lá vem a Má de volta à sua casa, cabeça coberta, olhos desconfiados para dormir tranquila e no dia seguinte proclamar aos quatro cantos que a ciência...

Julho, 14. Maria Clara e eu excursionando pelas Cidades Históricas de Minas Gerais. De 12 a 20, ao lado de pessoas interessadas em admirar a arte barroca, as construções coloniais, a história e a poesia do oitocentos mineiro. Andando por essas ruas e ladeiras, contemplando a graça dessas igrejas, recordando as figuras de Aleijadinho, Tiradentes e Gonzaga, voltamos de alguma forma à nossa infância, à nossa escola primária onde esses lugares e esses vultos apareciam à nossa inocente fantasia com um sabor de fantástico.

Maria Clara, de sentimentos mais finos, simplesmente se extasia na contemplação de tudo. Vê-se que ela absorve internamente as formas da arquitetura, da arte, das ideias que ainda vivem, ainda se sentem por aqui. Como se os montes conservassem no seio, com zelo, aquele pouco de vida do passado que a loucura do progresso teima em destruir por toda parte. Trouxe comigo uma edição de "Marília de Dirceu" cujos versos amorosos leio para Maria Clara nos curtos intervalos de silêncio. E ela, feito Marília ouvindo outrora o poeta apaixonado, delicia-se com a graça da música das líras.

Julho, 17. O que sobrou afinal daquela sociedade do século XVIII que aparentemente se preocupava com ouro tão somente? Um teatro, um palácio, algumas igrejas, músicas divinas, esculturas sem conta – a vida do espírito enfim. Que é dos homens ilustres, dos governadores duros, do ouro e da opressão consequente, da riqueza de outros tempos? Quase ninguém se lembra deles hoje. São nomes. São ruínas. Era nisso que pensava minha doce Maria Clara durante um concerto apresentado em Ouro Preto. Ela mesma me contou na manhã do dia seguinte a meio caminho entre uma

igreja e outra. E concluiu: "Apenas os valores espirituais sobrevivem ao tempo!" Dei-lhe um beijo de contente. Naquele momento percebi como deve ser delicioso ser aluno de tal professora.

Julho, 21. De volta de viagem, mas ainda de férias. Aproveito para visitar amigos, parentes; para escrever com mais gosto ou rever textos prontos. Não adianta: sou apaixonado pelas Letras. Desde cedo, antes das aulas com o Pasqualino e principalmente depois delas, pus-me a escrever. Por conta, mais do que por obrigação. Primeiro foram alguns poemas desenxabidos. Depois foi o compromisso cotidiano com o Diário. Em seguida foram as crônicas, por possível influência de Machado de Assis. Vieram finalmente os contos nos quais vim analisando a condição humana.

E quanta coisa descubro ao escrever! E quanta alegria ao achar um filão rico onde trabalho dias a fio para recolher joias inimagináveis. Nulla dies sine linea: escrever um pouco por dia. Não parar. Como a respiração. Escrever é preciso. Escrever é libertar-se. O resto é resto. Cumprir arrancar de dentro esses demônios que nos torturam. Como neste momento. Só no mundo das letras é que consigo sonhar de verdade. E eu gosto; e eu preciso sonhar. Sonhar para não morrer de tédio!

Julho, 25. Tirei o dia para ler. Meu apartamento é silencioso. Fecho-me ali sossegado e perco-me na leitura de um romance Italiano: Os Noivos. Manzoni ousou no seu tempo cantar a aventura de dois jovens do povo, da gente simples e sensata, que enfrenta as dificuldades sem desanimar. É a imagem do povo de nosso país que, apesar dos caprichos e loucuras dos grandes, continua confiante em si e no bom senso apenas para a solução dos problemas. No tempo de Manzoni (ou antes?) costumava-se sempre exaltar os poderosos do dia. Neste ponto então o escritor italiano antecedeu alguns escritores de nosso tempo? De qualquer forma, de Manzoni se aprende muita coisa. Os Noivos é uma obra perfeita. Comungo muito do pensamento do autor, um artista acabado.

Julho, 28. Por incrível que pareça, estou com saudades da escola. Saudades principalmente de alguns companheiros. Da leda, por exemplo. Da minha querida leda, desbocada, mas de coração limpo. Alegre com o

pouco que tem: a profissão, o apartamento pequenino, algum dinheirinho, os amigos. Mulher prendada na cozinha e no bordado e, no entanto, satisfeita com a solidão. É solteira. Excelente professora, passa seu tempo a estudar. “- Estudando sempre, leda?” - se pergunta a ela. E ela: “- Sim, faço uma especialização em Direito!” Os livros a obcecaram mais que tolos amores, embora não despreze a ideia de ainda... Mas aprecia a solidão. Seu apartamento é seu mundo. Nas paredes, quadros de crianças tristes, quadros grandes, de crianças enormes, mas tristes, quadros com molduras prateadas. Em cada parede um quadro.

Como se tu, minha querida leda, te visses nestes espelhos feito criança abandonada e triste. É a imagem interior de ti mesma que contemplas nessas paredes de teu apartamento. E tudo no lugar, e tudo colocado em seu lugar com muita graça. Como se tudo estivesse em ordem no mais íntimo dela. Sua alma era assim por certo: bela e triste, como as crianças. Mas fora, quanta alegria, quanta piada, quanto desbocamento! Era a leda das gargalhadas, da gozação, da esculhambação. Um paradoxo, a leda. Foi por sentir saudade de suas piadas que me lembrei de sua alma!

Julho, 31. Tudo pronto e arrumando para a volta às aulas. As férias recompõem a gente. E volta-se ao trabalho com a mesma disposição do sol a cada manhã que desponta. Tensões desfeitas, terminado o cansaço, alma renovada, preparo minhas aulas de Português para reiniciar a pleno vapor. Vou rever os alunos - o Paulo e sua musa, a Cornélia e seu namorado apaixonado; os companheiros professores - os chatos, os indiferentes e os amigos; o Diretor Romão com suas exigências e gritos, o velho João que anda de juízo perturbado com as minissaias das meninas... Torno ao meu mundo de alegrias e tristezas, à minha escola onde me formei e onde progrido pouco a pouco. Mas vou voltar para junto de nosso Orientador que não tem medo de ninguém, e atira para todos suas ideias brilhantes de homem experiente que anima os medrosos. Que bom!

AGOSTO

Agosto, 02. As aulas recomeçam sem recomeçar. Beijos, abraços, casos e coisas. Antes, durante e depois das aulas. Achei a Lu um pouco preocupada. Quanto à Rosana, desde o primeiro dia...estava chata. A Rosana não é feia. É chata. Para contar um fato insignificante, ela precisa contar muitos outros que de alguma maneira lhes mantêm relação. E a gente tem de ouvir pa-ci-en-te-men-te. Porque se não ouve, ela se ofende. Os companheiros se perguntam às vezes como é que ela consegue, por exemplo, namorar. Haja namorado para aguentar o rosário de casos de primos, de conhecidos ricos e amigas dela que... “– No primeiro dia ou depois da primeira trepada” – diz Ieda – “o coitado se manda de fininho”. É demais. A Rô, além de tudo, é crédula. Frequenta quiromantes que, à boca pequena, lhe leem a vida e lhe vendem esperanças. Rosana faz parte do grupo de companheiros da escola que apelam para o misticismo na solução de problemas pessoais. Moça de fina educação, acha grosseira a prática da macumba: negócio com sangue de frango e cachaça não é com ela. Mas uma quiromante ela não dispensa. Gosta do ambiente de mistério da sala, do ar de mistério da mulher que lhe toma as mãos e vai lendo, feito geógrafo experiente debruçado sobre conhecidas cartas, os labirintos do futuro que se estendem, nítidos, à sua frente. E a Rosana, mesmo sentindo na carne a inexorável passagem do tempo, ainda acredita nos bons dias, no namorado que vem vindo, em filhos até, que o tempo lhe trará. Quanto ao presente, ela nada faz para mudá-lo; contenta-se em resmungar e dizer que não adianta mudar nada. É assim mesmo. E dá exemplos que, por sua vez, precisam de outros exemplos, minuciosos, monótonos, chatos, com os eternos amigos e primos ricos dela. Começamos bem o semestre!

Agosto, 04. A Comissão de Formatura está com planos grandiloquentes. Foi o que pude perceber da conversa com a Marília, minha boa aluna, que é da Comissão. Pensa-se num baile de gala com o mais badalado conjunto musical da cidade. E concluí com os meus botões que, afinal de contas, todos gostam de se iludir com o fogo-fátuo das luzes, do brilho, da glória de um momento. Foi assim também com nossa turma. Quanto esforço, quanta imaginação, quanto dinheiro para saborear a exclusividade de uma noite de formatura! Sonha-se com essa noite ao lado

da menina que se adora. Como se ela viesse a se constituir no coroamento indispensável de longos anos de trabalho e dedicação.

No dia seguinte cedo, tão logo se acorde do sonho desfeito, é que se vai aquilatar a insignificância daquelas curtas horas, a desproporção entre o esforço despendido e o gozo usufruído. E então se percebe que foi tudo vaidade. Mas todo estudante, como aliás em tudo na vida, só acredita pela experiência. Por isso não atrapalho em nada os planos de meus alunos que têm afinal direito também a seus deliciosos sonhos da juventude.

Agosto, 07. Novidade! Novidade estarrecedora! A Lourdinha casou! Ninguém queria acreditar no que ouvia. Mas como foi a própria professora que contou, não há duvidar. Pois é, a Lourdinha, aquela mulher fria e seca nos sentimentos (como a gente se engana!), aquele mulher que ria meio à força um risinho amarelo, entre desconfiada e ousada, de volta das férias revelou a novidade: casou-se. E ninguém ousou na frente dela perguntar maiores detalhes, porque simplesmente a Lourdinha não nos falou nunca de namorado. E eis que nos aparece casadinha de novo. Mas, por trás, em outras horas, e durante alguns dias, o assunto foi o casamento da professora de Educação Moral e Cívica. Há de ter sido um casamento apressado, pois num mês ela namorou, noivou e casou, nossa Lourdinha. Ela que antes ficava vermelha com as piadas da leda, agora começou a rir-se ela própria quando a colega lhe perguntou se correu tudo bem na primeira noite. Coisas da leda! Pois salve a Lourdinha e seu casamento que se tornou a novidade maior do início do semestre.

Agosto, 10. Todo mundo reparou na mulher careca que permanece o dia inteiro, sentada no chão frio da calçada, de frente à nossa escola. Olha indiferente os transeuntes, cigarrinho na boca, rosto pintado de manchas vermelhas, aparelho de barbear correndo para cima e para baixo, para um lado e para o outro na cabeça inteiramente raspada. Pelo rosto e pelos olhos se nota alguma descendência de imigrante que uma causa desconhecida obrigou a lenta degradação. Não tem trinta anos. E se aquelas carnes sujas tivessem um banho e se cobrissem de roupas comuns haveria de seduzir a muitos homes pela rua. Mas assim como está... só atrai o dó de todos. O curioso nessa mulher é que ela não pede esmola. Não, não

pede. Limita-se a sentar-se, pernas estendidas ou joelhos levantados, rapar-se a cada dia e ver o tempo passar, passar, passar interminavelmente. Onde come? Onde faz as necessidades? É louca? Nunca se vê ninguém a falar com ela nem sequer a rir-se dela.

Como se ria todo mundo daquele "ex-pracinha" nanico, que, ao contrário dessa mulher, andava o dia inteiro pela calçada em frente à escola, vestido de roupa caqui, com uma faixa verde-amarela transversal no peito, capacete na cabeça, e uma varinha na mão à guisa de fuzil. Ele era falante, batendo continência a quantos passavam, e resmungando sozinho. Essa mulher é muda e distante. O que passa pela cabeça das pessoas? Vai ver que cada um de nós vive uma espécie de loucura: a sua loucura!

Agosto, 13. Má, nossa professora de Psicologia, parece estar Jogando em dois times: quer ao mesmo tempo a paixão do tal Beto e a insistência amorosa do antigo namorado. Este, que nos primeiros tempos da separação se manteve à distância, agora reaparece aos poucos na cena. Com outra atitude, mais subserviente, sempre e cada vez mais pronto e disponível, socorrendo a moça em suas dificuldades, fazendo tudo que ela mandar. É assim que ele se me apresenta pelas palavras da Má. E noto inclusive na amiga um certa pitada de malícia, quando ela me diz, a rir, que toma dinheiro do antigo namorado para... preparar rica mesa para o outro. Sim, em última análise, um amante sustenta outro.

Seria uma espécie de vingança das antigas cenas de ciúme doentio que a levavam até às lágrimas? Pois ela pede dinheiro ao primeiro homem que é louco por ela e lhe atende a todos os caprichos, para comprar o vinho bom, o camarão especial, o caviar caríssimo que o outro, à luz de velas, prova com especialíssimo, caríssimo e boníssimo apetite em honra do amor. A Má acha ótima essa dúbia situação. Ganha dos dois lados. Anda nos dois barcos. Até quando, não lhe interessa por agora. Feito esperta amazona de espírito interesseiro, segura firme as rédeas dos dois fogosos animais - garanhões famintos! Tudo fazendo para que um desconheça o outro, e ambos a arrastam gloriosamente pela rua da vida. Que Psicologia única aplicas a esses homens, professora!

Agosto, 15. Dia agitado entre os diretores do Grêmio em nossa escola. Estão todos se perguntando quem teria mandado ao Regino um segundo bilhete dizendo... Bem, os professores já tinham sido informados de um bilhete anônimo onde se acusava o pobre Regino de homossexual. O coitado, diretor cultural do Grêmio, permaneceu uns dias sem dormir, assustado com a acusação que a ele se fazia. O Regino não aparenta, por gestos, ser a bicha de que fala o bilhete. Mas começou a pairar uma dúvida depois que se apresentou numa peça de teatro, ano passado, em que fazia o papel de um deus, quase inteiramente nu, assistindo entre gozos aos sofrimentos dos homens, que se arrastavam em promiscuidade no chão. Ainda na festa dos professores no ano passado, participou com muitas meninas de um musical em que Sandra (arrepio-me todo só de pensar nas excitantes pernas de Sandra naquela noite!) imitava com arte a Lisa Minelli, e Regino era uma das bailarinas... Mas o recebimento do segundo bilhete dava o que pensar do caso. O presidente do Grêmio pensou em chamar a polícia. Mas o próprio Regino demoveu-o da ideia. Gostaria de descobrir alguma pista que o conduzisse calmamente ao acusador. E o acusador era um aluno como o Regino. Era um colega dele que se satisfazia em atormentar o rapaz. “- Quem será?” - era a pergunta que todos os professores nos fazíamos.

Agosto, 18. Faz sete anos hoje que comecei a escrever diário nos tempos de colégio. O tempo passa. O tempo vai mudando tudo. O Pasqualino já se aposentou. Foi de uma palavra de incentivo dele que me pus a rascunhar estas páginas. “Tentem escrever um diário” – pregava ele do alto do estrado a seus alunos de Língua Portuguesa – “tentem sem desanimar e verão em que delícias se transformará o exercício que a princípio cansava”. E é verdade. Escrever é uma necessidade deliciosa. Como beber água com sede; comer quando se tem fome. À noite, no silêncio de meu quarto monacal, revivo e interpreto os acontecimentos do dia através das palavras. É o brinquedo mais divertido que me foi dado conhecer. A tal ponto que já nem sei se escrevo para viver ou se vivo para escrever. Obrigado, mestre Pasqualino, por tua palavra que me despertou para a palavra!

Agosto, 20. Já disse em outro lugar que nosso Poeta José Vicente é doido por mulheres. Não, não. Não tem nada de errado nisso. É doido por mulheres enquanto fonte de inspiração para sua verve. A mulher para ele é quase um ser metafísico: ela é para ele sempre uma imagem de algo transcendente. A mulher, com seu encanto e miséria, não passa de um meio de expressão. Ela é uma linguagem para José Vicente. Ele pensa e fala mulher. A mulher é uma metáfora. Por ter sofrido muito, e por ter recebido os maiores gozos nas mãos da mulher, ela se transformou em ideia e palavra.

E José Vicente, nos intervalos de almoço, de quando em quando, me conta coisas da adolescência. “- Em dado momento, a mulher foi para mim a imagem do Mal. A encarnação do Mal. A educação me obrigava a lhe fugir às seduções, a lhe evitar a presença. Principalmente da mulher moça. A mulher menina e a mulher velha seriam uma espécie de princípio e fim de um processo de desenvolvimento do Mal cujo tope estaria colocado na mulher moça?”

Mas na juventude e na convivência com as mulheres, segundo o Poeta, houve a metamorfose: a mulher acabou como imagem do Bem, fonte de poesia, expressão mais alta do Belo. “- O Bem, o Belo e a Poesia eram a mulher para mim na juventude. A manhã, através das surpresas da aurora, brotou do seio da noite. E aos poucos a nova figura da mulher (fonte de vida) substituiu a antiga figura, a assustadora figura do Mal!”

Não seria essa evolução de seu espírito uma surpreendente manifestação da ambiguidade histórica que lhe marca a vida? De qualquer maneira, a segunda figura da mulher se tornou para ele uma inesgotável fonte de poesia. Não erraria, estou certo, ao dizer que a Mulher para ele é a Poesia. Sintetizando: Mulher = vida = Poesia. Mas é uma coisa só. Uma coisa divina. Muito em segredo me confidenciou nosso Poeta ter sentido paixão por uma companheira (quem seria?) cuja presença e cujas palavras lhe lembravam muito simplesmente a Graça Divina. Teria dito à moça num momento de efusão: "Você, querida, me dá a imagem exata da Graça Divina. Deus há de ser para os bem-aventurados como você é para mim." Incrível esse José Vicente!

Agosto, 21. Penso seriamente em me casar com Maria Clara. Conversei com ela sobre isso. Ela me deu um olhar tão doce e me apertou a mão com tanta ternura que ainda agora me comovem. E contou que já sonhava com uma casinha cheia de graça (logo pensei nos quadros dela pelas paredes), onde a gente pudesse viver alegremente com os filhos, batendo longos papos com os amigos... Maria Clara gosta de sonhar. Que bom! Ambos formados, ambos trabalhando, conhecendo-nos já há algum tempo, e amando-nos, não há por que esperar. A moça me cativou do primeiro dia com sua meiguice, sua inteligência, sua sensibilidade. É uma fonte de graça no que fala, nos gestos, na transparência de sua alma. Vinte e três anos de riqueza interior que descobri por acaso nos caminhos da vida. Só me cabe renunciar a tudo e conservar essa pedra preciosa!

Agosto, 24. Era uma vez uma menina chamada Cecília... Assim é que gostaria de começar a história de uma moça que, vivendo sem pai até os catorze anos, passou a viver sem pai nem mãe a partir de então. Menina inteligente, cursou o ginásio cuja matrícula ela trancou ao final para se aperfeiçoar numa ocupação, que pouco a pouco se tornou praticamente a razão de ser de sua vida. Pois no amor não tinha sorte. Cecília apaixonou-se do Pena, um moleção que só tinha pernas e mãos para o basquete e nenhuma cabeça para estudos. E o malandro do Pena, saboreados os primeiros beijos da menina de 15 anos, não teve pena dela; começou a namorar uma jogadora. Cecília me confidenciava todos os sentimentos nos intervalos do recreio e não raro de volta para casa. Falava-me de suas leituras excessivas, falava-se de seus pensamentos escritos que eu admirava e dos rapazes de que gostava. Do Ivã, por exemplo, que havia fugido com uma moça para o Rio de Janeiro e de onde voltara com um filho cuja educação estava aos cuidados da mãe dele. E era ela quem ouvia os arrependimentos do Ivã, e era ela que saía com ele para distraí-lo. Mas do Ivã não podia se enamorar: era um amigo. Era o irmão que ela nunca teve.

Cecília... Havia momentos (confesso-o com sinceridade) em que Cecília era insuportável. Era. Não compreendia que ela me exigisse com exclusividade. Ela me exigia a atenção inteiramente para ela. Santo Deus, chegava a me irritar. E agora vejo que a falta de carinho justificava tudo. Era uma menina carente. Conhecia o pai apenas pelo nome: homem rico, da

sociedade de uma cidade do Interior, que abusara da empregada, de quem nascera uma filha – Cecília. A mãe vagava de cidade em cidade com a menina atrás, à procura de um homem e de um trabalho. A menina crescia ao deus-dará, ultimamente em casa de uma tia onde a mãe a deixou para acompanhar um homem em outra cidade. No dia em que o tio, ao vê-la uma noite sozinha em casa, tentou primeiro seduzi-la com palavras e depois correr-lhe ao encalço, decidiu consigo mesma que moraria sozinha, fosse o que Deus quisesse. E Deus quis que ela com dezesseis anos se arranjasse sozinha para que fosse provando, até a última gota, as delícias e os tormentos da solidão. Solitária de noite, depois de um dia de ativismo na empresa. A solidão e o ativismo brotaram ambos em seu coração e cresceram entrelaçados, parasita um do outro. Num que outro intervalo, feito oásis de vida em pleno deserto seco, despontava uma aventura de amor. Ela sempre me telefonava no começo ou no término dessas aventuras. Eram amores tempestuosos e curtos, ou pacíficos e longos. Mas eram eles que lhe davam sentido à vida. Eram eles que lhe permitiam respirar sob o peso duro da solidão e do ativismo. Eram eles a voz humana, pessoal, particular que respondia à sua ânsia de companhia e de diálogo. Cecília, nessas aventuras de amor, era uma mulher, cheia de vida e de sonhos, transformada pela ilusão. Pois foi uma dessas aventuras que ela tentou eternizar com a loucura repentina de um casamento.

Achara um rapaz que ela conseguiria dominar, que lhe fazia as vontades, sem família por aqui e que aceitou, depois de curto romance, conviver com ela. Não discutia os horários desordenados e as viagens de trabalho de Cecília para quem seu trabalho era o bem maior da vida. Era o trabalho que lhe permitia a sobrevivência, que lhe dava status, que lhe oferecia vantagens e que a realizava enfim. O rapaz aceitava-a como era. Este amor não tinha a surpresa, a intensidade de outros amores. Dava-se bem com o moço e com ele quis casar-se de repente. Para não ter problemas futuros, nem mudar de nome e, ao mesmo tempo, obter as bênçãos de Deus, casou-se numa capela da Igreja Brasileira aonde chegou num galaxie preto do patrão que lhe deu uma viagem de presente. Fez até uma bonita festa para os poucos amigos e convidados. Eu estive lá. Porque ela gostava de mim como irmão. Surpresa maior que o próprio casamento ela nos deu ao telefonar, três meses depois, que desmanchara o

casamento, que o rapaz deu de interferir em sua vida profissional em função dos horários e viagens a serviço, e que o melhor para ambos era que cada qual seguisse seu caminho. Era demais para mim: fiquei atordoado. Mas assim é a minha querida Cecília. Percebendo que seria difícil um sentimento duradouro com um homem (ela quase aceita que este é afinal seu destino!), tratou de dedicar-se com afinco aos novos filhos pequenos que a mãe deu a um senhor que com ela se firmou. E é de vê-la, à minha Cecília, a levar presentes para os irmãozinhos, a mobiliar a casinha da mãe que a abandonou tempos atrás. Gosta de passa fins de semana com eles e sonhar com eles um futuro melhor.

Um dia soube que na cidade de origem havia outra moça, filha do mesmo pai (mas não da mesma mãe!), e quis conhecê-la, à sua meia irmã. Imaginava consigo trazê-la para sua companhia, e viverem juntas, e sonharem juntas como irmãs que se querem bem. Foi à cidade, achou-a, contou-lhe o seu caso, ouviu o caso dela e fez o convite. Não houve resposta. A moça, a exemplo dela, seguia o próprio caminho. E voltava para o trabalho mais animada, com nova motivação, desejosa de progredir, de se aperfeiçoar. O trabalho era sua vida. Preocupava-a, porém, sua solidão, sua doce e dolorosa solidão. Não entendia por que uma mulher inteligente, bem dotada, bonita (e Cecília com seus vinte e cinco anos é uma mulher bonita!), não tinha direito à felicidade de ter um lar, um homem, um amor. E assim Cecília vai vivendo sua vida: caminha na estrada da solidão, longa e penosa, com uma garra viril, sonhando sonhos impossíveis que, de quando em quando, parecem se concretizar e que, na verdade, não passam de pequenos oásis no deserto imenso. Gosto quando me liga para um papo ao telefone, pois sempre há uma novidade. A única razão afinal que dá a ela um sentido na vida é a razão profissional: a mulher avança e se desenvolve na ocupação. É o sol que lhe ilumina a vida e sempre lhe dá esperança de um dia... ainda ser feliz com alguém!

Agosto, 26. Proponho-me hoje a falar da segunda parte da teoria explicativa de minha evolução espiritual a partir do estudo do Poema. Deixei o colégio, deixei o Pasqualino, deixei as doces aulas de Literatura. Fui para a Faculdade de Letras. Ali descobri os modernos e os modernistas e a anarquia das formas. De repente vi com espanto que um mundo novo se

abria diante de meus olhos estupefatos. O que para mim era definitivo, acabado, exemplar – os poemas com métricas e rima – não passava de uma possibilidade que o tempo impunha como única. É claro que eu, sob o império da aprendizagem anterior continuava a escrever meus poemas escondidos com a rigidez de sempre. Meu espírito, mesmo deslumbrado com os novos tempos, continuava hirto e duro como antes. A forma em mim ainda era mais importante que as imagens, que a poesia portanto.

Mas o ambiente da Universidade, pluralista por essência, contestatório por natureza, era um rio caudaloso, de outras águas, que me arrastava (contra o meu costume, não contra a vontade!) para novas paisagens. E o Poema moderno, sem regras, sem rima obrigatória, sem métrica – o poema de Mário de Andrade, de Manuel Bandeira, de Drummond, de Cassiano Ricardo, autor de Martim Cererê, com seu cheiro de verde e amarelo, de ruptura, de inovação, era um novo continente que à distância meus olhos descobriam! Meu Deus, quanta poesia! Meu Deus, quanta liberdade! E os novos ares me faziam bem à alma. Ao mesmo tempo que vagava por novas terras, descreia da terra de origem. As oitavas épicas me pareciam maçudas feito monumento de pedra. O soneto era agora uma delicada prisão. O pantum tinha alguma coisa de artificial, de mofo, de extemporâneo. Havia mesmo a necessidade de embalar a inspiração nessas caixas pré-moldadas? E até na estante de minha pequena biblioteca, os modernos poetas iam aparecendo ao lado dos antigos, dos clássicos.

Eu me surpreendida com o acontecimento. E lembrava as densas névoas em que o Pasqualino punha os novos bandeirantes da poesia. E muito significativamente fui também eu tentando os primeiros passos da liberdade: comecei a compor poemas modernos. Passos de crianças! A primeira namorada foi que recebeu as primícias dessa nova infância. Havia de quando em quando uma saudade da rima e da métrica, mas o espírito se rebelava contra a antiga opressão. E o distanciamento foi se tornando físico. Já não manuseava com tanta diligência os poemas de meus clássicos. Não. A fome agora era pelos tempos novos. Pelos poemas novos. Pela nova liberdade. E lá me pus a andar pelos novos caminhos em busca da nova mensagem. A forma não interessa tanto como a poesia. E o que o poema moderno procura não é nada mais do que a poesia. Sem rimas nem metro!

Agosto, 29. Papo com o Orientador depois do expediente. No bar da esquina, regado a chope, à mesa com outros colegas. Aprecio momentos que tais por se tornarem ocasião de descobertas. O chope é uma fonte borbulhante de metafísica, que nos arrasta a conclusões inimagináveis nas horas comuns. Qual foi a conclusão a que cheguei sobre nosso Orientador? A de que ele é um homem inteligente. Vejam se é ou não é. Ele confessou no papo que adora estar ao lado de gente inteligente, crítica, ousada. É com essas pessoas que ele aprende, disse o colega. Ao contrário, aborrece viver com gente dependente, passiva, resmungona, pessimista. E sabem por quê? Ele dizendo: “- Porque eu era muito dependente! O ambiente de casa e de escola foi muito rígido, quase de internato, valorizando demais a inteligência, deixando de lado as pequenas coisas práticas do dia-a-dia.” Tudo lhe vinha pronto e acabado, nada era difícil a não ser estudar e aplicar-se aos estudos. Depois, quando enfim se viu só e que não adiantava resmungar contra as exigências do momento, aprendeu a se virar, a ter opinião própria, a buscar soluções por conta própria. E propôs-se duas atitudes, as duas atitudes que ele nos apontou em si: estar sempre ao lado dos que pensam criticamente para explorar-lhes a inteligência e a coragem, e incentivar os companheiros que despontam com ideias diferentes em meio à mediocridade geral que nos circunda. Dá gosto estar com nosso Orientador e acompanhar-lhe o raciocínio que vai longe nas conclusões. Tomando chope então ele é admirável.

SETEMBRO

Setembro, 01. Nunca tinha lido nada semelhante: uma carta de amor de uma mulher, apaixonada por outra mulher. A gente sabe de transas mil de lésbicas por aí afora. Aqui na escola mesmo tivemos conhecimento de alunas se excitando juntas durante os ensaios de teatro. Mas é sempre algo distante, que nos escapa. A carta, não. O papel parece queimar nas mãos de tanta paixão. A carta é um vulcão aparentemente frio por fora, mas ardente de labaredas por dentro.

A amante, longe da amada, chama-a com desespero para si e a imagina nua a seu lado. E com os dedos em brasa, e com a boca em brasa aproxima-se de seu objeto com volúpia incontida. E grita no silêncio escondido da carta que é doida, que é doida, inteiramente doida por ela. E pede para ela ir correndo para junto da amante que não suporta mais viver longe dela.

A carta afinal de contas não era mais que um poema erótico, escrito por alguém visivelmente perdido - mas uma mulher - por uma aluna nossa. Uma professora foi quem me passou a carta. Ela estranhou os termos e não imaginava como uma mulher pudesse... Já eu, embora sabendo a origem da missiva, não via mais que sentimentos de homem apaixonado brotando do insatisfeito coração. Com uma diferença. Um homem, mesmo sem a intensidade afetiva demonstrada na carta, conseguiria ir além, muito além, e chegar naturalmente ao acme com a mulher amada. Pela simples leitura da carta nota-se que falta alguma coisa na relação entre duas mulheres. Eu me pergunto se duas mulheres podem se amar doidamente por toda a vida. Acredito que não: falta alguma coisa!

Setembro, 04. Uma aluna minha do 1º Secretariado me confessa um segredo: tentou o suicídio no último fim de semana. A Terezinha, quem diria, num ato de desespero, tomou dose exagerada de barbitúrico e dormiu sem parar. Cansada da vida com dezoito anos? Justamente ela que adora viver, que é alegre? Problemas de casa, contou-me no intervalo do recreio. Moram tantos irmãos na mesma casa com os pais. Uma irmã deu à luz uma menina que não tem pai, outra está esperando e casou grávida, e todos morando juntos. Os irmãos não se entendem. Ela ganhando pouco no trabalho, tendo de colaborar em casa e o dinheiro não dando para se divertir.

Observo também (mas não digo a ela) que Terezinha não consegue namorar nenhum rapaz da escola. Será por ser estouvada? Lembro-me de uma paixão que ela sentiu por um rapaz da Administração. Foram juntos a uma excursão, apaixonaram-se com beijos e abraços e pronto. De volta, por mais que ela perseguisse o rapaz, não conseguiu dele mais que um visível afastamento. Tudo junto, chegou à conclusão que o melhor a fazer era sumir do mundo sem estardalhaço, com uma boa dose de barbitúricos. “-

Agora vejo como a vida é boa” - concluiu ela. “Tornei a nascer!” E eu para brincar com ela: “- Você quase nos deu dois dias de feriados, querida! Teria sido tão bom!”

Setembro, 06. Festa da Independência. Solenidade na escola. O grande auditório completamente lotado. O zunzum de rapazes e moças ia cessando à medida que o Diretor Romão passava pelo centro com todo o Corpo Docente atrás para ocupar os bancos da frente. Começa o Hino Nacional. Uma emoção freme no íntimo de cada um e a gravação se adensa num imenso coro que comove quem o escuta de fora ou de longe. Sempre a Festa da Independência foi mais cuidada que as outras. A mão de nosso Orientador andou por trás dos ensaios dos alunos. Quando estudante de colégio participei de algumas comemorações e sei o quanto cansa ensaiar e chegar ao apresto final.

Um poema de Cecília Meireles (do Romanceiro da Inconfidência) começou a apresentação. Temática: a liberdade. A liberdade é o tema central e conclusivo do Orientador. “- Sem liberdade a alma não respira!” - concluiu ele, depois de me solicitar um poema. E meus alunos escolheram o poema de Cecília Meireles. Com um fundo musical de uma bachiana de Vila-Lobos, a declamação foi um sucesso. Apresentação da peça "Liberdade, Liberdade" por um grupo de alunos. No grande silêncio do ambiente, os trechos proferidos com garra pelos atores arrepiavam a gente. É curioso, mas toda referência à tirania, à opressão, na minha cabeça tinham como alvo o diretor Romão, sentado beatificamente na primeira cadeira da primeira fila. Parecia-me até (foi um exagero de minha imaginação!) que os alunos se voltavam para o lado dele quando desancavam os ditadores.

Entre um ato e outro, o coral de alunas cantava músicas populares, sob a batuta de minha querida Maria Clara. A graça dela parecia espalhar-se para mim, para a escola e para o mundo nas ondas deliciosas das cantigas. Os instantes menos intensos da programação da noite foram os das palavras do Diretor. Mensagem fria, sem compromissos, com algumas alfinetadas a um ou outro. Ainda bem que depois, logo em seguida, foi cantado com incontida emoção o Hino da Independência. Nossos alunos estão de parabéns! Chego a considerar ousada a festa deste ano. Não houve banalidades além das palavras de Romão.

Setembro, 09. Cada um com suas ideias. Mas há cada ideia por este mundo de Deus que, no mínimo, me espantam. Uma delas é a ideia de nossa querida Má, companheira dessa escola, de querer que um homem viva com ela apenas três dias da semana. “– Deus me livre de aguentar um homem por uma semana, anos e anos a fio”. É o que ela diz. E arremata: “- Sonho com um homem que me dê amor por três dias e depois abre espaço para a minha liberdade”. Estranha ideia que ao mesmo tempo mata e preserva a solidão! Só na mente doida da Má. Mas está claro para todos por que pensa ela assim. É que ela, não conseguindo a adesão total do seu apaixonado Beto (que não quer abandonar por ela mulher e filhos), pensa em ganhar sua adesão parcial, o meio período interessante que a satisfaria em plenitude. Todavia, pelo visto, o homem, por mais apaixonado que seja, não aceitou o compromisso. Essa recusa do amante, despertou nela uma ideia de vingança, uma ideia sempre antiga e sempre nova – eficientíssima: recusar-lhe a fonte do prazer. “– Ele me vai procurar em casa e eu lá não estarei”. Que crueldade, professora! Você não nega seu sexo! Apesar de tudo, com todos os obstáculos que uma ideia tão avançada encontra pelos contraditórios caminhos do mundo, a professora Má não desiste de seu intento de achar alguém – um homem, diz ela! – que viva com ela apenas três dias da semana.

Setembro, 12. Estourou feito bomba entre nós a notícia da morte de nosso aluno Alberto. De repente, o moço fegoso, o jogador brilhante da escola, o colega da turma, o namorado da Izildinha desaparece. Vivo na sexta, morto na segunda. Um sentimento de absurdo ocorrido espalhou-se entre nós todos. Alguns alunos de Administração, avisados às pressas, ainda puderam ver-lhe o rosto tranquilo, o corpo estendido entre flores, e ajudaram a levar-lhe os restos à sepultura. Pobre Alberto! Todos se lembravam dele nos últimos tempos. O namoro com Izildinha tornara-o menos áspero, trazendo-lhe um sorriso novo que fazia brilhar seu rosto moreno. Pergunto-me se não há, no que vai morrer, um pressentimento de sua hora. Se não há, era que nosso aluno de Administração estava se tornando mais humano mesmo! Deus o tenha!

Setembro, 15. Mais uma do professor Romão, nosso diretor. Pediu à secretária, de inteira confiança dele, que fosse conversar a sós com a colega Sandra, da Secretaria. Assunto: Sandra e um professor estariam andando muito juntos. A pobre Sandra, com quem trabalhei até o ano passado, veio muito confidencialmente (e entre lágrimas!) me contar o ocorrido. E me falou da incrível solução que nosso admirável Romão achou para solucionar o problema: que os dois evitem de se encontrar a sós pelos corredores, na rua, etc. Isto é, no fundo o que preocupa o Diretor são as aparências. O que vão dizer de nossa escola? Mesmo que por baixo esteja tudo podre, salvem-se as aparências! O pior é que Sandrinha é muito tímida e tem pavor da secretária, quanto mais do Diretor! A que ponto chegamos. Colegas não podem andar juntos, amigos não se podem conversar, a gente não pode viver sossegado! E o professor Romão, quem diria, não tem coragem sequer de chamar a atenção ele mesmo à funcionária! O que se passa na cabeça do infeliz Romão afinal? Ciúmes? Ele que vá à merda com seus ciúmes! Admiro-me também de como a secretária se presta para esse tipo de trabalho. De repente, o que poderia ser um simples papo elucidativo, se torna uma tragédia!

Setembro, 18. Hoje me borboleteou na mente uma ideia literária. Coisas que acontecem, de quando em quando, a um professor de Literatura. A ideia é uma pergunta: O que é a vida? E a imagem que melhor resposta deu é a de que a vida não é mais que uma contínua depuração de um texto que escrevemos dia a dia. Um texto com momentos de inspiração, onde as palavras fluem em borbotões cantantes. Um texto de instantes forçados em que o pior que se consegue é o máximo que se rende - um texto frio, seco e duro. E há momentos relaxados em que não se tem vontade de escrever nada, mas como se é obrigado a escrever, escreve-se um nada colorido e supérfluo. E a cada dia, com paciência de autor que leva a sério seu trabalho, vamos eliminando os excessos, os adjetivos inúteis, aparando as arestas cortantes, suavizando com graça as pedras pontiagudas. Coloca-se um ponto, muda-se uma vírgula a fim de sermos claros aos olhos dos outros. E o nosso texto aumenta com a produção do dia a dia, e o nosso texto diminui com inevitáveis cortes da necessária censura, à procura sempre de um ideal inatingível, o texto com que

sonhamos, mas que a capacidade interna e as condições externas não nos permitem atingir.

Quantas vezes não atiramos fora anos e anos de trabalho intermitente, texto que chegamos a apreciar e que, de repente, sob a luz de nova descoberta, não apresenta mais valor nenhum. E vai-se assim reescrevendo a própria obra. E surpreendemos os outros com novos textos que parecem desmentir anteriores textos. Acontece que cada coisa tem seu tempo. O importante é escrever, e procurar escrever bem, e não ter medo de retificar, e não se importar com a opinião alheia, pois o texto nunca há de agradar a todos, mas deve acima de tudo agradar ao próprio autor. Achei interessante a ideia e obriguei-me a desenvolvê-la aqui. Coisas de professor de Literatura quando não tem o que pensar em momentos de ócio!

Setembro, 21. Confesso minha tristeza. O que ocorreu hoje na escola só podia me inspirar tristeza. Qualquer criatura de alguma sensibilidade sentiria tristeza ao saber que dois amigos, dois amigos de infância, adolescência e juventude, rompem de maneira final e absoluta. Pois foi o que aconteceu entre o Gugu e o Carlinhos no dia de hoje - o rompimento de uma amizade sólida. Claro que não foi a discussão exaltada de hoje que quebrou o que foi até aqui o cristal luminoso de uma amizade. O cristal já estava por certo trincado por dentro em função de desavenças anteriores. Desde o dia em que o Gugu se apaixonou dentro da escola por uma professora, Carlinhos previa que a amizade entre ambos estremecia. Foi um caso que, a princípio, minha ingenuidade congênita não aceitava, mas que com o tempo foi se tornando tão evidente que até os alunos comentavam. O Carlinhos observava apenas. Em sua argúcia, porém, ele previa que a professora se aproveitaria da situação para se impor aos colegas. “- Afinal, ela é amiga do homem!” - dizia-se à boca pequena.

Eu no meu íntimo observava também a evolução daquela paixão: no começo permanecia razoavelmente escondida; pouco a pouco foi se tornando evidente. Duas companheiras, mais amigas de Gugu, ousaram, a sós, alertá-lo para o que dele se comentava. Recomendação do Assistente: “- Nunca mais toquem nesse assunto em minha presença!” Elas enfiaram o rabo no meio das pernas e encerrou-se o assunto. O Carlinhos, toda vez que como amigo se sentia impelido a tratar da paixão com o outro, lembrava a

embaixada perdida das duas professoras e... desistia. Enquanto isso, a previsão de Carlinhos se confirmava, feito nuvens pesadas de tempestade que estão prestes a rebentar-se em pancada sobre os desconfiados cidadãos.

De repente, uma sugestão da "amante" se concretizava com rapidez; uma ideia dela se transformava numa ordem; ela começou a aparecer como modelo para os outros. E Carlinhos, e todos se perguntavam o que teria afinal na moça atraído e seduzido o Gugu. “- Ela não é uma mulher sensual!” - dizia-se. E respondia-se: “- Mas dá para ele o que você não dá!” E pouco a pouco a mulher se foi transformando em astro. O Gugu, à medida que a paixão se mostrava, elevava às alturas aquela mulher fatal. E ela, que até pouco tempo nunca se maquiara, sempre andara vestida com simplicidade, passou a pintar-se, tornou-se mais feminina.

À medida que se ia afastando da companhia dos professores (que deram de desconfiar dela!), ia-se achegando descaradamente do Gugu. Almoçava com ele. Saía com ele. Vivia ao lado dele nos intervalos. Comentou-se até, com certa malícia, que haviam sido vistos a sós, namorando, ou deixando porta de hotel. Nunca acreditei nessas palavras, sempre ditas com um risinho perverso. Esquecia-me de contar que a tal professora era uma mulher inteligente, eficiente, séria profissional que, de meio tímida que era a princípio, pouco a pouco, à medida que voltou a estudar em Faculdade, tornou-se mais ativa, impôs-se mais entre os companheiros.

Carlinhos acompanhou, com certa admiração, a trajetória da outra. E a coincidência da evolução profissional com a evolução emocional chegou a confundir o espírito delicado de Carlinhos que se perguntava se afinal a aproximação da colega com seu amigo não seria decorrência de extroversão principiante. Ele, a princípio, difundia essa versão das coisas que poderia ser até verdadeira. Mas teve afinal de se render aos fatos que a escola inteira discutia. E um dia... um dia Carlinhos sentiu na própria pele as consequências da urdidura diabólica da colega. Gugu chamou-o. Apesar de amigos, pressentiu coisas. Foi e ouviu o que não queria ouvir: a partir do dia seguinte, ele deixaria a coordenação da parte técnica do curso para a professora.

Se a notícia abalou o Carlinhos (que viu na atitude uma dupla traição – do amigo e da colega), rimbombou feito bomba no meio dos professores e dos alunos. Um mal-estar geral tomou conta da escola. Ninguém aceitava a decisão do assistente. Não havia também, por outro lado, ninguém com coragem de contradizer o ato de Gugu. Foi o próprio Carlinhos que, ouvida a opinião dos companheiros, reagiu ao que considerava uma ofensa pessoal e tornou ao assistente. Aí sim a coisa foi feia. O coordenador, num ato de desespero, atirou no rosto do amigo toda a amargura que lhe ia dentro desde algum tempo. E foi a gota d'água. Porque a paixão no superior se mostrou mais forte que a amizade. E o que demorou anos para se consolidar, ruiu de repente feito casa cujos fundamentos a erosão escondida solapou. E o assistente foi muito além. Usou de sua autoridade para esmagar o que restava da antiga amizade. Exigiu a demissão de Carlinhos.

E Carlinhos, com ódio dos amantes no coração, chorando de raiva, nos deixou a todos por aqui. Havia em todos um nó na garganta, quando nos despedimos dele. Conclusão de todos: algo estava combinado entre Gugu e o Diretor Romão para este aceitar o castigo imposto pelo assistente contra o amigo. Paira no ar e dentro dos corações de todos os professores e alunos uma estranha mistura de revolta, de decepção, de vingança. Tenho a leve impressão de que algo vai acontecer em decorrência da saída do companheiro Carlinhos. Nosso Orientador anda meio zozinho pelos corredores, a conversar com um e outro aluno ou professor. Percebe-se que ele evita inclusive olhar para a tal professora e para o Gugu.

Setembro, 24. Reconheço que sou um sujeito metódico. Não é, pois, de admirar que viva à cata de método para estudar, para trabalhar, para viver. Sim, até para viver! Acho que o método evita a dispersão das energias, permite um maior aproveitamento cerebral, é a hidrelétrica que transforma em luz, em força, em movimento o que poderia ser um caudal disperso e inútil. Reconheço no método uma possibilidade de perigo de desumanização: afinal o homem transcende o método, e a escravização do homem ao método acaba por oprimi-lo. Evitando-se, porém, o perigo e explorando-se as próprias potencialidades através do método, ele pode tornar-se um instrumento de libertação.

Assim, contra minha natural tendência à preguiça, procurei e achei um método para escrever e para ler. Para escrever, aproveito meus intervalos de refeição, uma meia hora apertada que me rende muito mais em produção que as longas e perdidas horas de fim de semana. Com isso descobri que sou eu que faço meu tempo; que quem mais tempo tem, menos produz. E para ler, propus-me dois romances nacionais por um estrangeiro lido. E dos nacionais, se possível, que um seja antigo e outro moderno. Nos romances estrangeiros procuro passar pelos diversos países a fim de captar a sensibilidade das diferentes nações do mundo. Através desse método posso considerar-me um bom leitor, característica que, casada ao gosto pela escrita, me permite ser, com algum esforço, um bom professor de Língua e Literatura Portuguesa.

Setembro, 27. O companheiro professor que gosta de andar a sós com a Sandra foi conversar com o Diretor Romão. Assunto da conversa: as advertências que ele deu à Sandrinha através da Secretária. Eu estava em classe quando da entrevista, mas os companheiros me contaram. De repente, da sala do Diretor ecoavam vozes exaltadas, barulho de cadeiras arrastadas, de gente que mais queria brigar que discutir. E o professor teria saído de lá em fúria, disposto a arrostar todas as consequências de seu ato. E ao primeiro que achou no caminho ele desabafou: “- Falei de homem para homem!”

OUTUBRO

Outubro, 01. O jornalzinho dos alunos conseguiu provocar um acesso de furor em nosso estimado Romão. Já vinha lendo com maus olhos as observações de Olho Vivo e Faro Fino, pseudônimo indecifrável até para os professores. Pois a crônica desse número que exasperou o Diretor tratava da sujeira dos banheiros e, principalmente, do fechamento dos tais banheiros durante algumas horas. Embaraçou-se-lhe de raiva a vista, quando leu o comentário, e foi logo chamando o Orientador para explicações inexplicáveis.

Pois se ele ordenou, sem consultar os alunos, o trancamento dos banheiros, e se, apesar disso, os tais banheiros andam sujos, o que se tem a fazer é limpar os banheiros e deixá-los abertos. Só isso! Foi o que o Orientador, com bom modos mas enérgico, explicou a Romão que parou de bufar. Quem se deliciou com a reação do Diretor foi o Presidente do Grêmio a quem o Orientador transmitiu também a ideia de se rever a ordem maluca. Bela conquista dos alunos que, através da pena de Olho Vivo e Faro Fino, acabaram por conseguir pelo menos banheiros abertos e limpos. A imprensa funciona!

Outubro, 04. Que tempos danados! Atritos, demissão, acerto de contas e... despedida. Sim, despedida de dois companheiros, Dedé e Tonhão, os tais que se casaram apaixonados no começo do ano. Os dois, pensando em filhos, optaram pelo Interior para trabalhar e viver. Bem-aventurados! Tonhão veio do Interior e não gostou da Capital onde viver é perigoso. Tem lá umas terras de família que vai administrar morando numa bela casa da cidadezinha. Parece que veio a São Paulo apenas para conhecer a Dedé e endoidecer por ela e depois voltar. Me lembro dos primeiros tempos em que os dois, dia a dia, iam ficando mais perto um do outro. Ora um subia, ora o outro descia. Os olhares se perdiam um no outro e assim um achou o outro. Dedé deixou de lado o noivo oficial e em pouco tempo estavam casados. Tem gente que não acredita na teoria de Dedé de que é possível casar-se com paixão. Depois do que sucedeu com ela, não há mais do que duvidar!

Na despedida sinto mais pela Dedé com quem me afinei desde o começo. Não me envergonho de confessar que nos primeiros tempos me engracei com ela. Sua delicadeza de gestos e palavras, os modos, o rosto moreno, o corpo bonito me arrancavam suspiros do peito. Nunca lhe revelei nada. Satisfazia-me com sua presença. E depois, era noiva... O Tonhão é que não pensava como eu, e aventurou-se por aquela terra estranha, feito bandeirante que não tem mais que ousadia como limite de sua ambição. E não é que o Tonhão, com seu jeito de galã, acostumado com os desmaios femininos a seu lado, depois de descobrir a Dedé, abandonou tudo para segui-la? Agora ela é que, mansa e carinhosa, segue o marido para

começarem finalmente a viver a vida que sonhavam! Boa sorte, companheiros!

Outubro, 07. O amor fez muito bem à professora Lu. Anda mais bem humorada, mais solta a rígida, distante e puritana professora de Educação Moral e Cívica. O amor lhe fez muito bem à alma, conquanto não muito bem ao...corpo. Sim, notou-se que nossa colega vem aumentando a barriguinha a cada dia que passa. E ela resolveu enfim tornar-nos participantes de sua certeza: está grávida! Dona Isabel, por mais comentários que tenha ouvido à boca pequena, abaixou a cabeça sintomaticamente. Mas a desbocada da Ieda soltou um viva de alegria, abraçou a Lu e concluiu para os outros: -"Eu é que estou precisando de um homem certo assim!"

De repente, os sentimentos mudam. Aquela que era vista com olhos aborrecidos pelos colegas, agora se torna alvo das atenções. Ninguém pergunta pelo pai, todos imaginam o que aconteceu. E o que antes seria alvo de comentários acerbos por parte da própria Lu, se o fato tivesse acontecido a outro colega, por ter acontecido a ela mesma, parece que lhe fez abrir os olhos e ver o que antes não via: a dolorosa graça da mãe solteira. O erro (na antiga opinião dela) permitiu-lhe atrair o carinho dos outros. Se ela não tivesse errado, jamais cativaria os outros com o puritanismo de sempre. O erro tornou-a mais humana. O que não deixa de ser uma ótima conclusão para uma professora de educação Moral e Cívica!

Outubro, 10. Confessarei a outros as conversas íntimas que tenho mantido com Maria Clara sobre nosso futuro depois de casados? Vá lá! Vá lá! Que afinal falar dos próprios sonhos a outrem pode até ser bom. Imagine o leitor um fundo musical com sinfonias de Vivaldi, leves, ternas, sutis, caprichosas no ambiente. Os dois a provar um chopinho sem compromisso num fim de tarde de sábado. Assunto: nosso futuro depois do casamento.

Maria Clara, cheia de graça, os olhos perdidos nos meus, uma mão presa em minha mão, tinha uma voz que cantava aos meus ouvidos feito ribeirão delicado. E falávamos de nosso presente, bonito e duro, cheio de apreensões e de esperanças; e pensávamos em nossos filhos que, a seu tempo, hão de vir. Como virão? Que mundo acharão? É gostoso incursionar

pelo futuro, pelos campos indefinidos, inconsistentes do futuro, onde a fantasia, sem o peso da realidade, vai edificando castelos e adivinhando mundos inexistentes.

E esses mundos e esses castelos e esses sonhos iam brotando de nosso coração como as águas frescas de fonte de montanha. Ela e eu ali a olhar do presente para o futuro, do concreto para o abstrato, para o sonho sob a inspiração de carícias suaves que nosso amor exige. As carícias, por paradoxal que pareça, são ao mesmo tempo causa e efeito do amor, da confiança recíproca. Por elas acontece a comunhão das almas, e a comunhão, aspirando ser completa, investiga o sonho, o ideal do futuro. Como serão os filhos? Que delícia se pudessem não passar pelas amargas experiências por que passamos todos! O que seria mais importante para eles: não passar pelo que passamos ou despertar para a liberdade? Para ambos parece que a liberdade tem mais valia.

Sempre haverá um Romão na vida da gente a exigir, em contraposição, a ousadia, a independência e a liberdade de um filho de Deus. A ideia de liberdade para mim e Maria Clara vai-se tornando um ideia central, que merece mais respeito que as demais ideias. É gostoso ver como nós dois nos aproximamos do casamento à medida que nossos espíritos se identificam. Ao final do papo, tomei-lhe ambas as mãos, apertei-as nas minhas, olhamo-nos perdidamente, como a confirmar as conclusões comuns, e beijamo-nos. Maria Clara foi a joia mais preciosa que eu achei, e por ela não duvido em perder o resto. Um rastro de silêncio ao final acompanhou nossos passos!

Outubro, 13. Há quem goste de viver em apertos. Apertos de todo tipo. Como uma colega da Secretaria que, segundo me contaram os amigos, vem complicando a vida. Compra e não paga: as cartas das lojas que o digam. Até o ponto de ficar sem os móveis, porque as firmas os buscam. Aluga a casa, não paga o aluguel. E aí toca arranjar casa nova para novo aluguel que não será pago uma vez mais. Em momentos de extremo apuro apela para a aventura de usar dinheiro da escola. Uma loucura. E que sorriso sempre nos lábios! Eu me veria perdido em meio a credores, cartas convocatórias, batidas de campainhas, ligações inesperadas (ou mais do que esperadas). E a companheira não extravasa um susto. Ao contrário, vive

com histórias de fazendas na boca, como a provar a si e a todos que mais vale a fantasia que a realidade. O espírito voga por amplos céus, por galáxias infinitas como a protestar contra o cubículo apertado, contra a circunstância miúda a que o pobre corpo é condenado. É a compensação.

E creio não errar ao concluir que quanto mais apertada a vida, quanto mais impossíveis são as condições, mais o espírito se afasta para os infinitos do sonho nas asas da fantasia. E nem te ligo para as cartas de cobrança, nem te ligo para as visitas incômodas dos donos das casas, nem te ligo para os móveis que saem como entram. E a companheira da Secretaria faz de conta que não sabe que os outros comentam a sua situação entre si, à boca pequena. Finge não enxergar o jeito malicioso de olhar de seus ouvintes, quando fala nos parentes ricos e suas fazendas sem fim. Recebe sem hesitação a correspondência que lhe chega das grandes lojas solicitando seu comparecimento.

E continua seu trabalho, indiferente a tudo e a todos, possivelmente imaginando novas formas de comprar sem pagar, de usufruir por certo tempo de móveis que depois um caminhão vem retirar. Apesar de tudo, feliz por viver diante dos outros como uma criatura normal, que sonha com sua casa própria, com seu carro, com seus vestidos da moda. Parece mais com aquele mendigo que habita em casa abandonada, não tem nada em casa e vive proclamando aos desconhecidos uma situação de vida que não existe senão em sua fecunda imaginação. Como o mendigo, a companheira prefere os apuros a contar a real condição.

Outubro, 14. O que as meninas riram na Secretaria, o que riram elas com o poema de José Vicente! O companheiro gosta de dedicar seus versos a coisas e pessoas que o cercam. "- Sou um poeta doméstico!" - confessou-me ele diversas vezes. E de fato, sem nenhuma pretensão, lá está ele a observar e a cantar a vida. Ele já usou para si mesmo uma comparação curiosa: - "Sou feito passarinho, preso numa gaiola, mas louco por cantar o infinito que me circunda." E é isso mesmo que acontece com José Vicente. Por isso, mais uma vez, lamento que alguns não tenham compreendido nosso Poeta: deixam de lado a parte rica de seu espírito e se atêm ao aparentemente postiço, esnobe, pernóstico que ele mesmo faz questão de

aborrecer sem conseguir se desvencilhar. É uma limitação, vá lá! Mas a poesia que lhe vai por dentro, meu Deus, é tão mais convincente!

Ainda bem que há os que o admiram e lhe apreciam a poesia. Como as meninas da Secretaria. Principalmente a Terezinha de quem o próprio José Vicente se diz um fã. Eu provenho da Secretaria e sou testemunha de quantas trovinhas nosso Poeta compôs em homenagem à Terezinha. Trovas de amor, naturalmente! O soneto que escreveu para ela, porém, foi o que de mais sublime lhe saiu do peito sobre ela. A companheira lhe mostrou uma foto dos seus 23 anos explodindo de graça e frescor, com aqueles olhos verdes, verdes, verdes que impressionavam à primeira vista. E bem dizia o retrato que perpetuava no tempo os olhos verdes, o frescor e a graça de Terezinha.

Evidentemente que não era só poemas líricos que lhe inspiravam as meninas da Secretaria que se davam bem com ele. Havia também poemas leves e brincalhões, de ocasião, como este epigrama composto por ele sobre a administração do Diretor Romão e que fez rir muito as meninas. Diz o poema: “A imagem mais acabada/de nossa administração/é a porta sempre fechada/da mais alta direção./Naquela sala, sem jeito,/temem todos de ingressar,/não vá alguém sobre um leito/ a gente ali encontrar!”

Outubro, 15. De repente, batem à porta. Manhã clara de céu azul. Susto. Quem será? Abro a porta e vejo à minha frente...minha aluna Cornélia. Cornélia Pagana, como assinalava o diário de classe. Ela entra, me devora com os olhos, me arranca um beijo dos lábios e me diz: “- Ulisses, eis-me aqui. Hoje quero ser sua, inteiramente sua. Afinal é o Dia do Professor”. Fechada a porta, mirei boquiaberto a escultura divina de Cornélia e não consegui dizer mais que essas palavras: “- Minha Calipso!” Sim, juro que a chamei de Calipso, por mais que tivesse certeza que era Cornélia, minha aluna Cornélia Pagana. Ela mesma com aqueles olhos devoradores, perdidos naquele rosto lindo, perdido entre os longos cabelos negros. Foi ela mesma que me acordou do arrebatamento em que estava, com um abraço apertado que me fez sentir os dois seios macios.

Comecei a perder o controle, quando ela confessou que finalmente...me tinha às mãos. – “Me apaixonei por você desde o primeiro dia de aula, meu Ulisses. E sempre sonhei em ser sua, ainda que fosse uma

vez!” Agarrou-me de novo endoidecida para um beijo irresistível. O pior de tudo é que eu também tentava reprimir, mas sem jeito, uma louca atração por ela, atração que já provara em sala de aula ou recreio, quando lhe via as coxas à mostra sob a carteira ou as nádegas bem feitas de sua calça branca. E foi por causa dessa atração por Cornélia que minhas mãos foram subindo e descendo em doce incursão por suas carnes macias. “– Ai, Ulisses, você me enlouquece!” - gemia ela entre um beijo e outro. “– Eu morro por você, Calipso!” - sussurrava eu por minha vez.

E de repente meu modesto quarto, austero, mas cheio de sol nessa manhã, se transformou numa ilha de Ogígia, uma ilha bem grega onde a loucura substituía a razão, onde a perfeição substituía a moderação. Porque simplesmente se inverteram todos os valores, quando lhe fui arrancando as peças uma a uma para sentir nas mãos, entre extático e incrédulo, a doçura dos seios aureolados, a graça do monte de Vênus e o calor das nádegas - nádegas, monte e seios que beijei quase a medo. “– Este é o meu presente para o Dia dos Professores” - dizia ela, oferecendo-se a mim. “– Obrigado, minha Calipso” - respondia eu aconchegando-a inteiramente nua a meu corpo inteiramente nu. E minha aluna Cornélia, a Cornélia Pagana do diário de classe, arrastou - me para o leito, meu pobre leito de solteiro pobre, e me convidou com lascívia excessiva a provar de seus frutos, a saborear as primícias de seu corpo inefável.

E foi então que me aconteceu algo estranho, algo que esfriou num átimo o sentimento irresistível de posse que me dominava. Atirava-me feito cão faminto sobre a presa que se oferece de presente e ia já arrancar-lhe dos lábios sensuais um beijo definitivo, quando em lugar do rosto de Cornélia eu vi diante de mim, estupefato e intrigado, o rosto suave e puro de Maria Clara. Meu susto assustou minha aluna que me perguntava: “- Meu Ulisses, o que há com você? Não gostou de me ver assim? Rejeitará o presente que com tanto carinho eu lhe entrego?” E eu, que tentava sempre chamá-la de Cornélia, mas conseguia apenas pronunciar o nome da divina ninfa, respondi: “- Ó Calipso, alguma coisa está errada conosco. Ao tentar beijar seu lindo rosto, eis que enxerguei diante o rosto de minha Penélope que há muito não enxergava.” E notei em Cornélia, no recato que manifestou, no olhar turvo que suavizou, a mordida do ciúme. Em mim, a vergonha fez desaparecer todo tesão que me dominava. E tão

abruptamente como veio, depois de se vestir, minha aluna Cornélia, a Pagana de sempre, se foi, batendo atrás de si a porta de casa. A batida da porta me acordou. Meio aturdido ainda, tentando de alguma forma apanhar no ar a imagem etérea da moça, percebi que era tarde da manhã, uma manhã clara de céu azul. E me preparei para encontrar Maria Clara, minha noiva.

Outubro, 18. A comédia pode acabar em tragédia? A festa que os alunos organizaram em homenagem aos professores provou que sim. Nosso Orientador jurou de pés juntos que no apresto a que ele assistiu não se via nada para censura. Uma festa simples com números de coral, discurso, escolha do professor do ano, rápidas esquetes bem humoradas e pronto. E eis que ao final todos acabaram descontentes, depois de muito riso que o pessoal do Grêmio provocara na plateia. De fato, todos riram das esquetes: imitava-se o professor com perfeição. E os professores, bonachões, riam-se de seus próprios tiques. Uma graça, esses alunos!

Todos estavam sérios enquanto um aluno mais inspirado cantava com emoção a paciência e a bondade que haveriam de marcar o futuro do educando. O professor é um pai, e um mestre! Todos se encantavam com as vozes delicadas das meninas do Secretariado invocando a grandeza da Pátria que os professores promoviam. "Ó divino Onipotente,/ permiti que a nossa terra/ viva em paz e alegremente!" Era um êxtase geral cuja agonia só minha querida Maria Clara e as alunas do solfejo conheciam. Já nem todos apreciaram a escolha do professor do ano. Alunos e professores houve (notou-se pelo zunzum provocado pelo anúncio) que se assustaram com o nome resultante da eleição dos alunos: a amante do Gugu! Sim, a professora de repente brilhou na ribalta feito estrela da noite. A maioria, porém, escolheu. E lá se foi ela receber, entre os aplausos da maioria, o mimo dos alunos que valia um troféu. Nem comento aqui as fofocas que o caso provocou depois, principalmente entre os professores. Conto apenas que a leda quis porque quis saber de todo jeito como foi feita a tal pesquisa. Porque ela também andou fazendo uma outra que indicava uma outra candidata.

Mas houve uma pessoa que a partir de certo ponto da festa se aborreceu como ninguém: o Diretor Romão. Este estrilou de corpo e alma.

Foi quase pelo fim, uma última esquete mais longa, que fez todo mundo rir e o Diretor exasperar-se. O Orientador jura que no apresto não havia razão para censura. O que me faz imaginar alguma esperteza do pessoal do Grêmio envolvido na festa. Abriu-se o pano e viu-se no alto do pódio a figura patriarcal do velho Jó, solene e hierática. A seus pés se ajoelhavam, um após outro, homens sofredores que contavam a Jó suas terríveis provações. E, diante dos argumentos de Jó, um a um iam saindo de lá consolados por concluírem que ainda era o velho Jó que se excedia em sofrimento.

Até que chegou um que, coitado... era aluno de uma escola dirigida por um monstro chamado... Romão. Mal acabou o aluno de pronunciar essa palavra - Romão - explodiu a enorme bola plástica sobre a qual a velho e pacientíssimo Jó estava sentado. O que significou a todos que nem Jó, por mais saco que tivesse, aguentaria estudar na escola dirigida por Romão. E aí aconteceu a explosão geral de risos e de raiva. De risos, dos alunos e até alguns professores, que acharam ótima a esquete maliciosa. E de raiva, do Diretor Romão que soltou um grito de ódio como nunca tinha dado, levantou—se esbravejando, atirou ao léu o mimo oferecido, e saiu furioso pelo centro da plateia. Um grupo de alunos tentou apupá-lo com expressões de "Fora Romão", "Queremos o sangue do Romão". Mas à sua saída repentina e na expectativa de alguma loucura por parte do Diretor, uma onda de silêncio acabou por encobrir as manifestações. Enquanto isso, naturalmente, por detrás da cortina fechada, notava-se o corre-corre dos atores, surpresos consigo mesmos pela ousadia cometida. E a festa acabou por aí, com a massa de alunos se dispersando e os professores comentando com alguma apreensão o ocorrido. Foi assim que o cômico terminou em trágico na festa dos professores deste ano.

Outubro, 21. As dificuldades financeiras por que passa a professora Má vão lhe sugerindo uma reavaliação de relacionamento afetivo, tanto com o amante que lhe proporciona prazeres sem dinheiro, quanto com o antigo noivo que lhe proporcionava mais dinheiro que prazer. Afinal o ciúme doentio dele era um desmancha-prazeres entre os dois. Seria muita maldade atribuir essa revisão do amor apenas ao aperto financeiro em que se via. Embora esse aperto tenha em parte sido criado pelo seu instinto de liberdade que exigiu um apartamento só para ela. Morasse numa república,

e os gastos seriam bem menores. Ao preferir a solidão com aventuras, porém, nunca imaginou que a situação do País se deteriorasse tanto a ponto de um professor não aguentar pagamento de aluguel.

E começou a viver uma situação paradoxal: muito amor e pouco dinheiro. Minha amiga Má não é tonta. Viva que é, pôs-se a reconsiderar toda a situação. O amante Beto lhe dava muito amor mas nenhum tostão, por mais rico que fosse. Concluiu daí, depois de várias tentativas, que o seu Beto era um egoísta. E concluiu também que, afinal de contas, o antigo noivo a amava de verdade: com o amor lhe dava com que manter—se. O que estragava um pouco (e esse abrandamento da opinião anterior era recente!) era o tal ciúme. Mas, por exemplo, não achava mais justo tratar o amante a pão-de-ló adquirido com o dinheiro do outro. Cortou o vinho, o caviar e as velas dos primeiros tempos. Pois via que não havia reciprocidade do outro lado: era o prazer e tchau mesmo!

A antiga paixão que Má pensava transformar em amor com o tempo vinha acabando num relacionamento frio e mecânico. E curiosamente o esfriamento de um fazia renascer pouco a pouco o amor ao antigo noivo. Este também, nos tempos de abandono, meses de exílio longe de sua amada, deu de rever os exageros de seu ciúme. Para tanto se pôs a analisá-lo, a dissecá-lo na anatomia: queria conhecer-lhe a constituição. E percebeu com horror os nervos do egoísmo que ao simples olhar da vítima se contraíam. A noiva não era uma criatura independente dele, senão muito simplesmente um objeto pessoal. Nem ela podia olhar em redor de si nem outros podiam olhar para ela: era um objeto, uma posse. Qualquer ousadia da outra exasperava-lhe o ciúme que lhe mordida as entranhas. Pois não é que a noiva tentou a mais ousada das ousadias que um objeto pode imaginar? Fugiu de perto dele, escapou-lhe às investidas, e, livre enfim do tirano que a oprimia, fez de tudo para esquecer o antigo amor.

Ah, a liberdade! Com o passaporte da liberdade a Má conheceu novos mares e novas terras do amor. Enlouqueceu com o que viu. Teve às mãos as ilusões de outros homens, percorrendo-lhes acima dos corpos parecidos os ridículos diversos que os caracterizavam. E a cada fim de amor com outro homem pelos caminhos da liberdade, ela se lembrava de seu primeiro homem, com quem convivera por longos anos, que endoidecia e a endoidecia nas grandes lutas da cama, atirando sobre ela os mastins

furiosos de seus furiosos sentidos que a dilaceravam e a prostravam em êxtase sem fim. Terminada a guerra de amor, porém, logo renasciam as pequenas e terríveis batalhas do ciúme, que ela nem queria lembrar. Mas os tempos de deserto que ela procurava esconder com adoração provisória e decepcionante de novos deuses, e ele tentava ignorar com as simples recordações dos tempos felizes, na verdade lhes amadureceram as almas, lhes pensaram as feridas, obrigando-os a se fitarem de novo frente a frente numa nova descoberta. E minha boa amiga Má e seu antigo noivo voltaram aos braços um do outro para começar novamente a deliciosa aventura do amor que o ciúme interrompera.

Revistos os amores, procura ela desfazer-se de seu amante Beto cujo egoísmo foi de todos o mais cruel. Foi-se a ilusão de tempos atrás quando às sextas feiras se pintava e se vestia como a dama da noite. Era época de conquista. Agora, decepcionada, volta a quem pelo menos cuidava dela. Com uma diferença; afinal os tempos de deserto não foram em vão. Agora ela é outra mulher. E o noivo percebeu isso. Mas ele também mudou. Aguardaremos em que vai dar esse amor renovado!

Outubro, 24. A velha dona Isabel está prestes a se aposentar. É um tema constante neste final de ano na sala dos professores. E noto um fato curioso: tanto ela quanto os outros apreciam o assunto. Mas o apreciam por razões diversas. Ela por apanhar a palma da vitória. Afinal foram anos e anos suspirando por esse momento de ócio total. Ah, não fazer nada, não ter compromissos, não obedecer horários - receber sem trabalhar! Fica quase sem jeito (embora goste) de discorrer da aposentadoria entre professores tão moços ainda, tão cheios de ilusão. Ela já perdeu as ilusões. Seus olhos tranquilos deixam transparecer um ar de quem não acredita mais em ilusões. Há um fundo sardônico no sorriso manso que lhe acompanha o olhar. Pois ela também havia sido moça, cultivara os mesmos ideais, tivera ímpetos de renovação e com o tempo, a cada turma, ia desanimando do ser humano. Até que por fim trabalhava por trabalhar. Só lhe restava então o sonho da aposentadoria, porque acabara com a vista apenas dentro de si mesma.

Já os outros professores apreciam o assunto da aposentadoria de dona Isabel por outra razão. Por piedade dela ou para se ver livres dela? Ou

por ambas? Possivelmente por ambas. Por piedade dela num gesto de solidariedade. Dá dó vê-la em seu cansaço desanimado, que lhe invade os membros do corpo e as potências da alma. “- Ela já morreu e não sabe!” - confia a leda com certa malícia. De outro lado, para se ver livres dela. Porque uma pessoa assim, vivendo apenas por lei da inércia, contagia quem convive com ela. A gente acaba por bocejar com seu bocejo. Como se o mofo espiritual que lhe emana de dentro começasse a invadir quase fisicamente as narinas dos companheiros. Pobre dona Isabel! Não se aperceberia ela dessa piedade e dessa repugnância camufladas que todos lhe votam? Não deixa perceber, pelo menos. Há de ser um ponto de honra do que lhe resta de orgulho. Então sorri apenas junto conosco seu sorrisinho de fina ironia de quem parece dizer: esperem mais um pouco que eu também quero ir embora! E me ponho a contemplar seu rosto redondo, emoldurado de belas cãs, os olhos baixos, como se estivesse atenta somente para si mesma. Cheguei a surpreendê-la em cochilo alguma vez.

Outubro, 27. Alguns alunos, sob o comando de diretores do Grêmio, começam a organizar um movimento para afastar...a quem afinal? Nada menos nada mais que o próprio diretor Romão. A atitude deselegante de Romão, na festa dos professores, de atirar com desprezo, como a devolver, o mimo recebido dos alunos repercutiu pessimamente. Essa atitude lembrou, num átimo, outras atitudes autoritárias de nosso homem contra professores e alunos; e os sentimentos de todos direta ou indiretamente se avolumaram canalizando-se para o Grêmio. Assim o menino, castigado por sublevar os alunos do período da manhã enquanto pediam o sangue de Romão, juntou seus reclamos aos reclamos da professora proibida de conversar a sós com o colega através de uma advertência indireta; ambos se uniram aos reclamos de toda a comunidade estudantil que pela palavra de Olho Vivo se rebelou contra o fechamento dos banheiros. E esses reclamos todos, e essa gente toda, e essa raiva toda foram apanhados pelo Presidente do Grêmio e transformados em exigência de mudança do Diretor, imediata e indiscutível, sob a pena de levar o assunto pelos jornais. Porque até à Secretaria da Educação o assunto já havia sido levado por escrito a fim de que ela tomasse as medidas cabíveis.

A notícia do comportamento dos alunos caiu feito pedra em caixa de marimondo: alunos e professores agitaram-se abespinhados pelos arredores e pelo recreio, repercutindo até na sala de aula. Romão recebeu a informação com certo desdém de um homem seguro de sua posição. Aparentemente apenas. Andava mais agitado, o rosto mais crispado. Notava-se, porém, nele, em seu olhar principalmente, uma espécie de vontade irrefreável de vingança. E não adivinhava como. Era uma fera acuada, cônica de sua força e, ao mesmo tempo, não sabendo para onde ir. E os alunos, em cujo olhar resplandecia também a alegria de uma possível vingança, assemelhavam-se a meninos impiedosos que, sem muita coragem para atirar-se ao bicho que lhes estava à mão, procuram maneiras de meter-lhe o aguilhão nas carnes.

Entre os professores as reações se dividiam a respeito do caso. Os antigos, sempre saudosos dos velhos tempos da educação nos jovens, manifestavam-se pelo Diretor Romão. A velha Isabel concluía: "- Onde já se viu esses moleques fazerem aquela brincadeira com o coitado. É uma falta de vergonha geral!" Outros mantinham-se num duvidoso silêncio que nem os desculpava nem os incriminava. A professora do ano - amante do Gugu - situava-se entre esses. Alguns havia, porém, declaradamente pelos alunos; como nosso Orientador e Maria Clara. Sim, minha noiva não teve dúvidas em pôr-se ao lado dos mais fracos. Não se adivinha por enquanto quem vencerá a partida, se os alunos, se o diretor Romão. Os ânimos estão fervendo a ponto de explodir. Minha conclusão: a tirania com o tempo restringe seus próprios limites; é suicida. Mas para que servem minhas conclusões? O espetáculo dos ânimos exaltados vale por si.

Outubro, 30. Minha grande paixão na verdade é o simples ato de ler e escrever. Ato simples e excitante ao mesmo tempo. Ato de duas faces que se completam no êxtase da criação literária. Até há pouco tempo, pensava que minha paixão brotasse como decorrência de minha profissão de professor de Língua e Literatura Portuguesa. Hoje vejo que não. Minha profissão é que no fim das contas proveio dessa paixão antiga cujas raízes profundas se aferram no solo ainda selvagem de minha adolescência. De fato, quais eram os amigos que pouco a pouco foram povoando a solidão dos quinze anos, saudoso das graças da infância? Os livros. Era neles que

buscava apoio, esclarecimento, beleza, êxtase, consolação, erudição. No vasto silêncio em que me transcorreu a adolescência, vivi na companhia de livros amigos. E eu retribuía com carinhoso cuidado a graça que eles me propiciavam.

Além de ler, dos quinze anos para cá não fiz mais que escrever. Escrever os poemetos ingênuos nas férias colegiais, quando as delícias da vida simples começaram a surgir diante de meus olhos extasiados. Escrever com gosto os exercícios obrigatórios das aulas de Português, quando a tentação do termo exótico me seduzia. Escrever pacientemente o Diário, os pequenos contos da juventude, as reflexões logo abandonadas pelas crônicas literárias. Ler e escrever, eis tudo: ideal, razão de ser, paixão maior de minha vida. Tudo em função desse ato de inteligência. A vida vale por este simples exercício de ler e escrever. Mesmo que ninguém me venha a ler uma página do que escrevo. Possivelmente único ato que procuro é o de ler.

Explico-me. No fundo de mim o que procuro de verdade é a contemplação do belo. Daí o êxtase da leitura. Daí, e até acredito nisso, essa inconsciente vontade, essa nunca satisfeita vontade de ler que acaba se tornando o ato de escrever. Ao escrever - meu Deus, nunca tinha pensado nisso! – ao escrever, de fato eu estou é lendo o que me vai por dentro. De onde posso concluir também (e eu nunca tinha cogitado disso) que minha verdadeira paixão é a contemplação do belo. Eis o que venho procurando desde minha adolescência: o belo! Acabo de descobrir, portanto, minha vocação de contemplativo. Quem diria!

NOVEMBRO

Novembro, 02. Dia dos mortos na verdade não é dia dos mortos; é dia dos vivos. Dia de quantos ainda permanecem vivos na memória da gente, apesar da morte. E se permanecem vivos é porque deixaram atrás de si a marca de um carinho, de um sorriso, de uma palavra, de um convívio. Convívio, palavra, sorriso, carinho que repercutem em nossa lembrança e ecoam depois eternamente, transformados. Quantos vivos que já

morreram em nosso coração e cuja inveja, cujo ódio, cuja maldade, cuja hipocrisia são as pedras que os sepultam para sempre. Neste sentido prefiro hoje "deixar que os mortos enterrem seus mortos", arrastando sobre si o esquecimento de todos. E no silêncio de meu quarto monástico convoco a presença imorredoura de tantos e tantos que passaram por minha vida. E eles vêm, os meus mortos vivos, vêm vindo docemente numa ciranda alegre, juntos, mesmo que tenham vivido em tempos diversos, um a um, apesar de juntos, para me dizer sem palavras, apenas por seu inefável sorriso, que a bondade vale a pena, que a paz é melhor que a discórdia, que o amor é preferível ao ódio.

E de repente, no mundo do silêncio de meu cubículo austero, parece-me ouvir uma suave cantiga, uma cantiga que era ao mesmo tempo de uma voz e de muitas vozes que invadiram minha solidão e me fizeram participante dessa alegre ciranda. E me senti amigo de meus mortos: parentes, amigos, companheiros, homens, mulheres, alunos, professores, crianças, jovens e velhos. Todos presentes. Juro que a companhia deles fez brotar em mim um novo ânimo, um desejo profundo de viver para deixar no caminho, como eles, o perfume de bondade.

Ao lado deles notei a inutilidade de títulos e honrarias que se desfazem com a imagem provisória do corpo. Ao contrário, inspiraram-me eles naquele curto instante que a riqueza interior da liberdade, do respeito, a graça oculta das virtudes é o que compensa durante a peregrinação da vida, é o que de fato torna felizes. E terminou meu êxtase. E acabrunhou-se de novo a solidão. E senti saudade da cantiga e da ciranda dos que se passaram para a outra margem e nos aguardam na paz de Deus.

Novembro, 05. Rei morto, rei posto - dizia o provérbio antigo. E hoje todo mundo na escola comentava: - Diretor deposto, novo Diretor. Sim, o excelentíssimo senhor Romão, Diretor desta escola foi devidamente promovido para ser devidamente removido de nosso meio. Uma coisa ficou clara: ninguém fez cara feia! Até os mais conservadores, por prudência mais que por prazer, mostraram-se satisfeitos com a atitude dos donos da escola. Assim sendo houve discursos de praxe em ocasiões como esta, onde até os alunos diziam sentir-se surpresos com o afastamento de tão distinto e

amado Diretor. Mas tanto o Romão, quanto o aluno adivinhavam as reais intenções dos salamaleques dos discursos.

E com uma salva de palmas, e com muitos apertos de mão, lá se foi o até ontem aborrecido Diretor. Foi-se embora para satisfação da vaidade dele e para a alegria de toda a comunidade escolar. A saída do Diretor Romão me obriga a algumas considerações sobre as consequências das mudanças de Diretor. Sempre se pensa que o novo administrador será melhor que o primeiro. O que não passa de um ledó engano, às vezes... Por exemplo, o antecessor de Romão era um excelente profissional, um homem ao mesmo tempo técnico e humano, respeitador das pessoas, compreensível e sério, que tomava uma cervejinha com os companheiros, mas exigia deles o máximo empenho. Com Küller a escola vivia um ambiente descontraído onde a equipe passava as suas horas numa atividade que não pesava. Trabalha-se com gosto. A escola era uma grande família em que os membros se entendiam, colaboravam, opinavam para o bem comum. A autoridade não pensava apenas em si; existia para a comunidade. O diretor acompanhava o trabalho de cada um, conhecia cada companheiro seu com particularidades de interesse. Tentava acertar situações injustas, lutava por quem se interessava, interessava-se por cada qual. O diretor anterior a Romão impressionava por sua inteligência lúcida que lhe permitia enxergar o que a maioria não enxergava, tirar conclusões que escapavam aos outros, e propor metodologias e esquemas cuja alcance só com o tempo os companheiros admirariam. Pude ainda experimentar como aluno a presença desse Diretor nos meus tempos de colégio.

Havia então na escola uma alegria como nunca: excursões das classes, festas inesquecíveis, concursos de todo tipo. Os professores eram de primeira linha, todos com nível superior: a qualidade do ensino e a preocupação com a aprendizagem eram visíveis por todo canto. Aquele Diretor fazia questão de visitar as classes, escutar os problemas da boca dos próprios alunos, apoiava de público e em particular as iniciativas do Grêmio que, no seu tempo, adquirira um respeito e uma representatividade nunca vista antes nem depois. Era ele que incentivava as eleições, proclamava a participação dos alunos nas decisões da escola, e recebia com orgulho os pais dos alunos nas reuniões de pais e mestres. Enfim, era um elemento catalisador, que provocava a efervescência dos espíritos, mas dela

participava com entusiasmo. Um dia, porém, esse Diretor foi promovido e pronto: acabou nossa alegria. As despedidas foram verdadeiramente comovidas. Houve lágrimas de todos. Os discursos eram sinceros.

Mas aquele Diretor se foi. E veio o substituto, nosso amável, nosso gentil-homem, nosso educado Romão que, como tudo na vida, também partiu. E, neste caso, sem deixar saudades.

Novembro, 08. Uma companheira da gente está sendo submetida a uma cirurgia neste exato momento. Cirurgia delicada da qual poderá resultar a vida ou a morte. Todos estamos torcendo por ela, pelo êxito da operação, que nos traga de volta a alegria que era a marca maior da Cida. Pois é, aquela mulher alegre, cheia de vida, de um momento para outro se vê longe de seu meio, de seus amigos e parentes, a braços com uma solidão cruel da qual ninguém pode arrancá-la. As visitas não lhe retiram nem diminuem a dolorosa constatação de que não comanda mais seus atos, mas está totalmente nas mãos dos outros. As carnes mirradas pelo forçado jejum que recusa todo alimento desviam os olhos de quantos tentam detê-los no rosto chupado e nos olhos mortiços que, não faz muito, inversamente, atraíam a vista por sua irradiação.

Há meses que a pobre Cida, separada de nós, sofre seu mal, encontra-se prisioneira de sua dor. E a cada dia que passa, um véu de silêncio vai caindo sobre a lembrança dela, provocado pela distância. E o silêncio há de ser completo com a anestesia que lhe tolheu por enquanto os movimentos da vida. Que sensação provou a companheira minutos antes da aplicação ao ver-se cercada de familiares mais íntimos em cujos olhos lia a dúvida que os assaltava. O passo foi decisão dela, decisão corajosa, mas inevitável se optasse pela vida. Optou pela vida sem excluir a morte. E na caverna de sua solidão, que a penumbra do quarto do hospital insinuava, voltou os olhos para o passado, para a única certeza por que passou nos seus quarenta anos. E a memória, como num filme projetado da frente para trás, foi se distanciando do presente e caminhando para terras meio nubladas do passado. A certo ponto, possivelmente, não distinguisse entre o sonho leve proveniente do jejum e a memória pura e simples, tão claras se lhe apresentavam algumas cenas da maturidade com sua família, da juventude com suas lutas e aventuras, da sofrida adolescência de mocinha órfã a lidar com a madrasta, da infância lá longe, tanto mais bela quanto

mais distante, ao lado da mãezinha doente cujo sorriso lhe era agora de bálsamo para a grande provação. Já estava desenganada.

E não por palavras dos médicos que sempre lhe davam esperanças. Desenganada finalmente pela posição dos médicos da junta: alguns não desejavam a cirurgia, outros dispunham-se a fazer a vontade da paciente que era de se submeter à operação. E foi essa a posição vencedora. Mas a pobre Cida percebia tudo no ar. E entre a vida possível e a morte quase certa, coerente com o seu característico amor à vida, buscou-a num ato de desespero. Não aceitava o fatalismo da morte. "- Morrer todos haveremos de morrer!" - exclamava ela a si mesmo. E concluía: "- Mas que seja depois de esgotadas todas as tentativas!". E hoje finalmente está ela à beira do abismo, entre a vida e a morte, enquanto longe dali pedimos a Deus no-la conserve ainda, alegre a feliz, por longos anos.

Novembro, 11. Maria Clara e eu nos últimos preparativos para nosso casamento. Será em janeiro, nas férias de janeiro, possivelmente em terras do nordeste onde curtiremos nossa lua-de-mel com praias e coqueiros, com arte e história daquele povo bem brasileiro. E Maria Clara conseguiria desfazer-se de sua verdadeira paixão pela arte ainda que fosse na lua-de-mel? Eu acrescentaria: principalmente na lua-de-mel. Porque ela é uma mulher de silêncio, de contemplação, de tranquilidade. E tudo isso a lua-de-mel proporciona aos noivos. Assim pelo menos esperamos. Maria Clara... o nome não diz tudo? Lembra as águas cristalinas das fontes, as manhãs ensolaradas de céu azul, as montanhas deliciosas perdidas no horizonte, os pássaros canoros de umbroso bosque, a graça única de uma rosa cor de rosa de jardim, o êxtase de madrugadas silenciosas. Tudo isso ela me lembra, tudo isso ela desperta em mim quando apenas a vejo ou quando me vejo ao pé dela.

Nem as preocupações inevitáveis desses últimos dias afasta de mim tal lembrança. Ao contrário, a convivência cresce em função de detalhes e acertos finais de mobiliário, de apartamento, de arrumação. Encontramos mais vezes e a cada encontro aumenta o silêncio da contemplação a que nos entregamos. E damos-nos um abraço comovido e um beijo prolongado que são como os primeiros brotos de nosso amor. Decidimos nos casar com muita simplicidade de trajes, uma pequena recepção para familiares e conhecidos, a viagem, essa sim bem longa, e depois o

apartamento que há de ser um reflexo da graça e da delicadeza de Maria Clara.

Novembro, 14. Permito-me expor a análise que, de uns tempos para cá, tenho feito de alguns companheiros. Bons companheiros, por sinal! Gente de muito esforço, sincera, dedicada à escola e à educação dos alunos. Gente preocupada com o outro lado das coisas e não tanto no sentido poético de ver um significado além do significado aparente; mas no sentido da possível influência que as pessoas sofreriam de forças ocultas, extraterrenas, sobrenaturais ou naturais que sejam. E o que fazem demais esses bons companheiros? Aproveitam seu tempo ocioso, as poucas horas que lhes sobram na lufa-lufa diária para se dedicar ao estudo dos astros e às possíveis influências dos signos sobre a vida do ser humano; analisam com atenção os traços do rosto para concluir daí alguma característica de personalidade dos outros que permitiria inclusive agir com mais acerto diante deles. E é de vê-los a conversar entre si numa linguagem diferente que vai pouco a pouco caracterizando-os como um grupo à parte, justamente o grupo dos iluminados que enxergam uma realidade "que está aí", dizem eles, "está aí nos influenciando!"

E o resultado não se faz esperar muito. Confessam um alívio interior, uma clareza maior do espírito, um sentido para as coisas que antes desconheciam. A ioga substitui a ginástica: é mais sublime. Apela para regimes alimentares que desintoxicam o organismo e que nada têm a ver com a propaganda de tais produtos. Mera coincidência! Procuram o terceiro sentido, aquele olho maior, o olho do meio da testa que enxerga justamente o que os olhos comuns não conseguem ver. Apreciam a meditação transcendental, o despojamento quase total dos sentidos que se desfaz da poluição interna e externa para que o espírito arda feito chama incandescente. Ouvei uma professora dizer a um professor que dizia se conhecer razoavelmente: "- Você pensa que se conhece. Na verdade você se conhece de determinada maneira. Mas quem lhe diz que essa maneira é a melhor maneira, e a única maneira?". E o colega, eu vi que ele ficou meio assim, como se de repente tivesse recebido uma revelação. E assim com cursos, com exercícios, com práticas meio exóticas os componentes dessa confraria quase oriental vão se libertando, segundo dizem, das tensões, das

irritações. A acupuntura, por exemplo, ajuda com o seu tanto. O Orientador, entre cético e desconfiado, à boca pequena, comenta com um ou outro esse apelo ao misticismo como solução para problemas racionais. Conclui ele que acaba sendo um acinte contra a inteligência se a não usa na solução dos problemas. Eu fico quieto porque, sem estudos filosóficos, e com as dúvidas de outros companheiros sobre a única maneira de pensar, já estou perplexo. Procurarei ouvir a opinião de Maria Clara a respeito. Sei lá!

Novembro, 17. Tragédia ou paixão? Minha aluna Carmen e meu aluno Plínio se casaram sábado passado. O casamento foi o epílogo mais consequente de uma paixão que afetava já a própria aprendizagem dos dois. O caso de amor entre Carmen e Plínio já vem desde fevereiro, quando os dois formandos do Ginásio se descobriram no baile de formatura. Conviveram por quatro anos com os mesmos colegas, os mesmos professores e não se conheceram senão superficialmente. Mas no baile a paixão explodiu. Os dois corações palpitarão à meia luz do salão, rosto no rosto, a ouvir a música lenta que parecia querer arrancá-los dali para plagas encantadoras onde apenas os dois vivessem, a sós, eternamente felizes.

Nada ali lhes lembrava a modorra de aulas maçantes nas horas sonolentas da tarde; nem os pavores inevitáveis de cada bimestre diante das provas naquele salão imenso que lebrava o juízo final do estudante; nem a irritação que um ou outro colega lhes provocava nas aulas e no recreio. Nada. Vogavam nas ondas sonoras daquela música divina, embalados por um amor extasiante que tanto mais prometia, quanto menos dizia. Porque eram os olhos, eram as mãos, eram os lábios que diziam tudo sem falar nada. Evitavam os outros que na hora não existiam simplesmente. Existiam apenas eles dois no meio do salão, nos cantos e na mesa bebericando a sós, bebericando um gole gelado de cerveja, provando as delícias preliminares do amor. De repente, nessas curtas quatro horas, eles se revelaram mutuamente com tal intensidade como nunca acontecera antes nos quatro longuíssimos anos de convivência escolar.

E de lá para cá vieram vindo a Carmen e o Plínio num crescente de paixão amorosa que chegava a transformar-se em sofrimento para os dois. Juntos se viam antes das aulas, muito juntinhos os dois a se contemplar com

olhos cobiçosos e compridos, quase desligados do mundo de professores, de colegas, de compromissos, de estudos que os cercava. Juntos se viam depois das aulas, abraçados a caminho da condução, beijando-se delicadamente aqui e ali. Tinham a simplicidade de um casal de pombos que não teme se amar e, que a sós ou em público cuidam apenas de seus arrulhos delicados. Amavam-se – como diria? – amavam-se com uma paixão controlada. O que não deixava de ser bonito de se ver.

Pelo menos não demonstravam a violência de um outro casal que, pouco se importando com seu curso, sumiram pelo mundo, num arroubo de paixão, esquecidos de pais e irmãos (já nem digo de professores e colegas!), precisando de polícia no encalço para voltarem a suas casas. Nem se pense que a paixão durou. Com o susto de se verem na Delegacia, desfez-se todo o castelo de sonhos daqueles adolescentes.

Já o sonho desses adolescentes alunos, Carmen e Plínio, era um sonho que se construía no dia a dia. Um sonho que resistia aos embates de alguns professores escandalizados com a intimidade dos dois e que, nas suas disciplinas, atribuíam a média baixa ao alto fogo do amor. Seu sonho resistia também às contrariedades de pais incompreensivos que atribuíam à loucura aquele louco amor. Onde já se viu duas crianças completamente perdidas uma pela outra, naquela farta reciprocidade de carinhos. E os dois se amavam cada dia mais.

Até que...apesar de professores escandalizados e de pais incompreensivos, aconteceu...o pior (segundo os outros). Porque para eles foi o melhor que se podiam querer. Entregaram-se um ao outro, de modo completo. E tão completo e perfeito que... Carmen engravidou. Ela mesma o contou ao Orientador que a animou a aceitar o filho. E pouco a pouco todos foram sabendo do acontecido. Enquanto preparavam seu casamento Carmen e Plínio comportavam-se sempre do mesmo modo: apaixonadamente. Assustou-se um pouco com a nova responsabilidade, procurou um emprego, os dois transferiram-se para o período da noite. Plínio sempre fora um bom rapaz, pacato e esforçado, o que explica a prolongada permanência de sua paixão até que ambos desembocaram... na gravidez da menina. Superaram a dura fase da reação alheia - dos pais principalmente. E casaram-se enfim. Eu mesmo fui ao casamento e era de ver com que graça a Carmen, com evidente protuberância na barriga,

vestida de branco, com véu e grinalda, adentrou na capela. Colegas e professores estavam lá para apoiar seus alunos. Sejam felizes!

Na vida, a gente aprende de várias maneiras. Boas e erradas. Penso, porém, que o importante é aprender. Se com mais ou menos sofrimento, não importa. Acredito na Carmen e em Plínio. Afinal eles conseguiram o que nossa querida amiga Tuta, que está no Interior, imaginava fosse o melhor e que nem ela conseguiu: casar-se com paixão!

Novembro, 20. Até o fim de ano, o Diretor dessa escola é o Gugu. “- O Gugu?” – pergunta-se com uma ponta de malícia. E por trás da malícia assoma a figura dúbia da professora...a amante. Não se sabe se continuará ou não no cargo para o próximo ano. Nosso Orientador duvida, mais em função do escândalo e de suas repercussões entre os pais de alunos. Porque a figura do Diretor tem de se apresentar aos olhos de todos como modelo. E não haverá a menor dúvida que o homem, o Gugu, no caso, se deixara dominar completamente pela mulher, a professora. Como se Gugu fosse a face masculina da outra que na verdade o tornou um marionete. Quem age atrás do atual e provisório Diretor é uma colega nossa, ambiciosa, inteligente e esperta.

Lembro-me de quando ela começou as atividades entre nós. Era uma moça que fugia do convívio, aplicada inteiramente a suas aulas. Tida e havida como professora rígida, seca, que não brinca com aluno. Vinha daí o alto conceito de competente professora que seus alunos lhe reconheciam. A mudança interior que a transformou também exteriormente começou com seu ingresso na Universidade. E com o início do caso com o Gugu. Agora, ela se impunha pela competência e pela influência. Era na verdade a diretora da escola. Daí a pergunta ferina: “- O Gugu, o diretor da escola?” E era com rancor que essa pergunta corria pela casa. Porque ninguém suporta a mulher, por mais que todos lhe reconheçam a competência. Chega-se ao absurdo de se duvidar da competência (o que é injusto!) em função do caso que ninguém aceita entre nós.

Porque é um outro caso de paixão permanente. E cada qual pensa consigo: se essa mulher deixar o Gugu de lado, ele não voltaria a sua mulher e aos filhos? Toda a culpa cai na coitada da professora. A reação contra a professora acaba redundando em reação inconsciente contra o próprio

Gugu. Porque ele também mudou de algum modo. De independente e simples que era antes de conhecer a amante, vai-se tornando mais vaidoso e dependente à medida do convívio. Não sei se poderia até dizer que foi uma dependência proveitosa, que permitiu ao companheiro se desembaraçar, ser mais agressivo nas propostas, quando antes nos parecia um tanto passivo. Foi junto de Amanda que o Gugu deslanchou. Há que se reconhecer isso.

E hoje, ainda que sem perspectivas, o Diretor provisório assumiu com pujança, apareceu com certo brilho, com satisfação até dos professores e dos alunos. Porque o Gugu, defeitos à parte (que todos nós temos!), é um bom companheiro. Não é vingativo. Não quer o mal dos outros. Ao contrário, esforça-se e ajuda para que a gente obtenha o êxito que se propôs. É um homem tranquilo, que se não exalta à toa, curioso em problemas de cálculo e de custos. De nenhuma ambição. Com ele pode-se discutir à vontade que não impõe um ponto de vista. Maria Clara e eu já nos imaginamos o Gugu na direção efetiva desta escola e chegamos à conclusão de que tão seria uma má aquisição. Sabe-se lá, porém, o que pensam os donos da escola. Preocupados com a imagem da instituição, por certo evitarão o Gugu cujo caso de paixão com Amanda terá chegado até eles. Se Gugu for político e conseguir convencer aos donos será bom para nós e para ele. Porque eles vão exigir a resolução do caso. Gugu terá forças para tanto?

Novembro, 21. Pretendo concluir hoje a análise de minha evolução espiritual feita sobre a influência do Poema em minha vida. Pasqualino, excelente mestre de literatura, em seu pensamento unívoco me ensinou apenas o Poema tradicional, bem comportado, obediente às regras pré-estabelecidas. E ele tentou mostrar a seus alunos que era possível viver, sim, dentro dos limites de metro e rima. Não entendo até hoje como nem por que deixou escondidos em névoas densas os poetas modernistas. Foram estes que me apontaram um caminho alternativo: pode-se viver também um Poema diferente, rico, inspirado, belo, cheio de emoção. Nada de regras, nada de normas, nada de obediência a formas definidas. A única obediência será a inspiração que há de borbulhar do coração e expressar-se na palavra. E dentro de meu espírito entrou a diversidade.

Meus exercícios manifestavam essa nova tendência. Compunha meus poemas escondidos tentando imitar a ousadia inspirada dos novos poetas. De qualquer maneira, era ainda imitação. Imiti os bardos antigos, os incensados modelos clássicos, árcades ou românticos não apenas nos exercícios poéticos pedidos por Pasqualino, mas também nos exercícios a que a inspiração me obrigava nas horas de estudo livre. Imiti depois, possivelmente sem a mesma emoção anterior, mas como expressão de libertação, imitei os modernistas e os modernos, endeusados também por suas obras definitivas dentro de uma liberdade poética invejável. Mas sempre imitei. Cansa imitar. Imitando os novos poetas cismeie que tinha de criar: criar a minha forma, criar o meu poema, criar a minha liberdade.

E coincidiu esse estado de espírito com uma paixão amorosa. Foi a oportunidade maior de me manifestar numa forma totalmente minha, num novo tipo de poema: o meu poema! Minha a inspiração. Meu o sentimento. Minhas as palavras. Meu o poema. Que alívio andar com os próprios pés! Que alívio nadar com os próprios braços! Sentia-me livre como um pássaro na amplitude do céu. E notei uma coincidência. Uma coincidência feliz. Enquanto imitava os poetas - clássicos ou modernos - eu escondia a minha poesia.

Quando experimentei meu estilo de poema – água fresca a correr da rocha pela montanha – a poesia não aceitou mais permanecer oculta: quis manifestar-se. E, de repente, atentei para um fato curioso: meu poema tinha uma forma própria que aparentemente não destoava da forma clássica. Como se de repente os antigos valores – impostos no colégio e revistos na universidade – fossem de alguma forma readmitidos. Isto é, no meu poema existe alguma métrica, percebe-se alguma rima. Claro que sem a rigidez obrigatória de outrora, mas como parte – secundária e graciosa ao mesmo tempo - do meu poema. Só que agora eu era senhor da minha forma. Só que agora não cuidava mais de imitar os outros, fosse quem fosse. Eu era eu finalmente em meu poema. E meu poema por mais modesto que fosse, já era uma obra minha, que despertava sentimentos nos outros. O sofrimento da evolução compensou pelo resultado: eu me descobri, descobrindo minha forma de ser. Sou um poeta feliz, eis tudo.

Novembro, 23. Foi com estas palavras: - “Consegui! Consegui ou não consegui? Consegui!” que a colega Marlene assomou à porta,

abandonando um recorte de jornal onde constava seu nome. No sorriso desajeitado que lhe brilhou no rosto misturava-se uma ponta de desdenhoso orgulho com laivos de impotente rancor. Finalmente conseguira o que fora para ela o desafio quase impossível de tornar-se um dia advogada, com número da OAB. Um dia, involuntariamente, uma colega lhe dissera que nunca chegaria a advogar, porque não passaria nos exames da Ordem. Foi a maior ofensa que alguém lhe poderia fazer. Era duvidar de sua capacidade. Era desconhecer as possibilidades de um espírito voluntarioso. Voluntarioso e amargo. Depois das infelizes palavras da colega, Marlene aceitou o desafio como uma questão de vida ou morte. Não falou um a sobre o assunto. Estudou e deixou o tempo passar.

Marlene é dessas mulheres que se propõem uma ideia, um princípio, um caminho, com uma lucidez quase doentia, não se dispondo nunca a discuti-los e impondo-se a defendê-los até a morte. Isto é, a verdade está unicamente de seu lado. Só ela tem certeza. Sempre ela tem razão. É a manifestação de uma rigidez interior que transparece dos traços duros do gesto e do rosto, onde o sorriso espontâneo morre sob a contração espasmódica dos músculos. Como se o sorriso fosse forçado. Lembra aquelas terras álgidas do polo norte onde o sol não brilhasse senão à força, sem a exuberância natural com que brilha no equador. E Marlene foi passando os semestres na Faculdade de que a colega desconfiava. Ela nunca se referia às palavras da outra. Queria testar-se a si mesma. Falava apenas de um ou outro professor de Direito, quase para lembrar que era o Direito que ela estava estudando. Pagava os horrores de mensalidades, mas não reclamava. Até que concluiu o curso.

Sequer nos convidou para a formatura. Não era o que ela sonhava. Sonhava tão somente com os exames da Ordem que iriam gritar aos quatro ventos que ela era enfim Advogada. E Marlene prestou os exames. Exame escrito: passou. Exame oral: também. E quando viu seu nome estampado na relação dos aprovados pela OAB, recortou a matéria, veio correndo para a sala dos professores onde estávamos todos (inclusive e principalmente a companheira que duvidou dela) e gritou com aquele tique nervoso no rosto que pretendia ser sorriso: “- Consegui! Consegui ou não consegui? Consegui!”.

Saiu dali e foi visitando feito louca (era a sua maneira de expressar sua alegria) os outros setores onde havia outros colegas. E todos nos admiramos. Mais pelo jeito do que pelo fato. Marlene, porém, estava feliz. Provara mais uma vez que consegue o que se propõe. De fato, parecia naquele momento único que lhe interessava mais a afirmação de si mesma que o emprego como Advogada. Pois não pensa por enquanto em deixar nossa escola em cuja secretaria ela trabalha.

Novembro, 26. A companheira Má, a psicóloga, não me contou nada. Fiquei, porém, sabendo que mantém-se à distância do tal Beto e voltou de amores com o antigo namorado. E soube mais: que continua frequentando o Centro. Aqui neste ponto me surgiu uma dúvida. Antes frequentava para obter os favores do amante de quem afinal se separou. Será que agora ela procura garantir os favores de quem realmente gosta dela com ciúmes? Que sei eu? Ultimamente a Má tem evitado conversa sobre seus amores. Prefere discutir os efeitos dos astros sobre o destino. Através de amigos comuns, no entanto, acompanho a evolução de seus amores. E sei, por exemplo, que ela sai com o antigo namorado, que ele continua dando uma mãozinha com dinheiro, que ele quer se casar conforme as regras, enquanto ela aceita conviver sem compromisso. Ambos parecem dois países que antes se queriam muito, depois brigaram entre si, e não sabem afinal como voltar ao jeito antigo. Uma coisa é certa. Não são mais os mesmos de antes: evoluíram. O relacionamento de agora é mais tranquilo por ser fundamentado sobre outros princípios, que não o abominável ciúme de tempos atrás. Antes ele chegava a deixar doida a pobre namorada, pensando em dominá-la de qualquer modo. Já hoje o relacionamento é mais livre. A Má adquiriu uma confiança e uma autodeterminação que amadureceram o amor. Ela sempre gostou do rapaz, pelo menos no aspecto. O homem é bom de cama. A fantasia erótica de Má se exalta com a simples recordação dos momentos que juntos enlouqueciam de amor. "- Na cama ninguém se iguala a ele!" - confessa a professora de quando em quando com um quê de saudoso na voz e nos olhos. Curiosamente, nossa colega - passada a tempestade da paixão de sexta-feira com o Beto - não se abre mais, como fazia até pouco tempo, em coisas de amor. Prefere falar agora de outras descobertas que o misticismo

recente lhe pôs no caminho. Frequenta os cursos de astrologia, de psicognose dos traços faciais, de contemplação e meditação, que me lembram de alguma forma o caminho de Agostinho nas páginas de suas Confissões. Agostinho me veio à mente por considerar a Má também uma mulher que aspira às alturas. Ela como ele não se satisfaz com o pouco, não se acomoda aos limites, tenta vários caminhos em busca de um indefinido Absoluto que lhe satisfaça a fome interior. Apesar dos excessos, é uma bela alma.

Novembro, 29. Não se descobriu o emissário das misteriosas cartas recebidas pelo Murilo, nosso aluno. Toda a argúcia da Diretoria do Grêmio foi inútil para decifrar o enigma. O moço andou aí com uns desmaios que não sabemos se se devem ou não ser atribuídos às cartas ou a algum problema maior que se desconhece. Se não se descobriu o emissário, alegrei-me por descobrir uma moça que está apaixonada pelo rapaz. A Cidinha, depois que viu o Murilo numa imitação de cantor andrógono, com aquele seu peito peludo à mostra, os musculosos braços em trejeitos ambíguos, apaixonou-se por ele. Andava já atrás dele nos intervalos de recreio e gostava muito de estar a seu lado nos ensaios de festa. "- Eu me casaria com este homem de qualquer jeito!" - dizia ela a uma colega do Secretariado. "- Mesmo que ele fosse bissexual?" - retrucou a outra. Respondeu a Cidinha: "- Mesmo assim!".

A Cidinha é uma menina dinâmica, bem educada, que gosta de participar dos eventos da escola. Canta, joga, vibra, escreve e estuda. Sim, escreve com uma facilidade e uma graça especial. O jornal do Grêmio conta sempre com uma crônica da menina. A amiga dela (ela gosta de bater papo com a amiga) falou-lhe da indefinição sexual do rapaz. Dos desmaios que ele vem tendo e que alguns colegas julgavam provir de interna perturbação. Nada disso a desviou de sua paixão. Mas o Murilo, além de sair e conversar com Cidinha, não queria nada de namorar. Preferia se dedicar a seu novo trabalho de maquiar artistas de TV, de frequentar cursos de higiene e beleza, e pronto. Um mistério!

DEZEMBRO

Dezembro, 02. A bibliotecária Claudete está preparando uma lista de livros como sugestão de leitura para as férias. Seu plano distingue idades, escolaridade, gênero de romances para que os alunos optem a gosto. Não bastasse isso, procura também orientar a leitura de revistas e jornais: ela acha que os alunos dos cursos técnicos principalmente têm de se obrigar à discussão política, econômica, artística, além de se interessar por literatura. Aprecio a preocupação da Claudete porque, afinal, vem ao encontro de minha preocupação. “- Professor” - me diz ela com graça - “estou pensando num prêmio para o aluno que mais leu neste ano. ”Eu apoio a iniciativa e me disponho a colaborar com ela. Compremos uma coleção de autor nacional da atualidade para distribuir!” Ela pergunta: “José Lins do Rego ou Graciliano Ramos?” E eu: “Depende. José Lins do Rego para os do Primeiro Grau e Graciliano para alunos do 1º e 2º colegial.” “- E se for alguém do 3º ano do 2º grau?” - pergunta ela com curiosidade. Retruquei com entusiasmo: “Para esses, se for o caso, ofereceremos Guimarães Rosa, Claudete amiga!” E ela esfregou as mãos de contentamento. “É isso mesmo!” - concluiu.

Eu sabia que Claudete aprecia Guimarães Rosa. E fiquei surpreso por não haver citado o grande escritor. Quando lhe perguntei o porquê, nossa bibliotecária respondeu: “- Acho Guimarães Rosa tão divino, e por isso mesmo tão difícil, que tinha receio de afastar os alunos dele. Tinha mesmo! Mas você tem razão: os terceiranistas, pelo menos, precisam iniciar-se na arte dele que é admirável e universal. Vou propor a inclusão de Rosa na sugestão de leituras de férias.” E a Claudete de repente tornou-se exultante. Leitora assídua de Guimarães Rosa, como dos dois outros, não sabia como levar pela mão os alunos a bebericar da água pura de suas obras. E pôs-se a citar as Primeiras Estórias com seus tipos todos esquisitos, loucos, cheios de graça. E dos contos de Sagarana com aquele Augusto e inesquecível Matraga. A Claudete com suas orientações de leitura aos alunos faz mais bem a eles do que muito professor de Português que não tem alma para a arte literária. Boa Claudete!

Dezembro, 04. A excursão que o Grêmio promoveu ao Pico do Jaraguá deu muita satisfação e algum comentário. Maria Clara e eu

acompanhamos os alunos como dois bons excursionistas. Viajamos de trem até a estação. Da estação ao Pico caminhamos a pé. Que delícia andar uns bons quilômetros despreocupadamente, em pequenos grupos, conversando e cantando, boné na cabeça, com a visão sempre diversificada do velho monte. “- Vocês vão pra Pico?” - perguntou no meio do caminho um japonês curioso que tomava sua pinga num bar. A malícia dos alunos transformou a pergunta do homenzinho num estribilho que correu entre eles do começo ao fim “- Vocês vão pra Pica?” - perguntava o rapaz à moça. E ela corrigia: “- Pra Pico vou, né?”

À medida que chegávamos ao Parque do Jaraguá, os pulmões respiravam melhor com aquele ar fresco que vem da mata. E o monte Jaraguá, feito gigante avistado entre as galhadas, a nos convidar para a ousadia da subida. Seriam dez horas quando o presidente do Grêmio gritou em tom de brincadeira e de desafio ao mesmo tempo: “- Quem for brasileiro que me siga!” E fiquei simplesmente estupefato ao ver que todos os alunos e alunas o acompanharam na ascensão. Queríamos subir a pé as escarpas ensolaradas, rípidas e escorregadias do monte. Como se o gigante nos insinuasse à vontade para testar nossa ousadia. Mas todos aceitaram o desafio, os cinquenta. Embrenhamo-nos pelas picadas da mata cuja sombra gostosa nos dispunha a energia. Quando as árvores rarearam a certa altura, assaltou-nos de chofre um sol inclemente, como se nos quisesse impedir a aventura. Avançamos. Depois as pedras se tornaram obstáculo. Mas os adolescentes e os jovens, andando de quatro em certos pontos, suado o rosto, continuavam firmes. E paravam, de quando em quando, para atirar os olhos à planície que se distanciava, e retomar fôlego voltando a cabeça para um ventozinho refrescante. Houve sustos de gente escorregando. Houve momentos de desânimo em alguns, que voltavam a si ao verem mais acima os mais ousados. E pouco a pouco, à medida que a fila indiana caminhava a passos lentos, ouvia-se do alto o grito de vitória dos afoitos, acenando suas bandeiras de camisas amarradas a um graveto. E à medida que a fila cá embaixo diminuía, aumentava no cocuruto do monte a alegria da chegada. Os moços despiam as camisas. Todos contemplando, orgulhosos da vitória alcançada, a cidade imensa espalhada a seus pés. Um ventinho bom aliviava os suores do rosto. Alguns tomavam água. Outros começaram a comer um lanchezinho.

E todos nos pusemos em ordem – todos – para uma fotografia histórica. A conquista foi de todos. No meio o diretor Gugu, de cajado na mão direita e abraçando com a outra mão no ombro do Presidente do Grêmio. Aos pés do Orientador, de rosto sujo, Maria Clara e eu de cócoras e abraçadinhos. E todos ao redor de nós, quem com brincadeiras, quem com caretas, quem em gestos cômicos, fitando a máquina fotográfica ou atirando a vista para as imensidões poluídas de onde a cidade tentava se safar inutilmente. Lá em cima cantamos, comemos, fotografamos e até...namoramos. Sobre uma pedra, à beira do abismo, Maria Clara e eu trocamos carinhos e fitamos a terra e o céu num instante de contemplação. Momento delicioso, quase um prenúncio de nossa felicidade futura.

Dezembro, 07. O professor Luiz recebeu um bilhete apaixonado de uma aluna. Chegou-se ele todo vermelho e perguntou-me ao me mostrar uma meia folha de caderno: "Vê se pode! Vê se pode!" E lá me pus a ler as palavras assinadas por Sandra. "Sandra!" - pensei. E indaguei do Luiz: "Mas não é aquela mocinha loira...de rosto gracioso e corpo sensual que arrasta após si os olhares de todos os rapazes e as ousadias de alguns deles?" "- Essa mesmo!" E tornei a ler as palavras da ginásiana apaixonada. "Meu professorzinho" - começa ela. E brinquei com o colega: "- Professorzinho, hein, Luiz!" E prossegui: "- Não aguento mais te ver sem sentir um frio na espinha. Estou doida por ti. E não acho jeito de me comunicar contigo sobre essas coisas de amor, se não através deste bilhete. Você é muito tímido. Quase não conversa com os alunos à parte. Então, depois de muito esperar a oportunidade, decidi escrever o bilhete. Te amo! Te amo! Te amo! Gostaria de me entregar inteiramente a você. Você não me acha boa? Pois sou toda sua. Vem! Ligue para mim (e deu o número do telefone). E a gente combina de sair juntos. Um beijão da Sandra". "- Sim, senhor! E que vai fazer agora?" - perguntei. "- Telefonar para ela!" - exclamou brincando o professor. "- Vou fazer como qualquer coleguinha dela." E depois de papear sobre o assunto, concluímos que seria conveniente entregar o bilhete ao nosso Orientador. Ele a chamaria e discutiria com ela essa paixão. Afinal o bonito na adolescência é a falta de medida, de visão mais ampla, que não mede as consequências do que pensa, faz ou omite. O que para o Luiz não passava de brincadeira, para a

aluna era sofrimento. Com certa graça, ao fim de tudo, o professor confessou que até gostou do bilheteinho!

Dezembro, 10. Começa o zunzum de demissões entre os professores. Como todo fim de ano. Os alunos imaginam que só eles são aprovados ou reprovados. Ignoram que a avaliação existe também para nós. Durante o ano os olhos da Direção e do Orientador acompanham o desenrolar dos trabalhos. A gente sabe que uns são melhores que outros. Mas a gente sabe também que os humores e as emoções por seu lado interferem na escolha, na avaliação. Convenhamos que acontece isso com o melhor professor. São os limites do homem. Em todo julgamento como num espelho há sempre duas faces: uma da consciência e outra da inconsciência. Por mais clara que seja a imagem que se vê, há alguma influência da oculta. E a sala dos professores neste final do ano me lembra o Cenáculo da Última Ceia onde os professores, feito desnorteados apóstolos, se perguntam: "- Serei eu?" E não duvido até que os mais competentes, dada a possível dupla face do espelho, se atemorizem um pouco.

A companheira leda, com aquele espírito que Deus lhe deu, testa dissipar, rindo e fazendo rir, os ares pessimistas que chegam. "- Que cara, minha gente! Parece que vão ser todos demitidos! E a escola fecha?" leda desanuvia o ambiente. "Feliz é dona Isabel que se aposenta. Não vai mais trabalhar e recebe pontualmente! Hein?". O próprio Gugu, mais próximo à gente nos últimos tempos, solta a sua: "E vocês pensam que eu estou seguro?" E é verdade. Ele é um Diretor substituto. Até ele vem sendo avaliado pelos donos da escola. Se a opinião do pessoal da casa valer, até que o Gugu poderia continuar. Ele está dominando a situação aflitiva em que se via. Impôs-se como Diretor, afastando silenciosamente a influência da professora, sua amante. Comenta-se muito isso. Ela, que apesar de tudo é inteligente, se pôs no seu lugar, desaparecendo de cena. A escola parece ter chegado a um ponto quase ótimo e para tanto tem o Gugu colaborado muito. E assim se chega ao fim do ano. Com a mesma expectativa que o velho ante a aproximação da morte. Pensa-se no pior sem querer pensar. Se vier, que se fará? O que se pode fazer senão tentar desviar a atenção com as piadas da leda e as consolações do Gugu? Espero ter nova

oportunidade para o próximo ano. Agora seja o que Deus quiser. Confio em mim!

Dezembro, 12. José Vicente de novo em cena. O poeta doméstico compôs para os companheiros de trabalho - professores ou não - um lindo poema de Natal. Fiel a si mesmo, todo ano, nosso Poeta escreve sua mensagem de Boas-Festas para todos os que com ele convivem no dia a dia do trabalho. Ele procura dentro de si, no segundo semestre, um tema que convença a si e aos outros. "Cada ano é um tema diferente, próprio e só daquele ano!" -afirma o rapaz. E é verdade. Ora é a simplicidade ou outras virtudes. Ora é a vida-poema onde os substantivos são mais preciosos que os adjetivos supérfluos. Ora a solidariedade ou a importância da união. "- Nem todos os poemas são bem vistos!" - exclama ele com um sorriso ambíguo. E explica:

"- O poema 'A pequena Betúlia' provocou reações irritadas do Romão quando era Diretor. "- Por quê?" - perguntei com malícia. E ele: "Porque ele considerou o poema uma insinuação à revolta contra a tirania... De quem? Só podia ser dele."

José Vicente exultou de satisfação quando lhe contaram que o Romão aborrecera o poemeto. "- Eu compus 'A pequena Betúlia' pensando mesmo numa possível tomada de consciência individual ou coletiva contra todo tipo de opressão. Depois da reação do Diretor descobri que também eu, um simples poeta doméstico, posso animar os outros. Em duplo sentido. No sentido de dispor a alma do leitor para a ideia que se apresenta a ele; e no sentido de indispor o opressor contra o poeta que insinua uma ideia perigosa, a ideia da liberdade."

E nosso Poeta, um bom companheiro que não tem apegos materiais, preocupado apenas com as coisas do espírito, conclui com muita lógica: "- Agora compreendo porque os tiranos perseguem os poetas. O poeta incomoda os poderosos e anima os fracos. O poema se torna uma fresta por onde as almas oprimidas enxergam um mundo diferente. O poema, ainda na simplicidade de sua forma, é uma lufada de ar puro que as almas prostradas e semimortas respiram com prazer. O poema é uma luz que ilumina a estrada escura que permite andar a quem se perdeu." Excelente esse rapaz! Será que quem o vê com seu gesto empertigado, com

seu linguajar insólito, será que vislumbra esses mistérios que lhe estão guardados no fundo de sua alma? Duvido! Creio não errar ao concluir que José Vicente, ao lado de nosso Orientador, ao lado de Maria Clara, ao lado da professora amiga, a Má, foi uma das mais surpreendentes descobertas do ano.

Dezembro, 13. São poucos os alunos que frequentam as aulas: são os que durante o ano faltaram muito. À primeira vista mais parece um paradoxo: que proveito tirariam em poucas aulas alunos que pouca importância deram às aulas? De outro lado, porém, começo a pensar seriamente numa palavra ouvida da boca de professor inteligente: "A única coisa de que me arrependo é de não ter faltado mais na escola nos meus tempos de estudante. Teria aproveitado muito mais!" Eis o que diz um professor inteligente. Não seria verdade? Se o aluno não vem à escola é que, mesmo ciente das punições, algo mais interessante o atrai. No fundo, e na maioria dos casos, principalmente com alunos espertos, a fuga às aulas não seria um sinal de inteligência? De alguém que não se conforma com a banalidade, com a mediocridade, com o infantilismo que acabam considerando o aluno uma criancinha burra.

Mais. Esses alunos de recuperação, na verdade, constituem uma verdadeira avaliação do professor. Do professor que afugentou os alunos ou não conseguiu cativar-lhes a atenção. De fato, e lamentavelmente, há professores que escondem em si mesmos, no seu espírito, um repelente pedagógico que caba por se estender à própria disciplina. "– Não gosto de matemática!" – exclama um pobre aluno. Mas é o professor que não consegue mostrar as graças, a lógica, o valor e a utilidade da Matemática. Então durante o ano, a exemplo do inteligente professor nos tempos de estudante, o aluno procura e acha emoções mais vivas lá fora. Vai ao filme, discute com os amigos, faz o que gosta. É um aluno inconformado, portanto, um aluno inteligente, além de corajoso. Porque ele age conforme pensa.

No entanto, normalmente, esse aluno é desprezado pela comunidade docente. Porque põe a nu a incapacidade de a escola integrar a seu meio os coitados que superam a mediania ambiente. Eis um verdadeiro desafio aos professores: conseguir cativar o filho pródigo que

prefere deixar a casa, pequena para ele, e partir para lugares desconhecidos onde vive à vontade. E o verdadeiro papel do professor é postar-se ao alto da colina, ver quando desponta na distante curva o vulto do moço, e correr a seu encalço para abraçá-lo e beijá-lo. Mesmo que seja nos últimos dias da recuperação no fim do ano. Porque a culpa, no relacionamento professor-aluno, é do professor. O filho pródigo não era inteligente? Se era!

Dezembro, 15. Com simplicidade e alegria, Maria Clara e eu iniciamos a distribuição dos convites de casamento. Coloquei no mural um convite para todos os companheiros da escola. Em janeiro será o casamento. Finalmente. Maria Clara e eu começamos a andar o caminho comum. Não apenas olhando um para o outro na solidão de momentos mais íntimos, mas, de mãos dadas, avançando estrada afora na construção de nosso destino. Daí termos concluído, ela e eu, que o casamento não é o fim triste, senão alegre princípio. Com a união dos dois, termina sim a solidão de gente solteira e brota a comunhão do novo estado. E é aí que eu penso: “- Meu Deus, se separados era tão gostosa a presença e a companhia de Maria Clara, como não há de ser a convivência com ela dia a dia, mês a mês, ano a ano?”

Maria Clara é uma terra virgem, cheia de inefáveis mistérios e de desconhecidas riquezas, pronta para desvendar-se aos olhos de quem a acha. Se a graça de seu corpo atrai a todos, que graça não borbulha da fonte interior de sua alma que se infiltra até em seus dotes físicos? A essa mulher escolhi para companheira. Com ela sonho construir o meu destino. Que delícia beber dessa fonte! Quanta doçura hei de achar à sombra dessa árvore! Maria Clara se parece aos poentes inesquecíveis: obrigam à contemplação. Lá do alto, avistava-se o sol a descambar por trás do monte, e do íntimo brotava no coração um suspiro incontável de êxtase diante do espetáculo. Um espetáculo que se repetia nas tardes mais belas. Maria Clara é esse espetáculo que me extasia os olhos do corpo e da alma! Chego a não acreditar que em breve, daqui a um mês, estaremos juntos, ela e eu, na mesma casa, convivendo e amando-nos docemente. Confesso que não a merecia à minha boa companheira de trabalho. Ela também se confessa feliz de me haver encontrado.

E temos discutido inclusive sobre as causas de tantas e inevitáveis separações de casais. O que será que os obriga a cortar os laços estreitos de antes? E a gente acha que, afinal de contas, nunca houve, ou, se houve, foram muito tênues os vínculos espirituais. Se o casamento não acrescentar nada à solidão dos tempos de solteiro, não pode durar. Com a presença de Maria Clara, com a força que dela me advirá, posso considerar-me um Ulisses e partir para conquistar Tróia. A lembrança de Penélope me tornará um leão indomável, e a certeza que me espera nos umbrais de minha casa me transforma em herói.

Dezembro, 17. Pobre Má! Pobre companheira! De improviso, as esperanças todas lhe morrem. Porque morreu-lhe, de modo fulminante, o namorado. Ontem um colapso o prostrou. Morte estúpida como toda morte. Um golpe financeiro, de que fora vítima, acabou com ele. A companheira Má está consternada. Ambos se gostavam ultimamente, depois de superados os doentios ciúmes e suas conseqüentes discussões. E quando se preparavam para viver juntos, eis a desgraça a separá-los. Nossa amiga anda zozza, quase não acreditando no que aconteceu. Ela chora recordando os tempos felizes que viveram como namorados. “- Ele era tão carinhoso!” - diz a professora.

É a pior notícia deste fim de ano que a gente esperava fosse terminar tão bem. Chegamos a sair juntos os dois casais. E o casamento seria também próximo. A Má, eu gosto muito dela por ter uma alma parecida com a minha. Ama as coisas do espírito. Anda sempre à procura da verdade. Aborrece a tirania. Morre pela liberdade. Apaixona-se facilmente por gente inteligente. A própria paixão que a arrebatou durante meses tem a ver com isso. “- O Beto é um homem inteligente!” - arrematava ela com alegria. Gente acomodada, gente dependente chegavam a irritá-la. Era uma mulher em busca da felicidade. E como não a achava nas riquezas, nem na aparência, nem no poder, a companheira Má, numa insatisfação de alma dantesca, sempre foi daqui para lá à cata da felicidade. Participa do grupo místico de colegas que estudam outras alternativas de conhecimento. A astrologia é uma de suas delícias. Interessou-se por Francisco de Assis cuja vida romanceada a fascinou. De Francisco foi para o

Sermão da Montanha. Sabe-se lá agora para onde se dirigirá. Principalmente com a morte estúpida do namorado.

Havia muita gente no velório. E era de se não acreditar que a moça cheia vida de dias antes, de um momento para outro se visse num ambiente acabrunhador, irrespirável como o do velório. Ela me confessou: “- Que horrível é isso aqui! Se a morte me é intolerável por si, nesse ambiente então...” E permanecia por obrigação. Junto ao túmulo, chorou muito e ao fim teve a inspiração de atirar uma rosa, apanhada na corbeile, dentro do jazigo. Via-se que naquele momento enterrava-se todo um mundo, lindo e doloroso ao mesmo tempo, o seu mundo. Todo o passado de ilusões acabou ali. E a flor atirada era a despedida desse passado. Um aceno singelo e doloroso ao navio que deixou o porto e se perdeu oceano a dentro: o navio da esperança. Foi a impressão que me deu o gesto simples dela.

Tenho quase certeza que a companheira Má acaba de entrar numa nova fase de vida. Como se finalmente ela tivesse, através da paixão e da dor, ultrapassado os anos de deserto e começasse afinal a penetrar na terra prometida do amadurecimento. Tomara que ela não mude muito seu jeito tresloucado, emotivo, e principalmente seu amor pelos valores maiores - os espirituais. Através dos dois parâmetros maiores - da paixão e do sofrimento - ela caminhará pela vida afora. E como o pintor que enfim dispõe das tintas da paleta e tem já debuxado no espírito o tema principal, ela começa seu quadro. Seja feliz!

Dezembro, 20. Surpresa dolorosa. A Direção despediu nosso Orientador. Foi como se um raio tivesse caído sobre nossas cabeças. Um silêncio acabrunhador invadiu as salas, os corredores, o recreio, os corações de todos nós. Não, não era possível que a pessoa mais corajosa, mais participativa, o animus da escola acabasse na rua, demitido. Nosso Orientador chegou hoje cedo, disposto na preparação das atividades do próximo ano, discutindo com os professores antes de tomar decisões. E eis que o Diretor o chama para lhe entregar uma carta fria e seca onde se diz que a partir de 1º de janeiro a escola dispensa seus serviços. Esta foi a recompensa dos dez anos de dedicação aos alunos e de colaboração com os funcionários da casa. Teve gente que chorou. Maria Clara, por exemplo. Nosso Orientador, por mais que aguardasse alguma surpresa neste fim de

ano, me pareceu aturdido, como quem bate com o rosto por terra de um momento para outro. "- Há três coisas na vida que a qualquer instante me podem acontecer: ser assaltado, ser despedido, e morrer. Assaltado já fui. Estou sendo despedido. Ainda não morri. Enquanto estiver vivo, lutarei."

À boca pequena, procurava-se uma explicação para o caso. E alguém levantou a hipótese, absurda, mas perfeitamente possível, de que a professora amante tenha feito a cabeça do Diretor. "- Não duvidem! Ela também é Orientadora de formação. Se de repente o homem é efetivado como Diretor, eis uma excelente oportunidade de se promover." Não acredito nisso. Ao contrário, a professora se dava bem com nosso Orientador. Mas a hipótese do outro começou a andar de boca em boca, de ouvido em ouvido, a girar com mais força. De um momento para outro a escola inteira, as vésperas do Natal, levanta-se feito turbilhão incontrolável contra a demissão de nosso Orientador.

Do silêncio do basbaque passou-se ao cochicho no ouvido que evoluiu até a explosão da comunidade escolar. O Diretor Gugu não imaginava a reação do grupo, possivelmente por ter a vista toldada pela paixão à amante, que a gente supunha viesse a diminuir em função do cargo de Diretor. Mas não. Cismou de pôr o dedo no vespeiro ou por ingenuidade imperdoável a um administrador, ou por desconhecer a solidariedade dos marimbondos. Se ele fosse esperto, e se tivesse aprendido as lições da história recente na escola, voltaria atrás na decisão tresloucada. Afinal o Diretor Romão não acabou atraindo sobre si a ira de professores e alunos a ponto de ter sido transferido ele daqui? Eis um mau princípio para Gugu.

Dezembro, 22. Despedida de fim de ano. A tradicional festa de despedida de fim de ano tem um colorido especial desta vez: a presença do Diretor Gugu e de nosso Orientador. Uma comunhão completa de funcionários, alunos e Direção como nunca se viu antes. Os alunos se fizeram representar pela Diretoria do Grêmio que fez questão de apoiar a reconsideração de Gugu quanto à demissão de nosso Orientador. E este compareceu feliz da vida pela reação de todos diante de seu caso.

Todos se dirigiram ao "Zio Vito", um restaurante acolhedor, frequentado por grupo de professores numa ou noutra sexta-feira durante o ano. Todos bem trajados, bem humorados, bebericando uma caipirinha

introdutória entre uma piada e outra. Digo sinceramente: comoveu-me a alegria fraterna dos convivas. Maria Clara apresentou-se linda em sua fresca juventude. Os companheiros a disputavam, bem como disputavam nosso Orientador. Neste notei um ar entre orgulhoso e satisfeito. Como de um Pátroclo arrasado na batalha e que, de repente, depois de pranteado pelos amigos, ressurgisse ainda mais feroz na luta contra o inimigo. Uma ferocidade gentil e educada, mas sempre ferocidade. Parecia não se indispor com o Gugu que até chegou a conversar num canto com ele.

O ambiente vibrava com as piadas e as risadas. A leda principalmente estava em estado de graça. Ia de um para outro feito cometa da felicidade: por onde passava, deixava um rastro de alegria. Os representantes dos alunos sentiam-se à vontade em meio aos mestres, desinibidos, animados, vaidosos mesmo. Afinal eram eleitos, eram a própria voz do corpo discente que naquela hora se confraternizava com os professores. Comentavam os êxitos e os fracassos escolares do ano findo, as conquistas exemplares do Grêmio depois de árduas lutas e firme participação de alunos e diretoria. "- E neste ano os alunos e os professores não deixaram de notar que a organização dos alunos é um fato!" - exclamou o Presidente do Grêmio numa mesa. "- Pelo menos para mim ficou clara" - respondeu a leda. "- O simples fato de ter o Grêmio, diante da pressão dos alunos, exigido a substituição do Diretor Romão, merece todos os aplausos. Não é, Gugu?" - concluiu dirigindo-se ao Diretor substituto. "- Pois é!" - arrematou Gugu meio sem jeito e com um sorriso maroto. A amante ao lado, rígida e polida, ouvia sem reagir.

Aproveitou-se a ocasião para homenagear dona Isabel que se aposenta. A velha companheira não dispensou o momento e fez questão de estar presente à festa. Enquanto se comia pizza e se bebia cerveja, dirigirem-lhe a palavra um diretor do Grêmio e o Gugu. Os alunos agradeciam a paciência da Mestreira que como mãe dedicada estimulava os alunos à aprendizagem. O Gugu, em nome da Direção, elogiava a colaboração da professora que por tantos anos servira à escola. Nosso Orientador quis também falar a dona Isabel. Mas era óbvia a aplicação de suas palavras a todos que ali estavam. A certa altura, falou feito um profeta que tivesse a alma repleta de palavras incontrolláveis: "- A participação no processo de ensino – aprendizagem é indispensável na escola. Sem ela, o

que há são pequenas manifestações autoritárias que vão aumentando à maneira que desaparece a participação. O professor que aceita sem discutir, que cumpre sem criticar, não tem competência para ensinar. O aluno prefere o exemplo do mestre que brilha ante seus olhos, a suas palavras vazias de persuasão que se perdem no ar e não entram no coração”. E concluía por dizer que dona Isabel dera o exemplo a seus alunos. Não sei se os outros comensais estenderam a participação também para o caso de dona Isabel. Algum exemplo ela deu, mas duvido que tenha sido na participação. Se houve alguém que aceitava passivamente o que quer que seja que vinha de cima foi a companheira Isabel que se aposenta. O Orientador, na verdade, se aproveitou da oportunidade para proclamar que o professor com que ele sonha não é do tipo de dona Isabel, mas o contrário dela. Nosso Orientador foi muito sutil nesse momento. Pelo menos Maria Clara também acha isso.

Mas a festa não era bem para discurso; era para alegria. E a alegria aumentou quando o conjunto musical sugeriu a dança. Ali no restaurante, nessa hora, desapareceram as diferenças de papel: todos eram amigos. Havia apenas pares de amigos, de coração leve, de corpo leve, dançando docemente ao ritmo da música lenta. A leda parceirava com o Diretor. O Presidente do Grêmio com a Má, nossa amiga Psicóloga. O Orientador foi dançar com professora de Ciências.

Maria Clara e eu acompanhávamos a música com os olhos nos olhos. E o que não me diziam aqueles olhos amados! A luz indireta do ambiente dava à reunião um toque de intimidade. Ninguém pensava mais em classe de alunos, nem disciplina, nem burocracia, nem fofoca, nem cansaço, nem invejas, nem reprovações, nem brigas. Não. Tudo ficou esquecido na treva da noite lá fora. Dentro corria apenas a ambrosia dos deuses, mais satisfeitos do que nunca com a simples presença no banquete do Olimpo bem-aventurado. E pouco a pouco a música lenta se foi movimentando numa valsa deliciosa que arrebatava os espíritos. Mudaram os pares. Os intervalos exigiam mais bebida. Até que o grupo explodiu num carnaval desvairado que desfazia as inibições, arrancava suores dos corpos esquentados, enlouquecia a todos. Ali sim, naquele momento final, a escola era verdadeiramente escola. Cada qual era o que era - livre, espontâneo, alegre, satisfeito com a vida, feliz. Era o grande sonho realizado, era o ideal

enfim concretizado, longe dos preconceitos estreitos, voando todos num espaço infinito, gaivotas tontas do prazer de viver, esquecidas nas alturas do céu, extáticas e frenéticas diante do sol da manhã que surge no horizonte.

Dezembro, 25. As férias começaram. Que delícia! As férias, com sua despreocupação, sua descontração, sua particular alegria, parecem-me um prenúncio da eternidade feliz. Vejo as férias como a poesia: um instante de beatitude. São como a deliciosa visão que se tem na subida de um morro enquanto as mãos, os pés se rasgam pelas duras escarpas. O trabalho evidentemente esconde também um sentido lúdico que o transforma de possível escravidão em alegria incontida. Trabalho sem alegria é um momento de horror. Eu trabalho com alegria, como o agricultor que prepara o campo, semeia, vê o trigo brotar e crescer e o colhe com satisfação. Maria Clara e eu procuramos dar esse sentido de alegria ao trabalho.

E não duvido que seja este também o sentido que nosso Poeta, o José Vicente, vive no trabalho. Tenho em mãos o poema de Natal que ele distribuiu aos companheiros. Todo ano ele mimeografa um poema que é sua mensagem de Boas-Festas. E cada ano ele propõe um tema à meditação da gente. Um tema simples que os versos cantam nas imagens do cotidiano. José Vicente esconde muita poesia no silêncio que o envolve. É um silêncio povoado de imagens interessantes que dão sentido à sua e à nossa vida. Porque nosso Poeta aborrece a poesia do passatempo. Ele procura o outro lado das aparências. O outro lado ou o lado, a parte essencial das criaturas? Confessou-me ele numa das conversas tão deliciosas que de quando em quando encetamos assim de repente: "- A poesia é a graça da vida!!!" "- Mas de poesia não se vive, José Vicente". "Você tem razão. Não se vive de Poesia. Vive-se para a Poesia." Eu: "- Alguns consideram a poesia um simples exercício de passatempo. Seria como jogar cartas". "Quem pensa assim é um bruto. Não há nenhuma diferença entre um homem desses e um cão. A Poesia brota do coração do homem que se extasia diante da criação e corre para o coração dos outros feito água fresca e clara!" E vejo que José Vicente tem razão. A poesia é o ar puro do espírito. Ela é um grito da liberdade contra as diversas expressões de tirania que sufocam o ser

humano. A leitura do poema de nosso Poeta sugere a contemplação, a graça, o infinito.

Dezembro, 28. E lá se vai o ano. Como se vai a vida. A vida é ano de escola com seu início, suas aventuras, suas provas duras e fáceis, seus conflitos e suas maravilhosas solidariedades e seu término inevitável. A provação ou reprovação no fim das contas depende de nós. Na vida, como na escola, aprende-se a cada dia. Menos nos manuais e mais na convivência. Aprendo com nosso Orientador, com nosso Poeta, com a Diretoria do Grêmio, com os alunos aplicados ou rebeldes, com a dona Isabel, com a Ieda, solitária e alegre, com o Diretor Romão e principalmente com minha Maria Clara. A companheira Má, com seus altos e baixos, é a imagem da alma partida em busca de sua definição. É possivelmente uma imagem de mim mesmo tentando descobrir o sentido da vida, buscando com angústia desesperada a felicidade sempre sonhada. Ela encontrou a felicidade? Achou um caminho. Como eu achei o meu em Maria Clara. Aprendo, pois, com uma e com outra. E vão passando os anos. E novas pessoas vão surgindo, e outros companheiros vão ficando para trás.

Seria eu um Pigmalião às avessas, condenado a atirar vida afora para trás e transformá-las em pedra as criaturas com que convivo? Lá atrás essas criaturas se afundam num mar de silêncio, que é o mar da memória, de onde emergem de quando em quando para me lembrar as lições boas ou más que me deixaram. Até que chegue a minha vez como aconteceu a dona Isabel. Que delícia será a aposentadoria - as férias sem fim! - se puder chegar a elas com a mesma disposição de ânimo de minha juventude! Que tristeza será, porém, concluir as atividades como quem deseja um ócio interminável a transformar a vida num cansativo bocejo. A aposentadoria sem vitalidade, sem ânimo, sem juventude, sem ideal é feito férias com imenso espaço de tempo ocupado por interminável solidão. NÃO. Não gostaria de me aposentar para me perder na solidão. Aposentar-se nesse caso é sinônimo de morte. As férias da aposentadoria foram obtidas para se viver: viver para a liberdade, para a verdade, para o bem, para a justiça. Aposentar-se assim significaria deixar, como o Quixote, a aldeia em que se viveu na simplicidade do cotidiano, com o barbeiro, o padre, o contador, a irmã e a sobrinha, para vagar pelo mundo em busca de ideais possivelmente

menosprezados, até, se preciso, morrer por eles. Essa redenção final compensará em parte o tempo perdido com valores menores. De minha parte procurarei o espírito de Dom Quixote desde já.

F I M

1984